



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE**  
**CAMPUS IV - MAMANGUAPE**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES**

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UMA EXPERIÊNCIA COM CONTOS FANTÁSTICOS**

**MAMANGUAPE-PB**

**2019**

**CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES**

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UMA EXPERIÊNCIA COM CONTOS FANTÁSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus IV, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciane Alves Santos.

**Coorientadora:** Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques.

**MAMANGUAPE-PB**

**2019**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

L864l Lopes, Carla de Oliveira Lima.

Leitura literária nos anos finais do ensino fundamental  
: uma experiência com contos fantásticos / Carla de  
Oliveira Lima Lopes. - Mamanguape-PB, 2019.  
154 f.

Orientação: Luciane Alves Santos.

Coorientação: Moama Lorena Lacerda Marques.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM.

1. Círculo de leitura. Conto Fantástico. 2. Ensino  
Fundamental. Letramento literário. I. Santos, Luciane  
Alves. II. Marques, Moama Lorena Lacerda. III. Título.

UFPB/BC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE**  
**CAMPUS IV - MAMANGUAPE**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS**

Aprovada em 29 de 03 de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

Moama Lorena Lacerda Marques Luciane Alves Santos

Profa. Dra. Luciane Alves Santos

**Orientadora:** (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques

**Coorientadora:** (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Fabiana Ferreira da Costa

Profa. Dra. Fabiana Ferreira da Costa

**Examinadora:** (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Hermano de França Rodrigues

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

**Examinadora:** (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

**MAMANGUAPE-PB**

**2019**

## DEDICATÓRIA

À **Deus**, a quem dedico tudo que sou.

À **Pedrosina Fernandes de Oliveira** (in memoriam), AVÓ inesquecível, minha origem.

À **Maria José de Oliveira Lima**, Mãe, minha formadora, meu exemplo de mulher forte e guerreira.

À **Wanderley Lopes da Silva**, esposo amado, meu incentivador.

À **Melyssa Lima Lopes**, filha amada e força que me impulsiona sempre!

## AGRADECIMENTOS

Grata, sou ao meu Deus, que me sustenta, que me fortalece, que é o maior amor da minha vida.

Gratidão a minha família, minha base: **Wanderley Lopes da Silva**, esposo que me incentiva cotidianamente, meu amor, que me apoiou em todo o processo desta formação. **Melyssa Lima Lopes**, filha querida, especial, presente de Deus para mim, por quem me esforço para ser um ser humano melhor em todos os aspectos, Agradeço a minha mãe, **Maria José de Oliveira Lima**, por sempre me incentivar a estudar, a ler e a ser uma pessoa íntegra. E a minhas irmãs, **Edilene Benedito da Silva** e **Rosineide Alves da Silva**, irmãs de alma e tias amorosas, cuidadasas, da Mel, que me apoiaram e me ajudaram sempre. Ao irmão, **Thiago Faustino**, tio zeloso da Mel, que sempre me ajudou como podia. A vocês, minha família amada, meu carinho e amor eterno.

Grata à gestora da escola na qual trabalho, **Érika Maria Galvão**, por todo o apoio e compreensão. Como também **a todos os meus alunos** que contribuíram para a realização deste trabalho. E aos demais colegas de trabalho que me apoiaram direta ou indiretamente.

Ao amigo **Luandson Luis**, por me dar o seu apoio e me acrescer conhecimentos.

Agradeço às minhas orientadoras: **Profa. Dra. Luciane Alves Santos** e a **Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques**, pela paciência, compreensão e por acreditarem em mim.

Meu carinho a toda **TURMA IV – PROFLETRAS**, pelo companheirismo e amizade. Amo vocês!

Agradeço a todos os professores que se dedicaram a me passar um pouco do vasto conhecimento que possuem. Obrigado, professores, exemplos a serem seguidos. Meu carinho eterno!

A toda a **COORDENAÇÃO do PROFLETRAS – UFPB – CAMPUS IV**, em especial, as professoras **Marluce** e **Laurênia**, pelo incentivo, apoio, compreensão e carinho.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para mais esta vitória.

## RESUMO

Muito se tem falado, na esfera educacional, sobre a dificuldade que os alunos têm para ler, interpretar e inferir textos, pois se percebe que muitos deles, mesmo estando nos anos finais do ensino fundamental, apenas decodificam. São os denominados “analfabetos funcionais”. Considerando essa realidade, surge a necessidade da escola, do educador, de formar leitores proficientes, letrados, capazes de utilizar a língua materna de diversas formas e de compreender a importância da leitura como uma prática social e cultural. E, assim, com o desinteresse pela leitura, consequentemente ocorre o esmaecimento da relevância educacional do ensino de literatura, enquanto componente curricular rico em cultura, história, filosofia e, em especial, a ponte que conecta o estudante ao fantástico mundo da imaginação e da leitura. Desse modo, tivemos como objetivo, com o presente trabalho, contribuir para o letramento literário de alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Pedro Régis, litoral norte paraibano, a fim de propiciar aos nossos alunos a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura e o desenvolvimento de suas competências leitoras, buscando promover o letramento literário, enquanto prática social que é. A escolha dos contos fantásticos para desenvolver esta proposta se deu porque esse gênero abrange um universo literário envolvente, instigante, capaz de envolver um jovem leitor com a sua narrativa, podendo levar a ler o texto até o final e, consequentemente, pode contribuir para a formação de leitores proficientes para a vida. Desse modo, acreditamos que este trabalho que tem como *corpus* literário os contos “Flor, telefone, moça”, de Carlos Drummond de Andrade; “O homem do boné cinzento”, de Murilo Rubião e, por fim, “Uma pose para a posteridade”, da autora Laura Bergallo, pode possibilitar aos alunos uma nova concepção sobre a prática de leitura, como sendo um exercício prazeroso e ao mesmo tempo intelectual, visto que ao concluirmos o desenvolvimento deste trabalho, pudemos perceber por meio de relatos dos nossos alunos, assim como também suas práticas no ambiente escolar, que eles adquiriram novas visões em relação à leitura, gostaram do contato que tiveram com o gênero trabalhado, além de terem a oportunidade de aprimorarem a escrita, a forma de se expressar e de se socializarem com os colegas de classe. A pesquisa realizada a partir desse trabalho constitui-se numa pesquisa-ação e como metodologia de intervenção fizemos uso dos círculos de leitura (COSSON, 2014). Para o cumprimento do nosso objetivo, a fundamentação teórica deste estudo está centrada nos seguintes pesquisadores: Andrade (2012), Bergallo (2011), Bessière (2012), Caetano (2001), Candido (1988), Colomer (2007), Cosson (2006 / 2014), Lovecraft (2007), Roas (2014), Rubião (1998), Santos (2006), Segabinazi (2015), Todorov (2009), Zilberman (2005), entre outros.

**Palavras-chave:** Círculo de leitura. Conto fantástico. Ensino Fundamental. Letramento literário.

## ABSTRACT

Much has been said about the difficulty that students have in reading, interpreting and inferring texts in the educational field, since many of them only decode these texts, even in the final years of elementary school. They are called "functional illiterates". Considering this reality, it is necessary that school and educators form proficient readers, literate individuals capable of using their mother tongue in various ways and to understand the importance of reading as a social and cultural practice. Thus, with the lack of interest in reading, consequently, there is a decrease of the educational relevance of literature teaching as a curricular component rich in culture, history, philosophy and, in particular, the bridge that connects the student to the fantastic world of imagination and reading. In this way, we aim with this work to contribute to the literary literacy of the 8th Year of Elementary School students of a public school in the town of Pedro Régis, north coast of Paraíba, in order to provide them the opportunity to develop a taste for reading and developing their reading skills, seeking to promote literary literacy as a social practice. The choice of fantastic tales to develop this proposal occurred because this genre comprises an engaging and intriguing literary universe, capable of involving young readers with its narrative, leading them to read the text to the end, contributing to the formation of proficient readers for life. Thus, we believe that this study based on the tales "Flor, telefone, moça", by Carlos Drummond de Andrade; "O homem do boné cinzento", by Murilo Rubião and "Uma pose para a posteridade" by Laura Bergallo can provide students with a new conception of reading practice as a pleasurable and at the same time intellectual exercise, as we conclude the development of this study, we could perceive through reports of our students as well as their practices in the school environment, that they gained new perspectives on reading, enjoyed contact with the genre used, as well as having the opportunity to improve writing, how to express themselves and socialize with classmates. The research carried out in this work constitutes an action research and as an intervention methodology we will make use of the reading circles (COSSON, 2014). For the fulfillment of our goal, the theoretical basis of this study is centered on the following researchers: Andrade (2012), Bergallo (2011), Bessière (2012), Caetano (2001), Candido (1988), Colomer (2007), Cosson (2006/2014), Lovecraft (2007), Roas (2014), Rubião (1998), Santos (2006), Segabinazi (2015), Todorov (2009), Zilberman (2005), among others.

**Keywords:** Reading circle. Fantastic tale. Elementary School. Literary literacy.

## SUMÁRIO

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                            | 9   |
| <b>1. A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA</b>                                                                      | 12  |
| 1.1 A formação do leitor literário                                                                           | 12  |
| 1.2 Novas metodologias para o ensino da leitura literária                                                    | 19  |
| <b>2. O CONTO FANTÁSTICO E O LETRAMENTO LITERÁRIO</b>                                                        | 26  |
| 2.1 O conto fantástico: uma narrativa favorável para a promoção do letramento literário                      | 26  |
| 2.2 Características do texto fantástico                                                                      | 28  |
| <b>3. CÍRCULO DE LEITURA: UMA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA</b>                                      | 33  |
| 3.1 A pesquisa-ação como metodologia para o desenvolvimento da proposta interventiva de letramento literário | 33  |
| 3.2 <i>Lócus</i> e sujeitos da pesquisa                                                                      | 34  |
| 3.3 Descrição do <i>corpus</i> literário                                                                     | 35  |
| 3.4 Os procedimentos metodológicos: o círculo de leitura                                                     | 42  |
| 3.4.1 A preparação dos círculos de leitura                                                                   | 43  |
| 3.5 Breve abordagem das atividades desenvolvidas                                                             | 46  |
| 3.5.1 Oficinas motivadoras e a de modelagem                                                                  | 50  |
| 3.5.2 Oficinas com o <i>corpus</i> literário selecionado e as oficinas de reescrita dos contos               | 57  |
| <b>4. DESCRIÇÃO DAS FASES DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS</b>                                        | 68  |
| 4.1 Processo de coleta dos dados                                                                             | 68  |
| 4.2 Sondagem                                                                                                 | 68  |
| 4.3 Análises dos resultados: os círculos de leitura como metodologia de letramento                           | 70  |
| 4.3.1 <i>Corpus</i> selecionado: análise de uma amostra das fichas de funções                                | 71  |
| 4.3.2 Produções escritas como resultado das atividades de leitura                                            | 97  |
| 4.3.3 Alguns relatos de alunos participantes da proposta interventiva                                        | 101 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                  | 103 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                           | 106 |
| <b>APÊNDICES</b>                                                                                             | 109 |
| <b>ANEXOS</b>                                                                                                | 120 |

## INTRODUÇÃO

A formação de alunos leitores tem sido uma preocupação constante na esfera educacional, uma vez que o conceito de leitor com o passar dos anos foi se ampliando e alcançando competências mais abrangentes. Houve um momento na educação em que para que o aluno fosse considerado um leitor era preciso apenas que ele decodificasse ou soletrasse alguns vocábulos, porém esta concepção de leitor se modificou, visto que ler não corresponde apenas ao ato de reconhecer letras e formar palavras, frases e textos. A leitura é um processo complexo que requer do leitor capacidades cognitivas para que ele possa analisar, interpretar, inferir e criticar o que lê.

Portanto, formar leitores autônomos e críticos tornou-se uma tarefa árdua para o professor, pois ele terá que formar o educando para exercer a sua cidadania plena, e um fator essencial para que o aluno seja capaz de atuar enquanto sujeito social autônomo e crítico é o domínio da leitura.

Alfabetizar, desse modo, já não é o suficiente, faz-se necessário letrar o discente. E é uma necessidade emergencial, na atual realidade educacional, na qual alguns alunos adentram o ensino médio sem estar ao menos alfabetizados, impotentes diante de um texto e incapazes de inferirem qualquer informação que surja a partir deste.

Ao se propor um trabalho voltado para o desenvolvimento das competências leitoras, muitos profissionais do ensino da Língua Portuguesa recorrem a textos que estejam o mais próximo possível da realidade do aluno, muitas das vezes gêneros textuais com os quais o aluno tem contato cotidianamente, a fim de promover um letramento baseado em textos considerados de fácil apreensão, ou de linguagem simples. E muitas vezes os professores optam por não recorrer aos textos literários para realizar o letramento de seus alunos, alegando que os textos literários, a exemplo de contos, romances, novelas, são de difícil interpretação, a exemplo dos romances, das novelas, alguns poemas e até dos contos, ou que tem uma linguagem rebuscada, podendo, assim, o aluno, não entender o que está lendo. E este é um dos motivos pelo qual a literatura tem perdido o seu espaço no ambiente escolar, apesar do seu ensino ser uma prática repleta de sentido para o professor e, a cima de tudo, para o aluno, conforme defende Cosson (2006).

Perante o que relatamos, o presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção a ser aplicada em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, contendo dezesseis alunos, entre doze e quinze anos de idade, de uma escola da rede pública de ensino do estado da Paraíba, localizada no município de Pedro Régis. Temos como principal objetivo de propiciar a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura, e assim, desenvolverem suas competências leitora promovendo o letramento literário, enquanto prática social que é. A fim de alcançarmos nosso intento, apresentaremos aos nossos alunos alguns contos fantásticos e adotaremos a metodologia dos círculos de leituras (COSSON, 2014).

A escolha dos contos fantásticos para desenvolver esta proposta se deu porque a literatura fantástica abrange um universo literário envolvente, instigante, capaz de envolver um jovem leitor com a sua narrativa, levando-o a ler o texto até o final. Consideramos que, o conto fantástico pode ser um aliado no processo do letramento literário, visto que a realidade própria do fantástico pode aguçar a imaginação do leitor, envolvendo-o no mundo plurissignificativo da literatura, mas também pode proporcionar momentos de conexão entre o literário e o real, desenvolvendo, assim, as competências críticas do leitor. Logo, sendo o texto literário capaz de atrair o aluno para o mundo da leitura, este trabalho defende a revitalização do ensino da literatura em sala de aula, a fim de desenvolver a habilidade leitora do aluno, assim como a capacidade crítica e autônoma, e, consequentemente, promover o letramento literário.

Como *corpus* do nosso trabalho, selecionamos três contos fantásticos da literatura brasileira. “Flor, telefone, moça”, de Carlos Drummond de Andrade; “O homem do boné cinzento”, de Murilo Rubião e, por fim, “Uma pose para a posteridade”, da autora Laura Bergallo.

O nosso trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo intitulado “A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA”, discorreremos sobre a formação do leitor literário, e sobre o letramento literário. Fazemos, ainda, algumas considerações sobre as novas metodologias desenvolvidas e aplicadas, a fim de revigorar o ensino da leitura e da literatura na escola, destacando o círculo de leitura como sendo uma metodologia viável para se alcançar o referido fim.

Na sequência, no segundo capítulo, que tem por título “O CONTO FANTÁSTICO E O LETRAMENTO LITERÁRIO”, apresentaremos algumas considerações sobre a narrativa fantástica, como também o conto fantástico

enquanto um gênero instigante e envolvente, logo, ideal para atrair o aluno para o universo literário, e assim, poder promover o letramento literário no ambiente escolar.

Dando seguimento, no terceiro capítulo denominado, “CÍRCULO DE LEITURA: UMA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA”, apresentamos a pesquisa-ação, como metodologia adequada para desenvolvermos a nossa proposta de intervenção, e o círculo de leitura, como uma prática significativa para a promoção do letramento literário.

E, por fim, o quarto capítulo intitulado “DESCRIÇÃO DAS FASES DA PESQUISA E ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS” abordará a análise dos resultados do nosso trabalho, de forma breve descreverá como se deu o processo de coleta de dados e a sondagem. Apresentará a análise de um *corpus* composto por uma amostra das fichas de funções utilizadas pelos alunos para os registros referentes ao círculo de leitura. E, por fim, exibirá algumas produções de contos fantásticos realizadas por alunos, assim como alguns relatos dos alunos referentes ao desenvolvimento da proposta interventiva.

Para o cumprimento do nosso objetivo, a fundamentação teórica deste estudo está centrada nos seguintes pesquisadores: Bessière (2012), Caetano (2001), Candido (1988), Colomer (2007), Cosson (2006 / 2014), Lovecraft (2007), Roas (2014), Santos (2006), Segabinazi (2015), Todorov (2009), Zilberman (2005), entre outros.

## **1. A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA**

### **1.1 A formação do leitor literário**

Há muito tem se falado na inclusão social do sujeito por meio do domínio da linguagem, que pode possibilitar o posicionamento do cidadão enquanto ser social, capaz de opinar, questionar, sugerir e criticar. Paulo Freire e tantos outros educadores já faziam referência a esta autonomia que o sujeito obtém ao dominar a língua, mas, infelizmente, a ausência do domínio linguístico ainda permanece na realidade de muitos brasileiros, que entram e saem da escola, muitas das vezes, sem saber ler, nem escrever. Tal realidade se faz presente no cotidiano de muitos educadores, que identificam em suas turmas a presença de alguns alunos com dificuldades de leitura e de escrita. E esta situação ocorre, inclusive, em turmas do ensino médio. Uma realidade que angustia o professor e o faz se sentir impotente.

Sendo, portanto, a leitura uma prática essencial ao desenvolvimento educacional e social do sujeito, faz-se necessário, de forma emergente, que esta prática se torne uma constante no cotidiano dos nossos alunos, para formar os educandos enquanto sujeitos autônomos, críticos, capazes de ler proficientemente. Logo, a realidade escolar do nosso país necessita de novas práticas que favoreçam o desenvolvimento das habilidades leitoras de nossos alunos, a exemplo do letramento literário, que, de acordo com Cosson (2006), “é fundamental no processo educativo”, uma vez que capacita o aluno a ir além da simples leitura e a “articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2006, p. 30).

Diante desta realidade, o educador precisa proporcionar aos seus alunos novas experiências de leitura, que possibilitem o contato com textos dinâmicos e práticas atrativas, que encaminharão os educandos, de forma sutil, a realizarem leituras diversas, a atribuírem significado ao texto, a fazerem conexões entre os diversos conhecimentos que possam apreender. Conforme asseguram os PCNs de Língua Portuguesa (1998),

É tarefa de todo professor, portanto, independentemente da área, ensinar, também, os procedimentos de que o aluno precisa dispor para acessar os conteúdos da disciplina que estuda. Produzir esquemas, resumos que orientem o processo de compreensão dos textos, bem como apresentar roteiros que indiquem os objetivos e expectativas que cercam o texto que se espera ver analisado ou produzido não pode ser tarefa delegada a outro professor que não o da própria área. Muito do fracasso dos objetivos

relacionados à formação de leitores e usuários competentes da escrita é atribuído à omissão da escola e da sociedade diante de questão tão sensível à cidadania. (BRASIL, 1998, p. 32).

Podemos perceber, então, que a função de ensinar a ler é papel do educador, não apenas de Língua Portuguesa, mas das diversas áreas do conhecimento, devendo proporcionar ao aluno estratégias leitoras que possibilitem apreender os conteúdos da disciplina que lhe está sendo apresentada, e, desse modo, seja capaz de atribuir sentido aos textos que lhe são oferecidos nas diferentes situações de leituras.

Sendo a leitura uma prática que deve ser inerente ao ambiente escolar, uma vez que, ao se falar do papel do educador não podemos esquecer a função da escola, enquanto espaço de aprendizagem, de formação do cidadão e ambiente de trabalho deste educador que deve auxiliar o aluno a enveredar pelas múltiplas práticas de leitura. Logo, a escola, por sua vez, deve ser um espaço que se dedique à formação de leitores que não apenas decodifiquem, que é a forma como, geralmente, a escola e a sociedade concebem o conceito de leitura: uma mera identificação de signos por parte do educando, mas que o ambiente escolar, assim como a sociedade, consiga perceber que o ato de ler vai além do decodificar, pois requer capacidades múltiplas do nosso aluno, como atribuição de sentido, criticidade e apreensão em relação ao texto lido. Conforme Sales,

[...] O espaço da sala de aula deve ser o lugar no qual se materializa a tarefa básica da escola: possibilitar ao aluno o acesso à leitura enquanto um ato de produção de sentidos. No entanto, pelo que se pode depreender das práticas leitoras desenvolvidas, a escola parece ver a leitura apenas como uma habilidade – decodificação – que deve ser treinada e melhorada com o passar dos dias (ou anos!) (SALES, 2011, p. 131).

Assim sendo, a escola deve entender que o aluno deve estar apto a lidar com as múltiplas leituras que podem lhe ser apresentadas e que vão exigir deste diversas inferências e percepções perante os textos lidos. Portanto, como afirma Sales (2011), “Escola e sociedade precisam estar engajadas e entender que a multiplicidades de leituras que um texto possibilita é o resultado dos múltiplos sentidos percebidos e considerados nas diferentes condições de produção de leitura.” (SALES, 2011, p. 139) Logo, escola e sociedade devem apreender novos conceitos e práticas de leitura que formem leitores autônomos e proficientes,

capazes de inferirem as diversas leituras que lhe forem propostas, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

A fim de orientar a escola a formar leitores proficientes e autônomos, alguns estudiosos têm feito referência ao uso de gêneros textuais diversos no ambiente escolar, pois assim, o aluno poderá assimilar novos saberes e ativar seus conhecimentos prévios ao ter contanto com os mais diversos gêneros textuais, pois como afirma Cavalcante (2013), “a produção de um conhecimento demanda a ativação de conhecimentos adquiridos por meio de outros textos;” (CAVALCANTE, 2013, p. 145).

Assim, alguns gêneros discursivos como a notícia, a propaganda, a bula, a receita, entre outros, são sugeridos para que se desenvolvam as competências leitoras em sala de aula, como uma forma mais acessível de se inserir o aluno no mundo da leitura, uma vez que se considera estes gêneros mais próximos da realidade do discente. Logo, podemos observar que na atual realidade escolar, ao se fazer referência ao estímulo à leitura, a preferência é por textos presentes com frequência no cotidiano do aluno, em detrimento ao texto literário, diminuindo o espaço da literatura no ambiente escolar. Como assegura Colomer,

[...], se assistimos à afirmação renovada desta ideia é porque se está respondendo a um problema imediato: o da mudança das funções sociais da literatura durante a segunda metade do século XX e o da redução de seu espaço escolar em função da leitura “funcional”, do ensino da língua e das demais matérias do currículo. (...), a situação atual é que, graças à extensão da escolaridade, lê-se mais que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios. (COLOMER, 2007, p. 104).

Inferimos, dessa forma, que na atualidade os benefícios propiciados pela leitura do texto literário, muitas vezes são deixados de lado, sendo substituídos por uma leitura considerada mais acessível, contudo podendo ser também superficial. Cabe, portanto, ao educador reconhecer a relevância de trabalhar o texto literário em suas aulas, fazendo uso da literatura, que “na atualidade, tem uma função primordial: de formar leitores competentes para uma sociedade em processo acelerado de transformação” (SEGABINAZI, 2015, p. 31).

O uso de gêneros discursivos oriundos do cotidiano pode tornar o ato de ler mais palatável para o aluno, contudo não se pode deixar de levar em consideração a relevância da presença do texto literário na formação leitora do educando, cuja

presença tem sido cada vez mais escassa nos currículos escolares, pois, o ensino de literatura tem sido substituído pelo ensino das múltiplas linguagens, com ênfase para os códigos tecnológicos. Conforme afirma Perrone-Moisés (2006, p. 20),

Quem se dispuser a dedicar algumas horas à leitura dos documentos do Ministério da Educação brasileiro, referentes ao ensino de literatura, terá algumas surpresas. A primeira é a de verificar que essa área não se chama mais “Língua e literatura”, mas “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. O título já diz muito. Estamos em tempos de “linguagens” no plural, isto é, multimídia, e, entre as linguagens, a verbal é apenas uma, e não a mais importante. Múltiplas linguagens supõem múltiplos códigos. E o domínio desses códigos não é considerado como sendo da ordem do conhecimento, mas da tecnologia. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 20).

Observamos, portanto, que o ensino de literatura tem sido desvalorizado na educação brasileira, como sendo uma prática que não contribui significativamente para a formação do sujeito. No entanto, sabemos da importância que há o ensino da literatura na construção do indivíduo enquanto leitor, e, conseqüentemente, enquanto ser social, uma vez que ensinar literatura, é ensinar a ler, e a leitura gera cultura, como também a literatura é um instrumento tanto de conhecimento, quanto de autoconhecimento, que possibilita o leitor vislumbrar novos horizontes, a dar margem à imaginação e a conhecer um texto carregado de significados que interagem e se (re)significa em vários níveis: o texto literário. (PERRONE-MOISÉS, 2006).

A literatura, enquanto colaboradora significativa no desenvolvimento das competências leitora, deve ser (re)valorizada no universo educacional, assim como foi durante séculos. Mas para que ela possa ocupar o seu lugar na escola, o professor deve utilizar o texto literário em suas aulas, a fim de incentivar e formar novos leitores, e conduzir a leitura literária, auxiliando-os a estabelecer conexões entre o literário e a realidade. Como afirma Caetano (2001, p. 103),

O hábito da leitura e, por consequência, a formação do leitor, só se efetivam na leitura livre, estimulante da imaginação, da criatividade e do senso crítico e isso só se obtém à medida que trabalharmos com a globalização da obra literária dentro de um contexto sociocultural realístico e compatível com os interesses do ser humano envolvido. (CAETANO, 2001, p. 103).

Portanto, a literatura deve fazer parte do cenário educacional da atualidade, uma vez que, ela “é o sonho acordado das civilizações”, logo “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela,(...)” (CÂNDIDO, 1988, p. 174 e 175). Desse modo,

não há como se falar na formação de um leitor autônomo e proficiente, sem que este leitor não tenha tido contato com o texto literário, visto que a literatura tem sido ferramenta de ensino, de educação e de humanização do homem. Pois, segundo Cândido (1988), a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (CÂNDIDO, 1988, p. 175).

Sendo assim, o ensino da literatura é essencial à formação do leitor e do ser humano de forma geral, fazendo-se necessário trazê-la para o ambiente escolar, assim como para a vivência do aluno, a fim de que o texto literário possa ser apresentado de modo a contribuir para a sua formação enquanto leitor ativo, autônomo e proficiente. O texto literário deve conduzir o aluno à reflexão sobre temáticas diversas, a viajar pelo mundo fantástico da literatura, e possibilita-lo a aprender a ver o que antes não era capaz de vislumbrar.

Logo, a formação do leitor literário deve ter como ponto de partida o estudo das obras literárias. O aluno deve ter a oportunidade de ler os mais diversos textos literários, dessa forma o ensino da literatura no espaço escolar não deve estar fadado apenas ao estudo das características das escolas literárias ou dos momentos históricos, como ocorre há décadas, onde “Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos.” (TODOROV, 2009, p. 27). Assim, ocorre nas escolas um ensino mecanizado e superficial da literatura, no qual o professor se restringe a pedir para o aluno uma análise formal e estrutural de partes do texto, sem permitir que o educando realize livremente diversas leituras, conseguindo conectar fatores próprios do imaginário literário à sua realidade, e ser capaz de desenvolver, por meio do texto, uma nova visão de mundo.

A complexa tarefa de atribuir sentido a uma obra literária se tornará acessível ao aluno à medida que ele for acumulando experiências leitoras, e este fator se dará apenas lendo. Para isso, há a necessidade de o professor oferecer textos literários que despertem o interesse para a leitura, principalmente no ensino fundamental, e assim o aluno irá ler outros textos, ingressará no mundo da literatura e começará a adquirir experiências leitoras, familiarização com os códigos literários e uma bagagem literária, que o possibilitará inferir outros conhecimentos teóricos relacionados aos textos literários, que lhes serão apresentados no ensino médio, como afirma Flôres e Rolla (2001):

O ensino fundamental deva dar ênfase à constituição de um acervo de leituras, o mais vasto possível, explorando-o em sua significação cultural, sem preocupação com classificações quaisquer. Será no ensino médio que a sistematização teórica do conhecimento literário poderá ser introduzida, desde que, mesmo então, seja fundada na leitura prévia de textos. No ensino fundamental, a educação do leitor deve passar, necessariamente, por:

- constante exposição a leituras qualificadas;
  - construção de experiências de leitura, a partir da familiarização com o código literário;
  - apreciação estética das obras literárias – desenvolvimento do gosto.
- (FLÔRES; ROLLA, 2001, p. 40).

O professor, por sua vez, deve estudar as obras literárias, para que assim possa orientar o educando a enveredar pelas linhas do texto, e deve apresentar ao seu aluno do ensino fundamental a maior quantidade de textos literários possíveis, e dos mais diversos gêneros, temáticas e autorias, desse modo, o aluno irá, gradativamente, robustecendo a sua bagagem literária, pois Cosson (2006, p. 23) afirma “que o letramento é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. E a prática do letramento se efetivará por meio das múltiplas leituras que o aluno tiver a oportunidade de realizar.

Por isso, o aluno deve ter contato com o texto literário o mais cedo possível em sua vida escolar, se antes dela, melhor ainda, mas caso não o tenha em casa antes de ingressar na vida escolar, o que é uma realidade comum em nossa sociedade, ou, ainda, na educação infantil, porém, no ensino fundamental essa apresentação do aluno ao mundo da literatura tem que ser realizada, a fim de possibilitar a sua formação enquanto leitor literário capaz de atribuir sentido ao que lê, e de estabelecer relações entre o texto e a sua bagagem cultural.

Por conseguinte, cabe ao professor, em especial no ensino fundamental, realizar este encontro do aluno com a literatura, a fim de romper com os estigmas que rotulam os textos literários como sendo de “difícil compreensão”, pois o educador pode começar apresentando textos literários com linguagem mais acessível ao nível do aluno, mas que não deixe de ser um texto que contribua para a formação literária e, que possibilite o educando a ser apresentado a uma com qualidade estética e a partir deste primeiro contato surja o gosto pelo texto literário que poderá levar o aluno a ir se aprofundando no mundo da arte da palavra, como afirma Perrone- Moisés (2006),

É claro que o professor de literatura no secundário deve dosar a sua oferta de leitura, de modo que ela seja acessível para o aluno, mas nunca

transgredirem matéria de qualidade. Dentre os autores e obras disponíveis, existem aqueles mais legíveis, pelos quais se pode começar, e que, sendo bons, darão vontade de continuar, até chegar aos textos mais complexos. E quanto mais o aluno ler, mais será capaz de organizar seu próprio texto. Truísmo por truísmo, lembremos que o objetivo de qualquer ensino deve ser o de elevar e ampliar. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 22).

O ensino de literatura deve, portanto, possibilitar que o aluno eleve o nível de conhecimento, para que assim possa ampliar o seu campo de visão, passando a inferir, apreender e atribuir significado ao que antes não estava ao seu alcance intelectual. Logo, (...) é preciso que a escola confie na capacidade de reflexão do aluno para atribuir sentidos a esse tecido significativo que é o texto. (SALES, 2011, p. 131).

Ampliar as competências leitoras do aluno por meio do desenvolvimento de metodologias que façam uso de gêneros discursivos próprios do cotidiano deste é uma prática que pode ser desenvolvida, e geralmente é, mas “Oferecer aos alunos apenas aquilo que já consta no seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar esse repertório. Qualquer que seja a extração social do aluno, sua inteligência lhe permite a aprendizagem da leitura literária” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28). Assim, ao professor cabe possibilitar ao educando a oportunidade de evoluir, desenvolvendo suas competências enquanto leitor literário, demonstrando respeito para com o seu aluno e estimulando-o a conhecer o universo da literatura, e assim, desenvolver novas habilidades, uma vez que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2006, p. 20).

Segundo os PCNs (1998), “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.” (PCNs, 1998, p.71) Logo, podemos inferir que a formação do leitor literário requer uma seleção de práticas que possam viabilizar a construção do vínculo aluno-literatura, que englobam: a escolha de textos acessíveis ao nível de compreensão do aluno, mas que sejam textos de qualidade; estratégias que tornem o desenvolvimento da competência leitora possível, assim como a ampliação das capacidades de inferência do aluno; o aumento da bagagem literária, e, conseqüentemente, cultural do educando; e, por fim, fazer com que a leitura literária se torne uma prática inerente ao cotidiano do aluno e ao ambiente escolar.

A escola, portanto, deve investir na formação de leitores e deve ser o espaço no qual a leitura seja uma realidade constante, proporcionando ao aluno o privilégio de praticar esta atividade cotidianamente para que possa se aperfeiçoar e tornar-se um leitor ativo e, conseqüentemente, um escritor hábil, pois “Para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos, textos estes que se converterão, inevitavelmente, em modelos para a produção”. (PCNs, 1998, p. 25).

## **1.2 Novas metodologias para o ensino da leitura literária**

Investir na formação de leitores é dever e também uma necessidade emergencial da escola, e para que a finalidade de formar leitores proficientes e críticos possa ser alcançada, é preciso que práticas capazes de proporcionar o desenvolvimento intelectual, e, conseqüentemente, das competências leitoras do aluno, sejam trabalhadas no ambiente escolar, em especial na sala de aula, e se possível, metodologias que ultrapassem as limitações do espaço escolar e alcancem a realidade e as temáticas sociais, se tornando, dessa forma, em exercícios que também proporcionarão o letramento desse aluno, como declara Caetano (2001),

Se visamos à formação do hábito de leitura e ao desenvolvimento do espírito crítico, devemos oferecer atividades e utilizar recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, da criatividade e da tomada de posições. O debate, a livre discussão e as atividades que extrapolam o âmbito da sala de aula não podem ser esquecidos. (CAETANO, 2001, p. 103).

Formar leitores críticos, portanto, é uma tarefa que requer a utilização de novos exercícios e metodologias que proporcionem ao aluno a oportunidade de desenvolver suas capacidades leitoras de modo dinâmico e eficaz. Logo, podemos inferir que, do mesmo modo que há procedimentos para realizarmos nossas atividades cotidianas ou um planejamento para realizarmos uma aula produtiva, do mesmo modo o processo de leitura, a fim de obter sucesso, deve seguir alguns procedimentos que devem ser pensados, planejados, como o intuito de criar caminhos que proporcionem ao aluno a oportunidade de desenvolver suas habilidades leitoras e ser capaz de compreender os textos, e de aprender a partir dos textos que lê. Pois para Solé (1998), devemos ensinar estratégias de leituras

para os nossos alunos “Em síntese, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa. (...) Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos.” (SOLÉ, 1998, p. 72).

A fim de favorecer a formação de novos leitores, a literatura, apesar da desvalorização pela qual o seu ensino vem sofrendo, pode e deve ser uma aliada nesse processo, uma vez que “serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” (COSSON, 2006, p. 20) Mas para que o texto literário possa contribuir para a construção de uma nova geração de leitores atraindo-os, é necessária que a escolarização da literatura se torne uma realidade no universo escolar, o aluno precisa ter contato com diversos textos literários, adquirir experiência literária, enfim tem que conhecer o mundo literário para que possa gostar de literatura. Como também, precisa de um mediador preparado para o ajudar a enveredar pelas trilhas literárias: o professor.

Contudo, para Magda Soares (1999), é perceptível que alguns professores ainda se sentem pouco à vontade em lidar com o conteúdo dessa área do conhecimento, fato que acaba desfavorecendo a compreensão do texto literário enquanto produtor de saberes e de significado. Logo, produzindo o resultado inverso do esperado, pois ao invés de atrair o leitor, acaba por afastá-lo do universo literário e do mundo da leitura.

Por conseguinte, assim como Solé (1998) aborda, o conceito de estratégias que visam o desenvolvimento das habilidades leitora do aluno, a fim de formar leitores capazes de conferirem significado ao que leem, outras metodologias com o desígnio de transformar o espaço da sala de aula num ambiente de vivência literária foram surgindo. Um exemplo diz respeito aos oito temas caracterizadores elaborados por Zilberman (2005), que foram organizados por Barbosa (2011) sendo distribuídos nas três séries do ensino médio se adaptando ao currículo deste nível de ensino, como, por exemplo, no primeiro ano pode se trabalhar os seguintes temas caracterizadores: “Metalinguagem e leitura”, “Viagens, Natureza e Novo Mundo” e “Campo, Sertão e Cidade”; Já no segundo ano e, “Gênero e Minorias” e “Identidade e Etnias”; e, por fim, no terceiro ano, “Política e Revolução”, “História e Nacionalidade” e “Memória e Subjetividade”, a fim de tornar o ensino de literatura mais acessível e condizente com as necessidades deste segmento. De acordo com Barbosa (2011, p. 13), o ensino de literatura a partir da organização do conteúdo e

da escolha dos textos com base nesses eixos temáticos, permite reparar dois problemas do ensino de literatura,

Primeiramente, a tradição dos estudos da literatura brasileira que obriga os alunos do Ensino Médio a tomar conhecimento da existência de autores e títulos de obras eleitas pelo cânone, que eles só chegam a conhecer através de pequenos trechos, descontextualizados de suas condições de produção. Segundo, evita-se estudar a literatura de uma perspectiva diacrônica na qual o “novo” é sempre melhor e mais apropriado do ponto de vista estético, a não ser que “antecipe” características da escola que vem. (BARBOSA, 2011, p. 13).

Inferimos, portanto, que metodologias análogas aos temas caracterizadores visam favorecer a escolarização e o ensino da literatura, apresentando ao aluno o texto literário enquanto organismo vivo e repleto de sentido. Pois, de acordo com Magda Soares (1999), para uma escolarização apropriada da literatura são necessários procedimentos metodológicos e técnicas adequadas de serem transmitidos como qualquer outro assunto escolar, a exemplo de projetos de leituras, oficinas e círculos de leituras, planejados a fim de proporcionar um contato significativo entre o aluno e o texto literário.

Rildo Cosson (2006), em *Letramento literário: teoria e prática*, apresenta dois modelos de sequências: a sequência básica e a sequência expandida. As duas sequências englobam três perspectivas metodológicas: a técnica da oficina, a técnica do andaime e a técnica do *portifólio*. As sequências desenvolvidas por Cosson (2006), enquanto proposta metodológica, visam redimensionar as aprendizagens em relação à formação do leitor literário, como também proporcionar ao professor novas probabilidades de organização de sua metodologia no ensino da literatura em sala de aula. Pois, “As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras.” (COSSON, 2006, p. 47) Para isso, estratégias didático-metodológicas, que possam deixar o aluno confortável perante o texto literário, precisam ser conhecidas pelo professor, como também aplicadas em sala de aula, a fim de que o aluno possa ter a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura literária e o potencial crítico, tornando-se um leitor literário.

A formação do leitor literário, logo precisa ser estimulada por meio de práticas que o tornem um sujeito letrado, que não sabe apenas ler e escrever, mas que se

aproprias das práticas sociais que estão relacionadas à aquisição de tais habilidades. (COSSON, 2006, p. 11).

Segundo Soares (2017), o surgimento do conceito de letramento,

[...] pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente pelo processo de alfabetização. (SOARES, 2017, p. 63).

Logo, o letramento atribui ao sujeito a competência de se colocar enquanto ser social, capaz de questionar, criticar, inferir e apreender as informações que o cercam. Assim também, o letramento literário que ocorre no processo da educação literária permite ao leitor a oportunidade de expandir seus horizontes ideológicos, se reconstruir enquanto ser social e apreender novos valores culturais, sociais e humanos. Pois, segundo Cosson (2006, p. 120):

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário. (COSSON, 2006, p. 120).

O letramento literário capacita o leitor a ler o mundo que o cerca e a escrever sobre sua realidade, sendo assim possível dialogar com a realidade social que o cerca, um leitor ativo culturalmente e socialmente.

A fim de proporcionar aos nossos alunos a oportunidade de desenvolver suas competências leitoras por meio de práticas de letramento literário, bem como sabendo que para isso faz-se necessário estabelecer estratégias que nos permitam alcançar nosso intento com sucesso, optamos por trabalhar com nossos alunos os círculos de leitura desenvolvidos por Cosson (2014), que, assim como os temas caracterizadores, Zilberman (2005), e as sequências básica e expandida, Cosson (2006), oferecem aos alunos, de acordo com Cosson (2014):

[...] a oportunidade de construir sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de

habilidades sociais, competências linguísticas. Além disso, as discussões dos círculos de leitura ajudam a desenvolver o alto raciocínio, favorecem o domínio da escrita e promovem o letramento literário em um movimento que incorpora à formação do leitor o prazer de ler e a construção compartilhada da interpretação.” (COSSON, 2014, p. 177).

Assim, os círculos de leitura, tal como as estratégias de letramento já apresentadas neste trabalho, tem a finalidade de desenvolver as práticas da leitura literária, não só no ambiente escolar, mas também em outros espaços nos quais a leitura possa ser conveniente para proporcionar momentos de reflexão e de novas experiências com o texto literário. Contudo, em nosso trabalho, os círculos de leitura vêm a contribuir com a formação de leitores literários, a fim de levar nossos alunos a pensarem, a formar opiniões, e a também fazer com que o texto literário mantenha ou resgate o seu espaço na sala de aula, pois como afirma Cosson (2014), “Se o Texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento.” (COSSON, 2014) Logo, sendo a literatura produtora de conhecimento, o seu lugar na sala de aula deve ser preservado, a fim de proporcionar aos nossos alunos a oportunidade de aquisição de saberes por meio da leitura do texto literário. E a escola, enquanto local de aquisição de conhecimento, deve possibilitar que o educando possa usufruir do privilégio de se tornar um leitor crítico e autônomo, e um escritor capaz de dizer o que pensa, a partir do contato com a literatura, como defende Regina Zilberman (2001), “a escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, cooperando com o processo de legitimação da literatura e da escrita no mundo capitalista”.

De acordo com Cosson (2014, p. 140 e 141),

[...] um círculo de literatura começa com a seleção dos livros pelo professor, que monta uma lista segundo os interesses da turma. Os livros são levados para a sala de aula para que os alunos possam manuseá-los e indicar os preferidos para a leitura. Em seguida é estabelecido um cronograma de leitura e de discussão da leitura nos grupos (...)  
A partir dessa divisão, os alunos devem ler em casa e fazer um registro escrito da leitura, sendo que os mais comuns são os diários de leitura e as fichas de função. (...) Quando a leitura e a discussão daquela obra se encerra, uma aula inteira é reservada para a apresentação da obra lida para toda a turma pelo grupo. (COSSON, 2014, p. 140 e 141).

Os círculos de literatura são assim descritos por Cosson (2014), e seguem o modelo proposto por Harvey Daniels (2002 *apud* Cosson, 2014). Dando sequência à

descrição dos círculos de literatura Cosson (2014), diz que após a escolha das obras e a organização dos cronogramas, assim que os grupos são formados, os alunos que compõem cada grupo devem ocupar algumas funções, que ele descreve da seguinte forma,

- a) Conector – liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- b) Questionador – prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens – escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) Ilustrador – traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista – escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) Sintetizador – sumariza o texto;
- g) Pesquisador – busca informações que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo – descreve as cenas principais;
- i) Perfilador – traça um perfil das personagens mais interessantes (Daniels, 2002: 107-32). (COSSON, 2014, p. 142 e 143).

Logo, os alunos componentes de círculos de literatura devem ser organizados com as funções já descritas acima, porém, de acordo com Cosson (2014), “nem todas as funções precisam ser preenchidas”, assim sendo outras funções também podem ser criadas pelo professor. (COSSON, 2014, p. 143).

Cosson (2014) também faz referência aos registros das leituras realizadas, que podem ser organizadas em fichas de leitura ou em fichas de funções, ou em outro modo de registro.

Após um breve esboço do funcionamento do círculo de leitura ou de literatura, o apresentamos aqui enquanto prática propícia ao desenvolvimento do leitor literário, capaz de favorecer a formação de leitores no ambiente escolar. Pois, como defende Cosson, (2014) “Um círculo de leitura é uma prática de letramento literário de grande impacto tanto para quem participa quanto para o espaço onde ele acontece.” (COSSON, 2014, p. 177) Portanto, optamos por fazer uso dessa metodologia de letramento literário na execução do nosso projeto, a fim de proporcionar aos nossos alunos o privilégio de se formarem enquanto leitores capazes de usufruírem do prazer de ler.

Segundo Caetano (2001),

O ensino da literatura, por ser considerado um problema crítico dos currículos escolares brasileiros, tem fomentado inúmeras discussões em

seminário, congressos, cursos, encontro de professores, sendo, além disso, tema alvo de algumas pesquisas. Em todos, fica evidente que seu ponto nevrálgico repousa nas deficiências de domínio da leitura. (CAETANO, 2001, p. 97).

Assim, aplicaremos os círculos de leitura por meio da leitura de contos fantásticos em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino, a fim de criar caminhos viáveis para promover o letramento literário e proporcionar aos educandos a possibilidade de ampliarem suas competências leitoras, como também para que eles possam ter a oportunidade, de ainda no ensino fundamental, ingressarem no universo plurissignificativo da leitura literária, tornando-se leitores literários letrados.

## **2. O CONTO FANTÁSTICO E O LETRAMENTO LITERÁRIO**

### **2.1 O conto fantástico: uma narrativa favorável para a promoção do letramento literário**

Na atual realidade educacional, em que uma das principais preocupações tem sido a revitalização da prática de leitura no ambiente escolar, por meio de metodologias que resultem na interação entre o aluno e o texto, percebe-se a necessidade de o educador, além de escolher estratégias que viabilizem o processo de revalorização do ato de ler no espaço da sala de aula, também apresente ao discente textos que promovam o despertar do gosto pela leitura, pois “Bom para ler é o texto que “prende” o leitor ou suscita seu interesse em fazer uma leitura completa”. (COSSON, 2014, p. 160).

Sendo a escolha de um texto que desperte o interesse do leitor um elemento relevante no processo de incentivo a leitura, é necessário que haja cautela por parte do professor ao fazer a escolha dos textos que irão ser apresentados aos seus alunos, visto que estes devem instigá-los a adentrar no mundo da leitura. Para que o docente obtenha êxito no seu intento de fazer com que seus alunos ingressem no vasto universo que lhes será apresentado a partir do ato de ler, o cuidado na seleção dos textos a serem trabalhados deve levar em consideração a realidade do aluno e os conhecimentos prévios oriundos da cultura da qual este faz parte.

Lajolo (2006, p. 15) é precisa quando afirma que “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido ao leitor, não há como progredir nesse processo de formação”. Assim, para que o processo de formação do sujeito enquanto leitor obtenha sucesso, é preciso que a leitura seja significativa, que o aluno seja capaz de estabelecer conexões entre ela e seus conhecimentos previamente adquiridos.

Há importância também na escolha de textos que alimentem o imaginário do aluno, que proporcione novas sensações, permitindo-o alçar outros voos e questionar o que é de fato concreto no mundo, e, conseqüentemente, atraí-lo para o mundo da leitura literária. A narrativa fantástica elenca tais características, ela é viável para a envolver o aluno no mundo da literatura. E é esta característica própria do gênero fantástico que conquista o leitor: o mistério, a surpresa, a atmosfera fantástica repleta de emoções é o que prende o leitor até o término da história.

De acordo com Roas (2014, p. 135), "o fantástico gera sempre uma impressão ameaçadora no leitor, impressão que, por comodidade chamarei de "medo". O medo a que se refere Roas é um efeito presente na maioria das histórias fantásticas, para ele é uma sensação sentida pelos personagens do conto e que é transmitida ao leitor (ROAS, 2014, p. 151). Inferimos, que esta sensação provocada pela narrativa fantástica instiga o leitor a continuar trilhando os caminhos desta narrativa que, sendo assustadora ou estranha, é também misteriosa, e a curiosidade gerada pelo mistério vai envolvendo o leitor até conduzi-lo ao fim do conto, de uma forma leve e instigante para saber o que vai enfim acontecer. Sendo assim, o conto fantástico pode possibilitar ao leitor, ainda que seja inexperiente, conhecer o mundo da literatura e desenvolver o prazer pela leitura.

Além do medo, outro elemento excitante do conto fantástico são os personagens comuns a este gênero textual. Parafraseando Tritter (2001), Camarani (2014), faz referências a alguns deles. Os humanos: o narrador, que na maioria das vezes, é um homem, que pode protagonizar a experiência fantástica, ou pode narrar o acontecimento vivenciado; e também pode haver outra pessoa, habitualmente na função de cientista, médium, magnetizador, artista, antiquário ou arquivista (CAMARANI, 2014), profissões enigmáticas e comuns em textos dessa natureza. A autora ainda faz referência aos personagens não-humanos,

O gato e o cachorro (como avatares diabólicos), o cavalo (que conduziria a alma dos mortos), o lobo, o urso e a aranha (relacionados à licantrópia e à metamorfose). Não-humanos são também os personagens herdados do folclore, como a bruxa, o feiticeiro e o diabo, bem como os seres do além-túmulo: fantasmas, múmias e vampiros; e criaturas mitológicas, tais quais a mandrágora, o golem e o judeu errante, além das projeções monstruosas do pensamento, quando o fantástico cria sua própria mitologia. (CAMARANI, 2014, p. 128).

Assim, diversos são os personagens comuns à narrativa fantástica. E além dos personagens já citados acima, Vax (2007) também faz referência ao lobisomem, como sendo mais um elemento comum a este gênero da literatura.

Podemos, então, perceber pela gama de personagens instigantes para a imaginação de pessoas, independentemente da faixa etária, como pode ser intrigante e envolvente o universo da literatura fantástica, podendo atrair leitores de todas as idades, sendo propício para promover a leitura e o letramento literário no ambiente escolar e fora dele também.

Queremos destacar também os elementos próprios da narrativa fantástica, lugares misteriosos e assustadores, como: calabouços, cavernas, masmorras, labirinto, galerias, ruínas, castelos, casas malditas, escadarias, de acordo com Camarani, (2014, p. 127), “o fantástico privilegia aberrações arquiteturais e espaciais.”. Lugares que aguçam a curiosidade do leitor, envolvendo-o ainda mais no conto fantástico.

E ainda há outros temas inerentes ao conto fantástico capazes de atrair o leitor, e até quem ainda não é ativo na prática da leitura, tais como: a noite, a escuridão, a loucura, a aparição de seres estranhos e monstruosos (CESERANI, 2006).

Todas estas características descritas anteriormente e elencadas a narrativa fantástica, demonstram a dinamicidade destes contos e a possibilidade de seu uso no ambiente escolar, e em outros espaços que tenham o objetivo de promover a leitura e o letramento literário.

Portanto, sabendo da relevância que a literatura tem para a formação leitores críticos e participativos, neste trabalho voltado ao letramento literário de alunos do oitavo ano da rede estadual de ensino, faremos uso do conto fantástico, enquanto gênero capaz de despertar o interesse do público jovem para a prática da leitura literária, e, assim, conquistar o aluno para o mundo da literatura, a fim de construir caminhos que possam possibilitar a promoção do letramento literário dos nossos alunos.

## 2.2 Características do texto fantástico

O fantástico é um gênero estudado durante anos por diversos teóricos, logo há diversas teorias sobre seu surgimento, sua expansão entre as escolas literárias, assim como sobre os aspectos que o compõe, como afirma Roas (2014, p. 29):

O interesse crítico pela literatura fantástica tem gerado nos últimos cinquenta anos um considerável *corpus* de aproximações ao gênero a partir de diversas correntes teóricas: estruturalismo, crítica psicanalítica, mitocrítica, sociologia, estética da recepção, desconstrução. Como resultado disso, contamos com uma grande variedade de definições que, tomadas em conjunto, serviram para iluminar uma boa quantidade de aspectos do gênero fantástico – ainda que também seja verdade que muitas dessas visões são excludentes entre si, limitando-se a aplicar os princípios

e métodos de uma determinada corrente crítica. É por isso que ainda não contamos com uma definição que considere em conjunto as múltiplas facetas disso que demos por chamar literatura fantástica. (ROAS, 2014, p. 29).

Logo, podemos inferir que a literatura fantástica, estudada por várias áreas do conhecimento, não tem uma definição precisa, visto que inúmeras percepções foram sendo formadas com o passar do tempo e a cada estudioso que analisava o gênero fantástico, uma nova teoria ou característica surge. Há textos seculares que relatam manifestações que geram o terror, tanto no folclore, quanto na literatura clássica das culturas orientais e ocidentais. Assim, sentimentos como o horror e o medo, que geram a atmosfera fantástica, fazem parte da cultura da humanidade desde os seus primórdios, mas oficialmente na literatura tradicional, a narrativa fantástica nasce tardiamente no século XVIII. Conforme afirma Lovecraft (2007),

Ao longo de século XVII e no começo do XVIII percebemos uma massa crescente de lendas e baladas transitórias de origem um tanto obscura, ainda mantidas, porém, sob a superfície da literatura polida e aceita. Os livretos de horror e fantástico se multiplicam (...). (...), é realmente notável que a narrativa fantástica como forma literária fixa e academicamente reconhecida tivesse um surgimento final tão tardio. O impulso e a atmosfera são tão antigos quanto a humanidade, mas a história fantástica típica da literatura padrão é filha do século XVIII. (LOVECRAFT, 2007, p. 24).

Desse modo, o fantástico enquanto gênero surgiu entre os séculos XVIII e XIX, sendo que as temáticas que, geralmente, compõem a construção da narrativa fantástica, já faziam parte do imaginário mundial há séculos, e perduram até a atualidade.

Segundo, Roas (2014),

[...] para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transformará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até este momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real. (ROAS, 2014, p. 31).

A história fantástica, portanto, se dá em um espaço análogo ao mundo real, contudo habitado por personagens e acontecimentos inesperados que proporcionarão ao leitor a oportunidade de se questionar em relação a o mundo em que vive.

Assim, neste universo ficcional do fantástico, o leitor é posto repentinamente na presença do incompreensível, embora o mundo descrito no texto seja semelhante ao que ele habita, apresentará, porém, uma realidade própria, na qual existem probabilidades desconhecidas na realidade, conforme afirma Bessière (2012),

A ficção fantástica fabrica assim outro mundo por meio de palavras, pensamentos e realidade, que são deste mundo. Esse novo universo elaborado na trama do relato se lê entre as linhas e os termos, no jogo das imagens e das crenças, da lógica e dos afetos, contraditórios e comumente recebidos. Nem mostrado, nem provado, mas somente designado, o fantástico retira de sua própria improbabilidade certo índice de possibilidade imaginária, mas, longe de perseguir alguma verdade – mesmo que fosse aquela da psique escondida e secreta –, ele tem consistência na sua própria falsidade. (BESSIÈRE, 2012, p. 307 e 307).

Desse modo, a narrativa fantástica expõe ao leitor uma realidade semelhante a que ele vive, porém composta de fatos até então inimagináveis, faz, assim, com que o leitor se surpreenda e passe a cogitar novas possibilidades existenciais, e, portanto, pode até surgir dúvida sobre a “própria existência, o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade”. (ROAS, 2014, p. 32).

Além da possibilidade do diálogo das histórias da literatura fantástica com as produções cinematográficas, percebemos que os contos fantásticos seriam um dos textos propícios para serem trabalhados em sala de aula com o nosso público de alunos adolescentes, a fim de tornar o desenvolvimento das competências leitora uma prática dinâmica e interessante, visto que buscamos fazer uso de textos que aguçarão a imaginação e promoverão a aproximação do aluno com o mundo da literatura de forma prazerosa.

Portanto, a escolha de trabalhar literatura fantástica, mais precisamente contos fantásticos, com o objetivo de promover o letramento literário dos nossos alunos, se deu pelas possibilidades de interpretação e de questionamentos que o texto pode gerar. Além da oportunidade da literatura ser apresentada ao aluno enquanto arte, oferecendo ao leitor a oportunidade de imaginar, de fantasiar e de se questionar em relação à própria realidade contraposta com a realidade que lhe foi apresentada no texto.

Conforme afirma Roas (2014, p. 54), “A narrativa fantástica está ambientada, então, em uma realidade cotidiana que ela constrói com técnicas realistas e ao mesmo tempo destrói, inserindo nela outra realidade, incompreensível para a primeira.” Desse modo, a realidade construída no conto fantástico pode conferir ao

aluno a oportunidade de por em prática a imaginação, a capacidade de criação e, principalmente, instigar a curiosidade do educando, levando-o a ler toda a narrativa, e assim adquirir o gosto pela leitura literária.

Dalvi (2013), fazendo referência às propostas didático-metodológicas voltadas ao trabalho com literatura no ambiente escolar, afirma que a inserção dos alunos dos anos finais do ensino fundamental no universo literário deve ser iniciada,

[...] mediante a leitura de poemas com relativo teor de sofisticação linguística [...] e mediante a leitura de textos em prosa mais complexos (como os contos, novelas e os romances juvenis ou “de formação”).[...] O estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas, textos, estéticas mais sofisticadas (o que está longe de querer dizer “mais estilizadas”), que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor,...]. (DALVI, 2013, p. 73 e 74).

Podemos inferir, portanto, tendo como base as palavras de Dalvi (2013), que o gênero textual escolhido para desenvolver a nossa proposta interventiva é propício ao nosso objetivo de promover o letramento literário em uma turma dos anos finais do ensino médio, uma vez que o conto exigirá do nosso aluno, enquanto leitor, intervenções no processo de leitura, sendo assim um texto literário mais complexo, contudo, viável para contribuir com a formação literária e os desenvolvimento das competências leitora dos educandos.

Desse modo, trabalharemos em sala de aula com textos que fazem parte do cânone literário. Textos que abordam fatos que até então podem ser desconhecidos pelo aluno, mas que dialogam com o que ele vivencia. Textos que contribuirão para a formação do leitor literário. Segundo Cosson (2014),

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura uma atividade de prazer e de conhecimentos singulares. (COSSON, 2014, p. 35 e 36).

Portanto, objetivamos com a escolha do conto fantástico para desenvolvermos a nossa proposta interventiva, despertar o interesse pela leitura literária em nossos discentes ao serem levados pela literatura fantástica para

explorar o contraste entre o real e o fantástico, e consequentemente traçar veredas que envolvam o aluno no processo do letramento literário.

### **3. CÍRCULO DE LEITURA: UMA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA**

#### **3.1 A pesquisa-ação como metodologia para o desenvolvimento da proposta interventiva de letramento literário**

A proposta de intervenção que desenvolveremos tem como objetivo revigorar a leitura literária no espaço da sala de aula, a fim de desenvolver as competências leitoras dos nossos alunos e, assim, promover o letramento literário no ambiente escolar. Para alcançar o nosso intento contribuir para a formação de leitores literários autônomos e críticos, optamos trabalhar com o conto fantástico, pelos atributos já apresentados neste trabalho, por se tratar de uma narrativa envolvente, instigante e capaz de apresentar o universo literário para o aluno de forma atrativa. Além de estabelecer conexões com o mundo cinematográfico, os quadrinhos, com as charges e com as pinturas fazendo com que o aluno possa recorrer aos seus conhecimentos prévios com frequência.

Este projeto além de promover a prática leitora, busca o aperfeiçoamento do profissional de Língua Portuguesa no ensino de leitura, especialmente voltado para o aperfeiçoamento do letramento literário no ambiente da sala de aula e da escola, enquanto espaço de promoção da leitura literária, como deve ser.

Assim, esta proposta de intervenção vem corroborar com a finalidade do programa de mestrado profissional em letras – PROFLETRAS, que tem por intuito capacitar os professores de Língua Portuguesa, a fim de que estes, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos no processo de formação, possam aprimorar suas práticas em sala de aula, obtendo um processo de ensino-aprendizado significativo e eficaz. Consequentemente, melhorando a qualidade do ensino de Língua Portuguesa nacionalmente.

Em consonância com o objetivo do mestrado profissional, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, este procedimento metodológico é definido por Engel (2000) da seguinte forma,

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer

pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta. (ENGEL, 2000, p. 182).

Assim, a pesquisa-ação, enquanto uma metodologia que visa à compreensão de uma prática, a fim de aperfeiçoá-la, colabora com a finalidade da nossa proposta, que é coadunar a pesquisa com a prática em busca de um processo de ensino-aprendizagem produtivo, para a formação dos nossos alunos enquanto leitores literários críticos e proficientes. Sendo a pesquisa-ação, segundo Thiollent (1996, p. 20), “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” e, ainda, na qual todos os envolvidos no processo participam ativamente do processo, corresponde a nossa proposta de trabalho, que visa a uma mudança na realidade do ensino de literatura e de leitura, e que necessita da participação ativa do pesquisador e demais participantes envolvidos.

Assim, a pesquisa-ação de caráter intervencionista e de natureza qualitativa corresponde adequadamente à finalidade da formação do PROFLETRAS, como também ao objetivo desta proposta de intervenção, visto que a professora, enquanto pesquisadora, e os alunos, componentes do processo a ser realizado, participarão ativamente do desenvolvimento do projeto proposto.

Para a realização desta proposta interventiva foram escolhidos três contos fantásticos, de autores distintos, que dialogam em suas características e temáticas fantásticas. Os dois contos foram escritos por reconhecidos autores brasileiros, “O homem do boné cinzento”, de Murilo Rubião, e “Flor, telefone, moça”, autoria de Carlos Drummond de Andrade. E o terceiro conto, que faz parte da literatura contemporânea brasileira, “Uma pose para a posteridade”, da contista Laura Bergallo. Temos, portanto, a finalidade de promover o letramento literário dos discentes a partir da leitura destes textos, a fim de que “a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige” (COSSON, 2014, p. 23).

### **3.2 Lócus e sujeitos da pesquisa**

A escola, onde realizaremos a intervenção, é a única da rede estadual de ensino do município e conta com turmas do quarto e quinto ano do ensino

fundamental, e do sexto ao oitavo ano dos anos finais do ensino fundamental, no turno vespertino. No turno matutino, a escola conta com turmas da primeira a terceira série do ensino médio. Já no turno da noite, o público é formado por turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Localizada na Zona Urbana, mais precisamente no centro da cidade, a escola atende em sua maioria alunos residentes na cidade, mas também acolhe alunos que residem na Zona Rural do município.

O presente trabalho de intervenção será desenvolvido com uma turma de oitavo ano, com posta por dezesseis alunos, da Escola Estadual Margarida Dias, localizada no município de Pedro Régis, situado no litoral norte do estado da Paraíba. A referida turma foi escolhida por já se encontrar no penúltimo ano do ensino fundamental e por acharmos necessário que a turma participe de práticas que ajudem a desenvolver as competências leitoras. Pois, seria interessante que essa turma tivesse um contato mais próximo com a leitura literária antes de concluírem o ensino fundamental. E no trabalho com contos fantásticos, percebemos uma oportunidade de proporcionar aos discentes o privilégio de se achegarem de forma prazerosa e reflexiva ao universo literário.

### **3.3 Descrição do *corpus* literário**

A fim de alcançar o nosso intento, escolhemos três contos da literatura fantástica para compor o *corpus* da nossa pesquisa. Um deles é de autoria do mineiro Murilo Rubião precursor e um dos maiores nomes da literatura fantástica brasileira, que segundo Santos (2006),

A opção pelo fantástico teria sido herança da infância, das intermináveis leituras de contos de fadas, de Dom Quixote, da Bíblia Sagrada e das histórias das Mil e uma noites. O próprio Murilo afirmou que acreditava naquilo que estava além da rotina; assim, o sobrenatural e o mágico compõem a atmosfera onírica de seus contos. (SANTOS, 2006, p. 4).

Portanto, Murilo Rubião, movido por suas leituras da infância, torna-se uma referência da literatura fantástica brasileira, sendo também reconhecido internacionalmente, devido ao domínio do sobrenatural e o clima de sonho que

predomina nas suas narrativas, um dos motivos pelo qual é de sua autoria primeiro conto selecionado a compor o *corpus* do nosso trabalho.

O conto escolhido tem por título, “O homem do boné cinzento<sup>1</sup>”, extraído do livro *Contos Reunidos*, 1998. A narrativa é em primeira pessoa, realizada pela personagem Roderico, que acompanha dia após dia a ansiedade de seu irmão Artur, em relação a um homem que usa “um boné xadrez (cinza e branco) e entre os dentes escuros trazia um cachimbo curvo.” (p. 72) A personagem do homem de boné cinzento muda-se para a rua de Roderico e deixa os moradores impressionados com seus hábitos, em especial o irmão Artur, conforme o texto,

Não forma poucos os que se impressionaram com o procedimento do solteirão. Os seus hábitos estranhos deixavam perplexos os moradores da rua. Nunca era visto saindo de casa e, diariamente, às cinco horas da tarde, com absoluta pontualidade, aparecia no alpendre, acompanhado pelo cachorro. Sem se separar do boné que, possivelmente, escondia uma calvície adiantada, tirava baforadas do cachimbo e se recolhia novamente. O tempo restante conservava-se invisível. Arthur passava o dia espreitando-o, animado por uma tola esperança de vê-lo surgir antes da hora determinada. Não esmorecia, vendo burlados os seus propósitos. A sua excitação crescia à medida que se aproximava o momento de defrontar-se com o solitário inquilino do prédio vizinho. (RUBIÃO, 1998, p. 72).

A partir de então, todos os dias Artur passa a espreitar o vizinho e começa a perceber que a cada dia que passa o homem, chamado de Anatólio, que ao chegar à rua já tinha o “corpo esquelético e pequeno” (p. 72), emagrece cada vez mais “- Olha, Roderico, ele está mais magro do que ontem!” (p. 73).

A curiosidade de Artur aumenta ainda mais chega à casa do vizinho “uma bonita moça” (p.73), que entra na casa e só reaparece “três meses mais tarde” (p.74), quando vai embora. O “magro Anatólio” (p. 74) continuava a emagrecer e, conseqüentemente, o irmão de Roderico proporcionalmente a magreza do vizinho também definhava, pois as “preocupações cavavam-lhe a face, afundava-lhe os olhos” (p. 74). Roderico, então começa a vigiar o homem também, a fim de mostrar ao irmão que não há nada de errado com ele. Mas ele não consegue provar a normalidade, visto que o vizinho torna-se transparente, como se pode observar no fragmento abaixo,

---

<sup>1</sup> O referido conto já foi selecionado para literatura juvenil pela editora Ática, na coletânea *O homem do boné cinzento e outros contos*.

Assustei-me. Através do corpo do homenzinho viam-se objetos que estavam no interior da casa: jarra e flores, livros, misturados com intestinos e rins. O coração parecia estar dependurado na maçaneta da porta, cerrada somente de um dos lados.

Também Artur emagrecia e nem por isso fiquei apreensivo. Anatólio tornara-se a minha única preocupação. (RUBIÃO, 1998, p. 75).

Assim a preocupação em relação ao vizinho, que antes só angustiaava o irmão Artur, também passa a angustiar Roderico, que passa até a deixar de ficar inquieto com a situação do irmão que emagrece gradualmente.

Na tarde seguinte, àquela na qual o homem ficou transparente, se dá o clímax desta narrativa fantástica, pois Anatólio não sendo diante da impossibilidade de ficar mais magro aparece com “seu crânio diminuído e o boné, folgado na cabeça, escorregara até os olhos. O vento fazia com que seu corpo dobrasse sobre si mesmo” (p. 75). Assim, o homem passa a vomitar fogo algumas vezes, até que “incendiou-se. Restou apenas a cabeça coberta pelo boné” (p. 75). Enquanto ocorre a sessão de vômitos, Roderico se amedronta, já Artur vai diminuindo gradativamente, para o espanto de irmão, e por fim “se transformou numa bolinha negra” (p. 75), a rolar na mão de Roderico.

Outra narrativa fantástica escolhida tem por título “Flor, telefone, moça,” autoria de Carlos Drummond de Andrade, retirado da obra *Contos de Aprendiz* (2012). O conto, em terceira pessoa, tem início com o narrador declarando que o texto narrado não se trata de um conto e que ele é “apenas um sujeito que escuta algumas vezes, que outras não escuta, e vai passando.” Dando sequência ele começa a narrar a história que ouviu de uma amiga, sobre uma moça, não denominada, “que morava na rua General Polidoro, começou ela. Perto do cemitério São João Batista.”, localizada no bairro de Bota Fogo. Como a moça morava nas proximidades de um cemitério, lhe era corriqueiro observar e ocasionalmente acompanhar os alguns sepultamentos e assim tomou por hábito vagar dentro do cemitério, em vez de passear em locais voltados ao lazer, conforme podemos verificar no fragmento abaixo,

Às vezes ela chegava a entrar no cemitério e a acompanhar o préstito até o lugar do sepultamento. Deve ter sido assim que adquiriu o costume de passear lá por dentro. Meu Deus, com tanto lugar para passear no Rio! E no caso da moça, quando estivesse mais amolada, bastava tomar um bonde em direção à praia, descer no Mourisco, debruçar-se na amurada. Tinha o mar à sua disposição, a cinco minutos de casa. O mar, as viagens, as ilhas de coral, tudo grátis. Mas por preguiça, pela curiosidade dos enterros, sei lá

por que, deu para andar em São João Batista, contemplando túmulo. Coitada! (Drummond, 2012).

E assim, em uma dessas idas ao cemitério a moça “apanhou a flor”. Ao voltar para casa, o narrador não sabe precisar quando, nem onde, ela jogou a flor. A partir desse momento, um fato que geralmente é normal no nosso cotidiano, mas que no texto vai tomar outra configuração acontece, a moça recebe uma ligação solicitando que ela devolva a flor, como podemos ler no fragmento a seguir,

(...) O certo é que já tinha voltado, estava em casa bem quietinha havia poucos minutos, quando o telefone tocou, ela atendeu.

— Aloooô...

— Quede a flor que você tirou de minha sepultura?

A voz era longínqua, pausada, surda. Mas a moça riu. E, meio sem compreender:

— O quê?

Desligou. Voltou para o quarto, para as suas obrigações. Cinco minutos depois, o telefone chamava de novo.

— Alô.

— Quede a flor que você tirou de minha sepultura?

Cinco minutos dão para a pessoa mais sem imaginação sustentar um trote.

A moça riu de novo, mas preparada.

— Está aqui comigo, vem buscar.

No mesmo tom lento, severo, triste, a voz respondeu:

— Quero a flor que você me furtou. Me dá minha florzinha. (DRUMMOND, 2012).

A princípio a personagem do conto pensa se tratar de um trote, mas todos os dias “durante quinze dias, um mês,” e “À mesma hora”, o telefone tocava e “a voz”, como passa a ser chamada pela moça e por sua família que está do outro lado da linha, passou a ser considerada algo “Esquisito, uma voz fria. E vinha de longe, como de interurbano. Parecia vir de mais longe ainda...”. Logo, a moça começa a sentir medo e passa a dormir cada vez menos, pois começa a conjecturar a que a voz era de outro mundo “e que seu sossego eterno — admitindo que se tratasse de pessoa morta — ficara dependendo da restituição de uma simples flor. Mas seria absurdo admitir tal coisa, e a moça, além do mais, não queria se amofinar.” Como as ligações continuavam, a moça disse uns desaforos a voz e a família começou a investigar para tentar descobrir quem estava fazendo as ligações, e procurou até a polícia, a companhia telefônica, a fim de levantar investigações a respeito do caso, mas nenhuma providência surtiu efeito. E a situação perdurou, e pela narrativa

podemos perceber que a moça já aceita a hipótese de se tratar de um defunto que está a cobrar a flor,

A voz sempre mendigando a flor. A moça perdendo o apetite e a coragem. Andava pálida, sem ânimo para sair à rua ou para trabalhar. Quem disse que ela queria mais ver enterro passando. Sentia-se miserável, escravizada a uma voz, a uma flor, a um vago defunto que nem sequer conhecia. Porque — já disse que era distraída — nem mesmo se lembrava da cova de onde arrancara aquela maldita flor. Se ao menos soubesse... (DRUMMOND, 2012).

Assim, a moça vai definhando, e mesmo o irmão desta descobrindo quais foram os túmulos onde estavam sepultados os defuntos do dia em que a moça pegou a flor, e a sua mãe levando inúmeras flores e rezando missas, não houve resultado, pois “a “voz” não se deixou consolar ou subornar. Nenhuma outra flor lhe convinha senão aquela, miúda, amarrotada, esquecida, que ficara rolando no pó e já não existia mais”. O pai da moça resolve, então, recorrer ao espiritismo, a fim de estabelecer “contato com a alma despojada de sua flor”, mas não obtém sucesso. Por fim, “A moça morreu no fim de alguns meses, exausta”. Logo, “a voz nunca mais pediu”.

O terceiro, e último, conto escolhido é de autoria da carioca Laura Bergallo, do livro *Cibermistérios e outros horrores* (2011), e tem por título “Uma pose para a posteridade”. A história fantástica é narrada em primeira pessoa pela personagem Luana, que está no aniversário do avô, com tios e primos, sendo fotografados pela tia Milu. Após “quase uma semana” (p. 12), ela pega a câmera na bolsa para passar as fotografias para o computador, e começa a olhar as fotos “até que uma coisa meio estranha” (p. 12) chama a sua atenção em uma das fotografias onde estava a sua tia Rosália com seus filhos Renata e Zeca, mas na foto,

[...] havia uma sombra meio enevoadada entre o Zeca e a irmã. Era uma coisa indefinível, sem uma cor determinada, nem um contorno evidente. Como se fosse uma nuvem esbranquiçada, uma fumaça leve, sei lá, uma coisa que eu nunca tinha visto antes em foto nenhuma. (BERGALLO, 2011, p. 12 e 13).

Após perceber este fenômeno, que ela considera estranho, na sequência a personagem o desconsidera e resolve que se trata de “um defeito do arquivo ou da câmera, e pronto!” E continua a olhar as demais fotos, e um pouco mais a frente encontra outra fotografia com o primo Zeca “e lá estava a sombra!” (p. 13). Nesta

segunda vez, Luana já não acha o acontecimento tão comum, pois confessa “que dessa vez me deu um arrepio na espinha” (p. 13). E passa a procurar outras fotografias do Zeca e “onde estava o Zeca, lá estava a sombra. Mas só nas fotografias do Zeca. Em nenhuma outra.” (p. 13). A personagem continua a olhar outras fotos e vídeos, e percebe que em vídeos a sombra não aparece “Era uma coisa esquisita que só aparecia mesmo nas fotos”. E outras a outras conclusões Luana vai chegando, como podemos perceber no fragmento a seguir,

E com um detalhe intrigante: seus contornos iam sutilmente se definindo, à medida que uma foto sucedia a outra. O que nas primeiras imagens era simples nuvem etérea ia muito aos poucos tomando alguma forma; foto a foto, a fumaça ia se tornando lentamente mais densa... até que, nas últimas imagens feitas naquela noite, já dava para distinguir, com certo esforço, uma silhueta aparentemente humana. Mais ainda: na última fotografia da noite, (...), a silhueta estava claramente de pé ao lado do Zeca... com uma das mãos em seu ombro! Ou seja: a sombra estava posando para a foto! (BERGALLO, 2011, p. 13).

A partir desta percepção, Luana procura para mostrar o que ela percebeu e o primo fica pálido afirmando que não anda se sentindo bem, e que sente cansaço e indisposição. Saem ao encontro de um fotógrafo para conseguir uma explicação a respeito do fenômeno, porém o fotógrafo não tem como explicar o fato e orienta a ir em busca de uma ajuda espiritual. Mas Luana e Zeca resolvem “fazer mais alguns procedimentos experimentais” (p. 15), e passam a tirar outras fotografias, e a cada fotografia tirada o Zeca definhava mais e mais, enquanto a sombra ficava cada vez mais límpida. A partir deste momento a família vai em busca de ajuda religiosa, sem sucesso. Então o primo pede que comecem a tirar fotos a fim de “conseguir ver o rosto de espectro” (p.18). E foi realizada uma sessão de fotos em busca de conseguir enxergar o fantasma, e a cada foto o primo Zeca foi se transformando “Ele agora não passava de uma sombra do que fora um dia” (p. 19). E por fim, o pânico toma conta de Luana, que desiste de continuar tirando fotos do seu primo, ao perceber que ele estava sucumbindo,

Fui tomada por um pânico indescritível. Larguei a câmera junto das outras sobre o sofá e saí correndo porta a fora. (...) Foi quando ouvi o barulho do clique da máquina. Será que o Zeca tinha tirado uma foto de si mesmo? (...) Um vento gelado e um uivo sobrenatural de repente escaparam lá de dentro, e foi aí que eu percebi, horrorizada, que o pior tinha mesmo acontecido.  
(...)

Sobre o sofá vazio do apartamento deserto, as três câmeras jaziam ligadas e quietas. (...) a foto que eu encontrei na terceira câmera quase me fez desmaiar de espanto: a silhueta agora estava ali sozinha e revelada, nítida e óbvia, placidamente recostada no sofá-cama, com um sorriso amplo e tenebroso no rosto calmo. (BERGALLO, 2011, p. 19 e 20).

E, por fim, a narrativa se encerra afirmando que o primo Zeca havia desaparecido e que ninguém nunca mais teve notícias dele.

Os breves relatos que acabamos de fazer resumindo as histórias narradas nos três contos para a realização da nossa proposta de trabalho, foram elaborados com a finalidade de mostrar que os textos escolhidos dialogam entre si, no que se refere à linguagem, que é objetiva e acessível à leitura de um aluno do oitavo ano. As três narrativas são curtas, a fim de atrair o aluno para que ele comece a leitura do texto e se envolva indo até o desfecho da história. Os acontecimentos fantásticos que acontecem nas narrativas se assemelham nos três textos como, por exemplo, a manifestação do sobrenatural, que de acordo com Todorov (2008, p.173) se dá “na série de episódios que descrevem a passagem de um estado a outro.” O envolvimento do leitor, provocando surpresa, terror. Ocorre também, a passagem de limite e de fronteira, “passagem da dimensão do cotidiano, do familiar e do costumeiro para a do inexplicável e do perturbador: passagem de limite, por exemplo, da dimensão da realidade para a do sonho, do pesadelo, ou da loucura” (CESERANI, 2006, p. 73). Além de outras características comuns as narrativas fantásticas, que serão analisadas posteriormente.

Desse modo, esperamos contribuir com a formação dos nossos alunos enquanto leitores literários, ao fazer a escolha destes textos, que foram escolhidos por terem qualidade literária, levando em consideração a realidade dos educandos e seus conhecimentos de mundo. Buscamos, também, colaborar com a mudança da atual realidade educacional, revigorando o lugar das obras literárias na escola, pois segundo Cosson (2014, p.23), “a escola é a instituição que garante o conhecimento comum dessas obras, o que efetivamente não está acontecendo tal como demonstram os defensores do ensino da literatura”.

Promover o letramento literário é o objetivo do nosso trabalho, levando em consideração realidade do aluno e robustecer o seu conhecimento literário, a fim de que possa obter uma evolução vertical, na qual irá cada vez mais beber em fontes mais profundas.

### 3.4 Os procedimentos metodológicos: o círculo de leitura

Para desenvolver a proposta de intervenção faremos uso de uma prática apresentada por Cosson (2014), o círculo de leitura.

O autor define o círculo de leitura da seguinte forma,

[...] é uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, [...]. Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas [...]. Por fim, porque os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio de compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...]. (COSSON, 2014, p. 139).

Portanto, sendo o círculo de leitura uma prática não só de leitura, mas também social, que proporciona um processo dinâmico, grupal e colaborativo de aprendizagem, colabora para a execução da metodologia de pesquisa-ação planejada para este trabalho. Ainda de acordo com o autor, um círculo de leitura se dá ao se reunir em alguns momentos um grupo de pessoas para discutir sobre uma obra.

Estando o círculo de leitura organizado por Cosson (2014) em três categorias, escolhemos para a nossa proposta o modelo estruturado, pois neste modelo há um roteiro que direcionará os debates sobre os textos lidos, assim como atividade de registro para antes e depois da leitura, e a função de cada participante já é estabelecida, facilitando a execução desta prática no ambiente da sala de aula. Já os registros relacionados à leitura, serão elaborados nas fichas de função, que são propostas por Harvey Daniels (2002) definidas por Cosson (2014) como sendo uma contribuição relevante para a execução desta prática de leitura. As fichas são elaboradas pelo professor, a fim de que os alunos façam seus registros de acordo com a função que exercerão no círculo.

Várias funções que podem ser exercidas pelos alunos na execução do círculo de leitura, mas segundo Cosson (2014, p. 143), “nem todas as funções precisam ser preenchidas por um grupo”, assim cabe ao professor selecionar as que serão usadas, como também pode criar outras funções, conforme a necessidade. Logo, selecionaremos algumas funções para compor nossos círculos de leitura.

### 3.4.1 A preparação dos círculos de leitura

A fim de organizar a realização da nossa proposta interventiva, tendo como prática voltada ao letramento literário dos nossos alunos o círculo de leitura, seguiremos algumas orientações dadas por Cosson (2014) referentes à preparação desta metodologia.

Sendo o círculo de leitura um processo interativo entre o leitor e o texto, faz-se necessário que esta técnica seja esquematizada de modo a propiciar encontros sistematizados e produtivos entre o leitor e o texto, conforme afirma Cosson (2014),

Para que um círculo seja bem-sucedido, é preciso que ambos estejam preparados e as reuniões onde se encontram devidamente organizadas. Por isso, são fundamentais: a seleção das obras, a disposição dos participantes e a sistematização das reuniões. (COSSON, 2014, p. 160).

Logo, a preparação para a realização do círculo de leitura já foi iniciada, visto que a seleção das obras foi realizada. A escolha do *corpus* a ser trabalhado na referida proposta interventiva foi realizada pela professora-pesquisadora, a fim de apresentar a seus alunos textos capazes de despertar no educando o prazer pela leitura e consequentemente promover o letramento literário, pois “cabe ao professor apresentar aos seus alunos textos que lhe despertem o interesse e o levem a discussão” (COSSON, 2014, p. 161). E o conto fantástico está imbuído destas características, visto que é envolvente e instigante.

Assim, os textos escolhidos, conforme orienta Cosson (2014), foram textos “bom para ler e discutir”, pois, “com tantos textos interessantes no mundo para serem lidos (...), não faz sentido insistir em uma leitura que não apresenta elementos de atração para o leitor” (COSSON, 2014, p. 161) Por isso, foram selecionados contos fantásticos cuja temáticas dialogam entre si, a fim de instigar os educandos a discutirem sobre os contos trabalhados.

Na sequência, também trabalhamos a motivação que é um momento de preparação da turma, que necessita da condução do professor em relação ao processo de leitura, de modo a beneficiar o procedimento voltado para o ato de ler e “em preparar o aluno para entrar no texto” (COSSON, 2006, p. 54). O momento inicial da motivação é relevante, pois Cosson (2006) afirma que o sucesso do

primeiro momento de contato entre leitor e obra está sujeito a este instante preparatório.

O momento da motivação também nos foi propício para inserirmos os nossos alunos no universo da literatura fantástica, apresentando-lhes outros contos oriundos do fantástico, a fim de que eles pudessem interagir com esta realidade da literatura, até então distanciada deles.

Neste instante de motivação, trabalhamos com os alunos os elementos que constituem o conto fantástico, em especial, os seres próprios da literatura fantástica. Na sequência também fizemos referência a autores que se destacaram no universo literário do fantástico, a exemplo de Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles, além dos autores dos contos que trabalharemos no círculo de leitura.

Em um segundo momento, expusemos dois filmes. O primeiro foi “Contos da Escuridão<sup>2</sup>”, um filme que engloba em sua narrativa três contos fantásticos, a fim de que os alunos percebessem que no filme havia três narrativas, que estas são denominadas de contos, e que contém elementos próprios do universo literário fantástico.

E, em um terceiro momento, a fim de trabalhar o personagem Frankenstein, exibimos o filme “Frankenstein: entre anjos e demônios<sup>3</sup>”, assim como os alunos realizaram a leitura de um fragmento do referido clássico literário.

Os alunos também realizaram a leitura do conto: “O homem que entrou pelo cano”, de Ignácio de Loyola Brandão, mas que não fez parte da metodologia do círculo de leitura, o texto foi lido e discutido oralmente com a intenção de aproximar os alunos do universo do conto fantástico de modo simples, porém que os conduzissem por um caminho que os levassem a conhecer e identificar um conto próprio da literatura fantástica.

Na sequência, trabalhamos a disposição dos leitores e orientaremos os alunos para a prática do círculo de leitura a fim de “mostrar como ele funciona e os procedimentos que os participantes devem obedecer em todas as fases” (COSSON, 2014, p. 165). Este processo é denominado por Cosson (2014) de modelagem.

---

<sup>2</sup> Filme lançado em 4 de maio de 1990. Direção de John Harrison. Duração: 1h33m. <https://www.youtube.com/watch?v=5LUTbJ1o44M>. Acesso em: 17 jul. de 2018.

<sup>3</sup> Filme lançado no Brasil em 24 de janeiro de 2014. Direção de Stuart Beattie. Duração: 1: 33m. <https://www.youtube.com/watch?v=pLbheH9l00I>. Acesso em: 31 jul. de 2018.

Para o momento da modelagem, antecedendo a primeira oficina, escolhemos o conto “O gato Preto”, de Edgar Allan Poe, a fim de que os alunos tivessem uma experiência mais próxima com a metodologia do círculo de leitura antes da primeira oficina.

Dando continuidade ao desenvolvimento do trabalho, partimos para a sistematização das atividades, neste momento decidimos “o meio, o calendário e os locais dos encontros, os papéis de cada um nas reuniões e as regras de convivência” (COSSON, 2014, p. 166). Durante o referido processo dividiremos a turma em equipes compostas por, no máximo, cinco alunos, cada um teve sua função dentro da sua equipe, a fim de que cada aluno explore uma área do conto lido e a discuta com os demais componentes do grupo.

Depois de esquematizar os procedimentos, iniciamos as atividades de leitura percorrendo “três fases: o ato de ler, o compartilhamento e o registro” (COSSON, 2014, p. 168).

Apresentamos um por vez, os contos fantásticos a serem lidos. Cada grupo recebeu cópias dos contos, uma cópia por aluno.

O momento do compartilhamento foi realizado a priori em grupos menores, que constituirão círculos estruturados. E, após o debate entre cada grupo, foi formado um grande círculo que abrangeu todos os grupos, podendo seguir o modelo de um círculo semiestruturado.

Destacando a fase de registro, optamos por fazer os registros das leituras realizadas nas fichas de função antes do momento de compartilhamento.

O processo avaliativo se deu de forma contínua e, a partir de atividades que proporcionaram a autoavaliação por parte dos participantes.

O produto final do nosso trabalho foi um caderno de experiência relatando todo o processo realizado no desenvolvimento da nossa proposta, produzido pela professora-pesquisadora em parceria com os alunos, incluindo as produções destes, a fim de abordar a temática do letramento literário, enquanto um processo possível de ser realizado no ambiente escolar.

### 3.5 Breve abordagem das atividades desenvolvidas

A leitura é um processo a ser construído, desenvolvido, e para que haja o desenvolvimento desta prática no ambiente da sala de aula, se faz preciso planejar cada etapa que possa propiciar a evolução do ato de ler, deixando de ser uma atividade meramente obrigatória, tornando-se um exercício carregado de significado. Desse modo, formar leitores, como também desenvolver o letramento literário, em sala de aula, requer um processo contínuo e crescente, que planejado pode levar o aluno a adquirir o gosto pela leitura e, conseqüentemente, fazê-lo progredir enquanto leitor, partindo da sua realidade e sendo desafiado a desbravar novos universos, como afirma Cosson (2006),

Todavia, a diversidade é fundamental, quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação dos seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p.35).

Logo, com a finalidade de desenvolver o gosto pela leitura e de construir caminhos que possam resultar na promoção do letramento literário dos nossos alunos, organizamos a nossa proposta interventiva em dez oficinas, que somaram vinte e três horas-aula, quando desenvolvemos todos os processos já descritos sucintamente no subitem anterior.

Para realizarmos nossas oficinas seguimos a metodologia dos círculos de leitura, pois optamos pelo círculo de leitura estruturado, realizamos a seleção das obras, previamente pela pesquisa ter um objetivo a ser alcançado, analisamos a disposição dos leitores, nenhum aluno se recusou a participar, e partimos para a execução (COSSON, 2014).

Neste momento da execução do círculo de leitura, que se organiza em três fases: o ato de ler, o compartilhamento e o registro. Mas a fase do ato de ler associamos a dois passos da sequência básica do letramento literário: motivação e introdução (COSSON, 2006).

Iniciamos a com a motivação, pois de acordo com Cosson (2006, p. 54), é de uma boa motivação que depende o sucesso inicial do leitor com a obra que lhe será apresentada para ser lida. No nosso caso, realizamos momentos dialogados e

reflexivos como nossos alunos a fim de envolvê-los com a temática que seria trabalhada no texto que posteriormente seria lido. Mas, além destes momentos de motivação antes da leitura dos textos que compuseram o *corpus* deste trabalho, também realizamos momentos de motivação no início da aplicação deste projeto, com vídeos, filmes e leituras literárias fantásticas, com o objetivo de que nossos alunos se acercassem do conteúdo que seria trabalhado durante todo o projeto: a leitura e o conto fantástico. Desse modo, além de trabalharmos materiais que apresentassem o universo literário aos discentes, antecedendo a execução desta proposta interventiva também trabalhamos com materiais sobre a importância da leitura na formação do indivíduo enquanto sujeito social que é.

Dando continuidade, partimos para a introdução, o segundo passo da sequência básica do letramento literário, abordando “a apresentação do autor e da obra” (COSSON, 2006, p. 57), que procuramos realizar de modo sucinto, dialogado, mas que instigassem os educandos a lerem o conto. Alguns destes momentos, escolhemos por realizarmos na biblioteca da escola, assim como o momento da leitura, por ser um ambiente propício, calmo, espaço de leitura, repleto de outros livros e revistas, logo favorável a prática da leitura. Estes dois passos ajudaram a preparar os alunos para o momento do ato de ler.

As leituras foram realizadas individualmente, leituras silenciosas também foram realizadas, a fim de que os alunos se concentrassem melhor na narrativa, como também de forma compartilhada em rodas de leitura, acompanhadas pela professora pesquisadora, que procurava orientar o ato de ler para que os alunos se apercebessem dos elementos que constituem o conto fantástico, assim como auxiliava os educando esclarecendo dúvidas que surgiam durante a leitura, pois de acordo com Cosson, (2006),

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2006, p. 62).

Seguimos realizando o compartilhamento, discutindo sobre o texto lido, respondendo às questões elaboradas no círculo de leitura.

E, por fim, houve o momento do registro quando “os participantes refletem sobre o modo com estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada” (COSSON, 2014, p. 171) durante a realização desta proposta interventiva, atendendo o princípio dos círculos de leitura, cada estudante exerceu uma função específica, geralmente, estes momentos dos registros se davam no ambiente da sala de aula ou na casa dos alunos.

A avaliação ocorreu de forma contínua, de acordo com a participação de cada aluno nos círculos de leitura e em todo o desenvolver do projeto. Os registros realizados nas fichas de funções também serviram para observarmos a evolução do aluno, assim como a sua compreensão em relação ao texto lido, o que nos permitiu avaliar a progressão do educando.

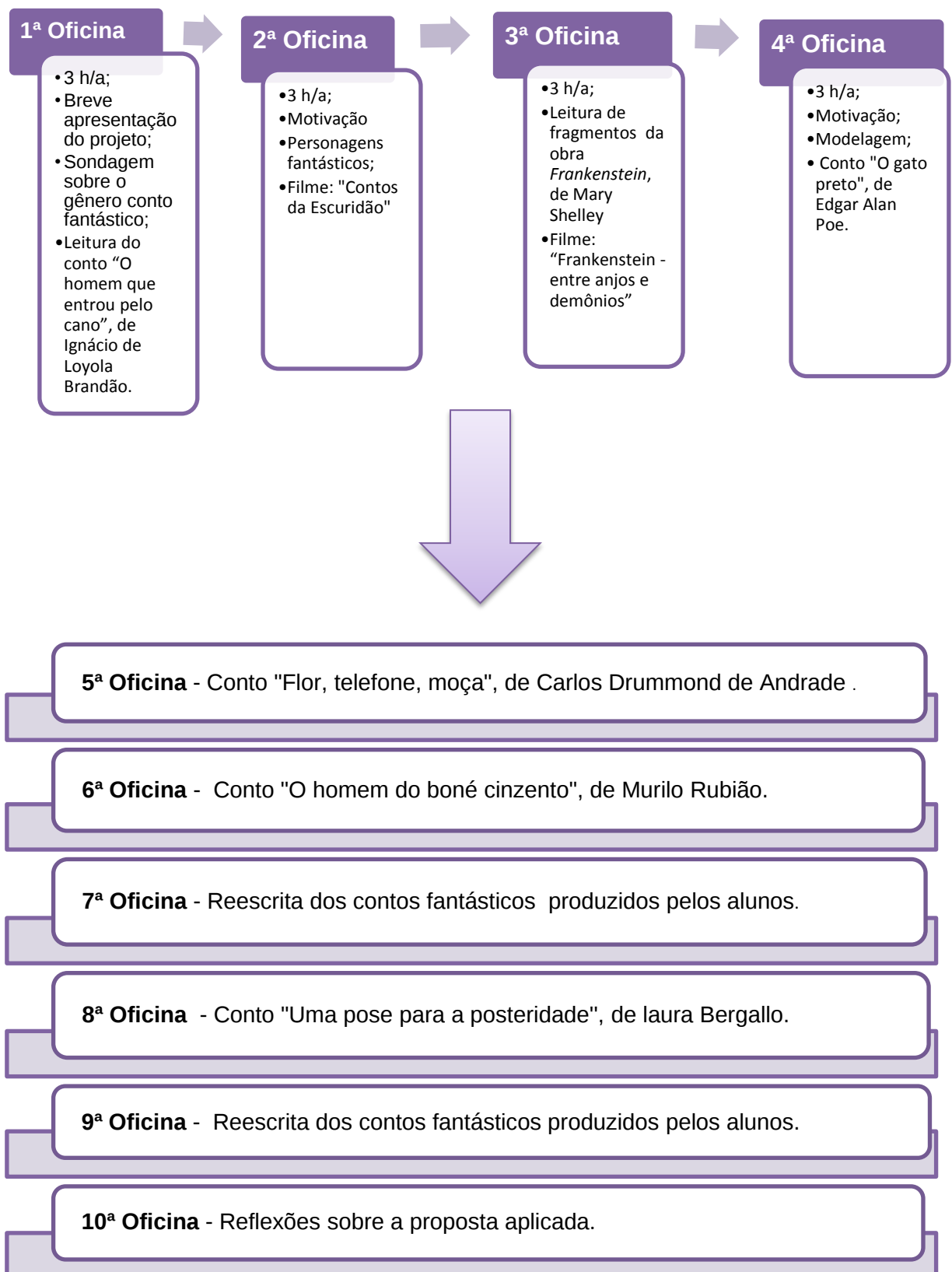
Assim, as oficinas que realizamos durante a realização desta proposta interventiva seguiram, principalmente, a metodologia dos círculos de leitura, associada a dois passos da sequencia básica de letramento literário, a fim de preparar o aluno para o momento do ato de ler.

A metodologia adotada neste trabalho de intervenção nos fez perceber que a prática de leitura pode ser dinâmica ao ser compartilhada no ambiente da sala de aula, por meio de atividades socializadoras como é o círculo de leitura, orientado por Cosson, pois procedimentos como este “oferecem aos alunos a oportunidade de construir sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária” (Cosson, 2014, p.177).

Nesta proposta nos organizamos pela realização de todas as etapas e atividades serem realizadas no ambiente escolar, por se tratar da leitura de contos, um gênero que favorece sua aplicação em sala de aula. Assim, propusemos trabalhar por meio de oficinas.

As oficinas ocorreram durante as aula de Língua Portuguesa, obedecendo ao horário já estabelecido, desde o início do ano letivo, pela instituição de ensino na qual desenvolvemos o referido trabalho. Organizamo-nos de modo a realizarmos os referidos encontros nos dias nos quais tínhamos duas ou mais hora-aulas continuadas. Desse modo foram realizados quatro oficinas, com duração de três hora-aulas, cinco oficinas, com duração de duas hora-aulas, e uma oficina de uma hora-aula, totalizando vinte e três hora-aulas de quarenta e cinco minutos cada.

Discorreremos, a seguir, com a descrição detalhada e de cada oficina seguindo o esquema abaixo:



### 3.5.1 Oficinas motivadoras e a de modelagem

Antes de darmos início as oficinas, onde trabalhamos com os textos que compõem o *corpus* deste trabalho, consideramos relevante realizarmos quatro oficinas, com duração de três hora-aulas, com o objetivo de transmitir aos alunos conhecimentos sobre o gênero textual conto, mas especificamente o conto fantástico, motivá-los com filmes e personagens da literatura fantástica, para que os discentes se envolvessem no universo literário fantástico. Na última destas quatro oficinas nos dedicamos a explicar o funcionamento da metodologia círculos de leitura, a fim de que os alunos pudessem adquirir conhecimentos necessários para que obtivessem sucesso na realização das oficinas de leitura que realizamos na sequência. A seguir, descreveremos de que forma ocorreram estas oficinas.

#### 1ª Oficina (Motivação) – 3 h/a

A primeira oficina foi iniciada realizando a apresentação do referido projeto, oralmente e utilizando a lousa, que objetiva promover o letramento literário por meio do conto fantástico. Apresentamos, de forma sucinta, também metodologia dos círculos de leitura.

Na sequência foi formada uma roda de conversa, onde dialogamos sobre quais gêneros literários eles conheciam. Os alunos citaram gêneros como: fábulas, conto de fadas e crônicas, e fizeram referência às características próprias dos referidos gêneros. Em seguida aos alunos responderam a um breve questionário, onde eles colocariam no papel o que haviam exposto oralmente. (APÊNDICE B, p. 106 )

Logo, partindo dos conhecimentos sobre o gênero conto de fadas, perguntamos o que eles entendiam pelo gênero conto, e os discentes começaram a se referir que o conto relata, conta uma história, e que no caso do conto de fadas, uma história fantasiosa, inventada.

A seguir apresentamos a turma o vocábulo “fantástico” e procuramos instigá-la a expor o que entendia sobre a referida palavra e a turma fez referência ao termo fantástico como sendo sinônimo de maravilhoso<sup>4</sup>, espetacular e surpreendente.

Então procuramos conceituar para a turma o gênero textual conto, e na sequência focamos especificamente no gênero conto fantástico. A partir desta exposição inicial sobre o já referido gênero textual os alunos responderam duas questões que colocamos no quadro e que eles anotaram no caderno:

1. Sabendo o sentido do termo “fantástico” na literatura, cite personagens que você conhece da TV, do cinema ou da literatura, que se enquadra na categoria de personagem fantástico.
2. Você já leu algum texto que continha características próprias de um texto literário fantástico?

Ambas as questões foram elaboradas com o intuito de sondar os conhecimentos prévios dos alunos relacionados ao universo da literatura fantástica.

Em resposta a primeira questão, os alunos fizeram referências a personagens tanto da TV, quanto do cinema, como da literatura, e até do folclore, tais como: lobisomem, vampiro, Homem-Aranha, ogro, X-men, fantasma, Super-homem, sereia, Pinóquio, entre vários personagens de desenho animados, filmes e de contos de fadas.

Já respondendo a segunda pergunta, citaram vários contos de fadas: “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Bela adormecida”, “João e o pé-de-feijão”, entre outros, citando sempre que conheciam as histórias desde a infância, mais precisamente, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e citaram que consideravam um fato fantástico no gênero fábulas, que seria os animais falarem.

Embora tenham citado temas e personagens do universo do maravilhoso, percebemos que os alunos não conheciam contos literários fantásticos, mas apenas textos e personagens, no geral, que continham características próprias do fantástico.

Posteriormente, entregamos a cada aluno uma cópia do conto “O homem que entrou pelo cano”, de Ignácio de Loyola Brandão (ANEXO, P,117). A escolha deste conto, para este momento introdutório e de sondagem, se deu por conter elementos próprios da narrativa fantástica, já apresentadas neste primeiro encontro aos alunos.

---

<sup>4</sup> Os estudos teóricos assinalam que Maravilhoso e Fantástico são gêneros distintos. Entretanto, os alunos observaram o traço comum que existe em parte desses gêneros: o sobrenatural.

Solicitamos que os educandos realizassem primeiramente uma leitura silenciosa e que na sequência anotassem em seus cadernos elementos contidos no conto que podem fazer dele narrativa fantástica. Em seguida, foi realizada uma leitura compartilhada do texto e os alunos expuseram suas respostas em relação ao questionamento realizado a eles sobre o texto lido. E os estudantes responderam que o acontecimento na narrativa que possibilitaria o texto ser considerado fantástico seria o fato do personagem do texto ser tão pequeno a ponto de caber na encanação.

Desse modo, apreendemos que os discentes entenderam a ideia principal deste primeiro encontro, que seria saber identificar acontecimentos que constituem uma narrativa literária fantástica.

E para a oficina seguinte, solicitamos que os alunos pesquisassem personagens próprios do universo literário fantástico, trouxessem imagens e as características dos personagens pesquisados para uma exposição oral.

## **2ª Oficina (Motivação) – 3 h/a**

A segunda oficina foi realizada na biblioteca da escola e foi iniciada com uma roda de conversa na qual os alunos expuseram oralmente e de forma sucinta quais informações tinham assimilado da aula anterior. Assim fizeram, e de acordo com o que um aluno expunha o conteúdo que tinha assimilado, ocorria a ativação das memórias dos demais que acrescentavam mais detalhes complementando a fala do colega, logo demonstraram que apreenderam bem o que tinha sido lhes apresentado no encontro anterior.

Em seguida, solicitamos que os alunos apresentassem os resultados da pesquisa solicitada no encontro antecedente, sobre personagens fantásticos. Assim, foram apresentados diversos personagens fantásticos, por meio de imagens que os alunos trouxeram e pelas explanações orais que foram realizadas a respeito de cada personagem pesquisado. Foram expostos os seguintes personagens, que os alunos consideraram fantásticos: ogro, fantasmas, monstros, lobisomem, vampiro, sereia, demônios, anjos, entres outros, inclusive alguns originados da mitologia.

Na sequência expomos o Filme “Contos da Escuridão”. Sobre o filme assistido o aluno **J.J.S. M** escreveu o seguinte comentário:

*O contos da escuridão, nele são contadas 3 histórias, uma sobre múmia outra sobre um gato preto (demoníaco) e o último sobre uma criatura incrivelmente feia, é um dos meus favoritos.*

**J.J.S. M**

Ao término do filme, os alunos levaram para responder em casa duas questões referentes ao filme assistido.

1. Você achou coerente o título do filme com o conteúdo que ele expôs? Justifique sua resposta.
  2. Cite os acontecimentos e personagens que podemos considerar fantásticos contidos no filme assistido.
- e referindo ao

E assim, marcamos para que no próximo encontro expusessem suas respostas e assim comentaríamos também sobre o filme assistido.

### **3ª Oficina (Motivação) - 3 h/a**

A terceira oficina foi iniciada na sala de aula, com uma roda de conversa na qual os alunos comentaram sobre o filme assistido na aula anterior, assim como expuseram oralmente suas respostas às questões que levaram para responder em casa. Em relação à primeira questão, responderam que acharam o título coerente com a narrativa do filme por realmente se tratar de três contos, com características fantásticas e de suspense. Em resposta a segunda questão, os discentes destacaram a múmia, a bruxa, o gato e o demônio enquanto personagens que eles consideram fantásticos. E os processos de metamorfose, a intenção da bruxa em devorar o menino, a imortalidade do gato e um humano se relacionar com um demônio e ter filhos demônios, como sendo acontecimentos fantásticos.

Em um segundo momento, desta mesma oficina, convidamos os alunos a irem à biblioteca da escola. Já na biblioteca, os alunos receberam cópias contendo fragmentos da obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, e perguntamos se eles conheciam o referido personagem, ao que responderam que só de vê-lo em algum desenho animado ou filme. Assim, solicitamos que realizassem uma leitura compartilhada do material recebido. Ao término da leitura, pedimos que expusessem

o que apreenderam do texto lido e destacaram que o personagem era uma criatura de laboratório, feito de pedaços de vários corpos humanos e que havia matado seu criador.

Na sequência, realizamos uma curta explanação sobre *Frankenstein*, sobre a autora Mary Shelley e sobre os duzentos anos do referido clássico literário. E exibimos o filme “Frankenstein - entre anjos e demônios”, a fim de encerramos este momento sobre o personagem. Sobre o filme exibido neste encontro, a aluna **L. M. S.L.** escreveu o seguinte comentário:

*O filme Frankenstein - entre anjos e demônios, é um filme bem baseado em acontecimentos fantásticos, o filme é um pouco assustador por que ele retrata histórias de demônios. Mais o filme é muito bom. Só pelo nome, o filme já chama bastante atenção.*

**L.M.S.L.**

Desse modo, com a terceira oficina encerramos o momento de motivação inicial da nossa proposta de leitura e na oficina descrita a seguir realizamos o momento denominado por Cosson (2014), como modelagem, onde o aluno tem uma primeira experiência com a metodologia do círculo de leitura.

#### **4ª Oficina (Modelagem) – 3 h/a**

Na quarta oficina, reexplicamos, de modo mais detalhado, o funcionamento dos círculos de leitura, e foi permitido que cada aluno escolhesse a função que gostaria de exercer, assim a turma ficou organizada em três equipes: com cinco componentes cada uma, totalizando quinze alunos. Então tivemos os grupos **A**, **B** e **C**. Nos três grupos foram empregadas as mesmas funções, com a exceção em que um dos grupos a função de Perfilador foi substituída pela função de Ilustrador.

A organização dos grupos ficou da seguinte forma: No grupo **A** tivemos as seguintes funções: Conector, Questionador, Iluminador, Ilustrador e Sintetizador. As funções contidas na equipe **B** e **C** foram: Conector, Questionador, Iluminador, Perfilador e Sintetizador. Na organização dos grupos procuramos trabalhar com a função que o aluno mais se identificasse, e no caso da função de Ilustrador uma das alunas pediu para exercê-la, porque gostaria de ilustrar os contos lidos com

desenhos feitos por ela e nós acatamos a ideia; os demais alunos, por não terem habilidade para o desenho, mesmo sabendo que poderia fazer uso de imagens recortadas, preferiram exercer outra função. Substituímos, assim, a função de Ilustrador nos outros dois grupos pela de Perfilador, conforme explicamos anteriormente.

Desse modo, após formarem as equipes e cada aluno conhecer as funções, os componentes de cada grupo chegaram a um consenso entre si sobre qual função cada aluno desempenharia no círculo de leitura.

Em relação às funções, de acordo com Cosson (2014),

Naturalmente, nem todas as funções precisam ser preenchidas por um grupo, assim como o professor pode inventar outras funções conforme as características do texto a ser lido e da turma. Daniels considera que as quatro primeiras funções – Conector, Questionador, Iluminador e Ilustrador – são as mais importantes porque elas estão relacionadas aos hábitos de leitura de um leitor maduro. (COSSON, 2014, p. 146).

Assim sendo, em relação às funções a serem exercidas pelos alunos, procuramos seguir as orientações dadas por Cosson (2014) em relação às funções mais relevantes. Logo, foram disponibilizadas para a escolha do aluno preferencialmente as funções destacadas pelo referido autor.

Esta quarta oficina seria um momento mais expressivo de um processo do círculo de leitura, denominado por Cosson (2014) como modelagem:

Em outras palavras, cabe ao professor ensinar a seus alunos não apenas o que é um círculo de leitura, mas também mostrar como ele funciona e os procedimentos que os participantes devem obedecer em todas as suas fases. A esse processo de ensinar mostrando como deve ser feito chamamos de modelagem. (COSSON, 2014, p. 165).

Contudo, esse processo de modelagem não se deu apenas nesta oficina, mas em outras aulas também, antes mesmo de começarmos a execução dessa proposta interventiva, por isso citamos no parágrafo anterior, que este seria um instante mais expressivo, por anteceder a quinta oficina e deixar a execução da referida metodologia clara e recente na memória dos alunos.

Para esta oficina, o conto escolhido para ser trabalhado foi “O gato preto”, de Edgar Allan Poe. (ANEXO, P. 118).

### **Motivação**

Após expor aos alunos a metodologia do círculo de leitura, organizar as equipes e cada aluno saber qual função exerceria, iniciamos o momento da motivação apresentando aos alunos a imagem de um gato preto, e solicitamos que os alunos pensassem um pouco e escrevessem em seus cadernos a quem ou a quem eles associariam a imagem do gato preto. E, após alguns minutos, os alunos fizeram referência a personagem da bruxa, ao azar, a sexta-feira treze e também a um dos contos contidos no filme “Contos da escuridão”, que eles assistiram em um dos encontros anteriores. Associando, assim, a figura do gato preto ao horror, a falta de sorte.

### **Introdução**

Dando continuidade ao encontro, fizemos uma breve exposição na biblioteca da escola sobre o autor do conto e sua relevância no universo da literatura fantástica, visto que os alunos ainda não conheciam o referido autor.

### **O ato de ler**

Após cada aluno receber a sua cópia do conto ficou acordado que primeiro seria uma leitura compartilhada e orientada pela professora-pesquisadora, para a necessidade de esclarecer alguma dúvida.

Foi solicitado que, durante este momento de leitura, os alunos fossem realizando anotações nos cadernos de fatos importantes ou de dúvidas decorrentes do texto, e que a leitura iria sendo pausada para que esclarecimentos fossem realizados.

Após a leitura compartilhada, cada aluno, já sabendo sua função no círculo de leitura, recebeu sua ficha para fazer as devidas anotações. Este momento foi proveitoso para esclarecer as dúvidas referentes a cada função.

### **O compartilhamento**

Após as fichas que os alunos receberam anteriormente estarem preenchidas, foi formado um grande círculo e cada aluno foi expondo, com base nas primeiras anotações e nas posteriores feitas nas fichas, suas impressões sobre o conto lido, respondendo as questões elaboradas no círculo de leitura, assim como sobre a metodologia desenvolvida. Foi um momento produtivo, que nos foi útil para observarmos e avaliarmos cada aluno.

### **A avaliação**

A avaliação durante a aplicação desta proposta interventiva se deu de modo contínuo, de acordo com a participação de cada aluno, assim como por meio das fichas de função.

Nesta oficina, solicitamos aos alunos que em casa fossem produzindo, aos poucos, e com base no que já estavam conhecendo e no que iriam conhecer da literatura fantástica, um breve conto fantástico. Programamos a apresentação deste primeiro conto para a sétima oficina.

### **3.5.2 Oficinas com o *corpus* literário selecionado e as oficinas de reescrita dos contos**

Após a realização das quatro primeiras oficinas com a intenção de motivar os alunos e de, na última, trabalhar a modelagem com eles, preparando-os para a realização dos círculos de leitura. Sequenciamos nossas atividades realizando as três oficinas de leitura, nas quais trabalhamos o *corpus* literário escolhido para a execução desta proposta interventiva.

Neste subitem, também descrevemos o desenvolvimento das três oficinas dedicadas a reescrita de contos fantásticos por parte dos alunos como resultado do trabalho de leitura literária desenvolvido nesta proposta. Ressaltamos, porém, que o foco da nossa proposta é a leitura a fim de promover o letramento literário, a escrita foi uma prática que resultou das atividades dedicadas à leitura.

#### **5ª Oficina – 2 h/a**

Na primeira oficina realizada, o conto trabalhado foi “Flor, telefone, moça,” autoria de Carlos Drummond de Andrade, retirado da obra *Contos de Aprendiz* (2012), e teve a duração de duas h/a.

##### **Motivação**

O momento da motivação foi iniciado com a professora-pesquisadora expondo a possibilidade da existência na realidade humana de um personagem comum na literatura fantástica, assim como nos filmes de terror: o fantasma, que alguns denominam também como alma penada, com base em relatos dos mais

diversos tipos, pessoas mais velhas, caça-fantasmas, entre outros. E os seguintes questionamentos foram levantados para a turma:

1. Você acredita em fantasmas? Em almas penadas?
2. Se já ouviu alguma história envolvendo este personagem relate brevemente.

Estes questionamentos foram expostos na lousa, mas para que eles pensassem um pouco e respondessem oralmente. E foram surgindo opiniões das mais diversas, os que acreditavam e os que não, as justificativas para ambas possibilidades. E os alunos que tinham ouvido algum relato fantasmagórico contavam para seus colegas. Foi um momento produtivo e empolgante, que fez com que os discentes refletissem um pouco sobre a possível existência de fantasmas, realizando assim uma conexão com o conto que foi lido na sequência.

### **Introdução**

Após o momento de motivação, foi feita uma breve abordagem sobre o autor Carlos Drummond de Andrade, a fim de estabelecer um breve primeiro contato da turma com o autor.

### **O ato de ler**

Em seguida, distribuímos uma cópia para cada aluno do conto “Flor, telefone, moça,” e solicitamos que realizassem uma primeira leitura silenciosa, em conversa com a turma chegamos a um consenso para o tempo disponível para esta primeira leitura.

Ao término da leitura silenciosa, solicitamos que os alunos comentassem entre si a primeira apreensão sobre o texto, e que cada um anotasse em seu caderno informações importantes, assim como dúvidas decorrentes da leitura do conto, e solicitamos que os colegas de equipe se ajudassem, apoiando uns aos outros em suas dificuldades.

Após alguns instantes de diálogos sobre o texto, foi montado um grande círculo onde se realizou uma leitura compartilhada sobre a orientação da professora-pesquisadora, a fim de esclarecer dúvidas e os grupos trocarem suas impressões sobre o conto lido, responderem as questões elaboradas, ocorrendo, desse modo, o **compartilhamento**.

Terminado este momento coletivo, cada grupo se formou e cada participante recebeu sua ficha de função, para realizar seus registros sobre o conto lido na oficina.

Alguns alunos pediram à professora-pesquisadora para primeiro responder no caderno, mostrar para alguma orientação, para depois passar a limpo para a ficha, e com o consentimento da professora, assim foi realizado o **registro** desta primeira oficina.

Por fim, depois que cada aluno preenchia a sua ficha, a entregava para a professora.

### **A avaliação**

Avaliamos a turma de forma contínua, observando a interação dos alunos nas atividades desenvolvidas na referente oficina e por meio das fichas de funções que foi nos entregue.

Ao término da oficina, lembramos novamente aos alunos sobre a produção do conto fantástico já solicitado anteriormente, com previsão para ser apresentado em um encontro antes da terceira oficina.

## **6ª Oficina – 2h/a**

O conto “O homem do boné cinzento”, extraído do livro *Contos Reunidos*, 1998, de Murilo Rubião, foi o conto estudado na segunda oficina com duração de duas h/a.

### **Motivação**

Na sexta oficina, a fim de estabelecer uma relação com o universo literário fantástico do conto que iria ser lido, retomamos com os alunos um fenômeno comum na narrativa fantástica, sobre o qual já tínhamos feito referência em aulas anteriores: a metamorfose. Ao fazermos referência a este acontecimento fantástico, os alunos já se apressaram em defini-lo, e percebendo que o assunto apresentado estava claro na memória dos discentes, solicitamos que escrevessem em seus cadernos nomes de três personagens fantásticos da literatura, do cinema ou da televisão que passam pelo processo da metamorfose. E diversos foram os personagens citados, tais como lobisomem, vampiro, “O incrível Hulk”, “O máscara”, o personagem Netuno do filme “X-Men”, e diversos outros foram citados. Na sequência, solicitamos que citassem oralmente personagens que seu corpo alterava de tamanho, ou que se auto-consomem. E os alunos citaram: Alice, de *Alice no país das Maravilhas*, a personagem mitológica Fênix, fazendo referência inclusive a desenhos e filmes nos

quais a referida personagem aparece, entre outros. Assim como fizeram referências a personagens contidos nos filmes que assistiram nos encontros anteriores.

### **Introdução**

Uma breve exposição biográfica foi realizada sobre o autor Murilo Rubião e suas principais obras.

### **O ato de ler**

Para o momento de leitura uma cópia do conto fantástico “O homem do boné cinzento” foi entregue a cada aluno. O momento de leitura foi organizado da seguinte forma primeiro uma leitura compartilhada entre todos os alunos da turma e orientada pela professora-pesquisadora, a fim de que os alunos atentassem para os acontecimentos próprios da narrativa fantástica, tais como o mistério e os acontecimentos que rompiam com a realidade a que, geralmente, o ser humano comum está habituado. Após esta primeira leitura compartilhada, alguns alunos já teciam comentários sobre o conto lido, fazendo referência aos acontecimentos fantásticos contidos no texto.

Na sequência, os círculos de leitura foram formados, e realizaram uma segunda leitura entre si, desta feita já fazendo anotações em seus cadernos e **compartilhando** as experiências de leitura entre si.

Em seguida, as fichas de funções foram distribuídas, alguns alunos preferiram preencher as informações referentes às fichas no caderno, mostrar para a professora-pesquisadora caso houvesse alguma orientação, para depois passar a limpo para a ficha, e com o consentimento da professora, assim foi realizado o **registro** desta segunda oficina.

Na sequência, os grupos se reuniram para responderem as questões elaboradas e esclareceram mais alguma dúvida.

Ao final, cada aluno entregava a sua ficha preenchida a professora-pesquisadora.

### **A avaliação**

Continuamente a turma foi avaliada, pela participação nas atividades desenvolvidas na referente oficina e por meio das fichas de funções que foi nos entregues.

No fim da oficina, lembramos novamente aos alunos sobre a produção do conto fantástico já solicitado anteriormente, com previsão para ser apresentado no próximo encontro.

## 7ª Oficina - 2 h/a

Iniciamos a sétima oficina foi realizada no ambiente da sala de aula com uma roda de conversa sobre a execução do projeto até então, com a intenção de ouvirmos as opiniões dos nossos alunos, que foram sinceros em seus comentários ao falarem se suas dificuldades na leitura, a falta do hábito e suas superações. Foi um momento proveitoso e de reflexão.

Em seguida, solicitamos que pegassem os contos que foram produzidos fora do ambiente da sala de aula, mas que foram elaborados com base em todos os conteúdos e orientações transmitidos nas aulas de Língua Portuguesa. As referidas produções já haviam sido solicitadas há alguns dias, conforme já expomos anteriormente neste trabalho.

Neste primeiro momento, com esta primeira produção elaborada pelos alunos, nossa intenção era auxiliar os educandos na reescrita de seus contos, e que os próprios alunos mantivessem o trabalho compartilhado, como no círculo de leitura, se apoiando. Por isso, perguntei se alguns alunos se disponibilizariam para realizar a leitura dos seus contos para que pudessem ser compartilhados com os demais colegas, discutidos e abertos a sugestões. Poucos alunos se dispuseram a ler, por não se sentirem a vontade para expor o que escreveram, outros preferiram apenas ouvir a leitura dos contos dos colegas e participar das discussões.

Após a leitura de alguns contos dos alunos que se dispuseram e a exposição dos comentários sobre as produções feitos pela professora-pesquisadora e pelos alunos, solicitamos que os alunos realizassem uma leitura silenciosa de seus textos e os reescrevessem revendo pontos importantes, como os fenômenos e os personagens fantásticos contidos na narrativa.

A professora-pesquisadora auxiliou todos os alunos neste processo de reescrita esclarecendo dúvidas, levando os alunos a pensarem em outras estratégias de escrita, a repensarem o que haviam escrito. Alguns alunos pediram para que a professora lesse seus textos, e desse sugestões para melhorias. Outros já corrigiam seu texto e trazia para mostrar as modificações realizadas antes da versão final.

Por fim, todos os alunos entregaram suas produções ao término do encontro. E pudemos perceber a dificuldade de alguns alunos não só para ler, mas também

para escreverem, porém após receber orientações e ver outras ideias conseguem se superar e vencer obstáculos, tanto na leitura, quanto na escrita.

### **8ª Oficina – 2h/a**

O conto escolhido para a oitava oficina é de autoria da carioca Laura Bergallo, do livro *Cibermistérios e outros horrores* (2011), e tem por título “Uma pose para a posteridade”. A referida oficina também teve a duração de duas horas-aula.

#### **Motivação**

Na oitava oficina, o conto trabalhado tratava de um rapaz que a cada fotografia era que tirada dele uma sombra aparecia ao seu lado e ganhava forma, em quanto o rapaz definhava. Por isso para o momento de motivação trouxemos algumas imagens e curtos casos pesquisados na internet de pessoas que dizem ter registrado em foto seres considerados inexistentes. Os alunos observaram os registros e foram comentando se acreditavam na veracidade dos registros e na existência dos seres registrados. Assim como comentaram sobre o uso da tecnologia para comprovar a existência de seres até então considerados inexistentes.

#### **Introdução**

Uma breve exposição sobre a autora Laura Bergallo e suas principais obras.

#### **O ato de ler**

O momento dedicado a leitura foi iniciado com a distribuição de uma cópia para cada aluno do conto “Uma pose para a posteridade”, e foi pedido que os alunos fizessem uma primeira leitura silenciosa.

Ao fim da leitura silenciosa, solicitamos que cada aluno anotasse em seu caderno informações importantes, assim como dúvidas decorrentes da leitura do conto, e pedimos que os colegas de equipe se ajudassem, contribuindo para a compreensão do texto por parte de algum colega com dificuldade.

Depois de alguns momentos de diálogos sobre o texto, foi montada uma roda de leitura momento em que se realizou uma leitura compartilhada sob a orientação da professora-pesquisadora, a fim de esclarecer dúvidas e os grupos trocarem suas impressões sobre o conto lido, responder as questões elaboradas, ocorrendo, desse modo, o **compartilhamento**.

Terminado este momento coletivo, cada grupo se formou e cada participante recebeu sua ficha de função, para realizar seus registros sobre o conto lido na oficina.

Alguns alunos pediram a professora-pesquisadora para primeiro responder no caderno, mostrar para alguma orientação, para depois reescrever na ficha, e com o consentimento da professora, assim foi realizado **o registro** da oitava oficina.

No final, as fichas foram entregues à professora-pesquisadora devidamente preenchidas.

E foi solicitado aos alunos que pensassem em uma segunda produção de um conto fantástico para a próxima oficina baseado em tudo que foi apreendido sobre conto fantástico durante os encontros do projeto e em aulas antes do próprio projeto, e que deveria ser iniciada em casa.

## **9ª Oficina – 2 h/a**

A nona oficina realizada teve duração de duas horas-aula, com a finalidade de propiciar aos alunos a oportunidade de expor os conhecimentos adquiridos durante os encontros desta proposta interventiva com a produção de um conto fantástico. Sendo que a referida proposta foi solicitada ao fim da última oficina, para que os alunos fossem pensando e iniciando suas produções em casa.

Primeiramente, trouxemos a primeira produção fantástica realizada pelos alunos e solicitamos que alguns alunos se disponibilizassem e lessem as suas narrativas, três alunos se disponibilizaram, assim seus contos foram lidos e comentados pela turma. Os comentários foram fazendo referência aos personagens, aos acontecimentos fantásticos ocorridos nos contos, assim como as características próprias às narrativas fantásticas.

Este momento de leitura foi realizado a fim de servir de inspiração para as produções que seriam concluídas neste encontro, para que os alunos se envolvessem com a atmosfera da narrativa fantástica.

Assim que as leituras e comentários foram concluídos, solicitamos que os alunos pegassem os contos iniciados em casa e sugerimos que formassem duplas, a fim de lerem o que haviam produzido uns para os outros e se aconselharem a respeito da produção. Enquanto isso a professora-pesquisadora chamava cada aluno individualmente, para fazer uma leitura do texto, pois a maioria dos alunos

trouxe o conto praticamente concluído, e dar algumas orientações para a produção final.

Após o momento de compartilhamento entre colegas, e a professora-pesquisadora ter fornecido algumas orientações, cada aluno recebeu uma folha para reescrever sua produção.

Por fim, os alunos entregaram suas produções ao fim da oficina.

### **10ª Oficina – 1h/a**

A décima oficina, com duração de apenas uma hora-aula, foi realizada com o objetivo da professora-pesquisadora manter um diálogo com a turma sobre a proposta interventiva realizada. Desse modo foi formada uma roda de conversa onde os alunos puderam expor oralmente suas opiniões sobre o trabalho realizado na área de leitura e literatura, com contos fantásticos.

Para que o diálogo fosse orientado, foram elaboradas algumas questões, a exemplo de: “O que você achou do projeto desenvolvido?”; “O que você mudaria na execução do projeto?”; “O que este projeto de leitura acrescentou a sua vida educacional e social?”; “Como foi a sua experiência leitora a partir do projeto com contos fantásticos?”; entre outras questões. E de acordo com a pergunta selecionada o aluno a lia e respondia. E assim, ouvimos dos nossos alunos diversos relatos a respeito desta proposta interventiva, sobre a forma como a leitura pode estabelecer conexões com outros conhecimentos já adquiridos, as dificuldades pela falta do hábito de leitura, a respeito do desenvolvimento da prática de leitura, apesar de ter sido poucos encontros. Enfim, vários comentários foram feitos a respeito desta proposta interventiva. Por fim, solicitamos aos alunos que escrevessem um comentário sobre o trabalho realizado, como se fosse uma junção de suas opiniões a respeito da proposta, seria uma forma de colocarem no papel o que tinham exposto oralmente. E assim fizeram. Abaixo, exporemos alguns destes comentários realizados pelos alunos.

#### **Comentário 1**

*O projeto do conto fantástico foi muito importante<sup>5</sup> para mim por que eu não gostava de ler mais quando começou o projeto, que li o primeiro conto fantástico me deu uma vontade de ler mais e mais conto esperava cada terça ansiosa para ler novos conto e também fluiu muito a minha imaginação quando começava a ler era como se eu tivesse lá dentro do conto sem sair do lugar. Era maravilhoso gostei muito dos conto lido principalmente do conto da flor, telefone e moça, e o homem do boné cinzento. Eu amei o projeto espero que continue.*

**M.V.S – 14 anos**

## **Comentário 2**

*Esse projeto de contos fantásticos me ajudou bastante a desenvolver a minha leitura, e foi de grande ajuda pois sou viciado em assistir animes/desenhos japoneses e esses animes alguns não são dublados, mais agora eu consigo ler mais rápido. E esses contos fantásticos foi bem legal por que todos davam as suas opiniões e até contavam algumas histórias iguais que os familiares deles contavam, foi bem legal essa troca de conhecimento.*

**J.S.O – 15 anos**

## **Comentário 3**

*O projeto de literatura fantástica, na minha opinião, veio em boa hora, foi muito bom tanto pela experiência e também pela ajuda que ele trouxe para mim enquanto estudante. A partir desse projeto procurei ler mais, busquei me aprofundar mais no que realmente é a literatura fantástica e no que ela pode complementar nas nossas vidas de estudantes, seja na vida real ou na imaginação. Gostei muito de exercer a função de conector(a), de conhecer outras funções, autores e ler vários contos.*

**M.C.S.S. – 12 anos**

---

<sup>5</sup> Ressaltamos que na reprodução do texto dos alunos foi preservada a estrutura sintática e os possíveis desvios gramaticais.

**Comentário 4**

*A literatura fantástica fez eu me interessar ainda mais por ‘coisas’ sobrenaturais. Despertou em mim um prazer enorme por ler contos assim. Me deu a oportunidade de criar meus próprios desenhos fantásticos . E com relação aos contos e aos filmes passados em sala de aula, eu amei todos, porque eles me ajudaram a sair da vida real e ir a vários lugares, sem sair do lugar.*

**B.C.V.S. – 14 anos**

**Comentário 5**

*Bom, o projeto de leitura e de literatura foi um bom incentivo para ler mais contos fantásticos, foi um ótimo projeto, os colegas de classe se aproximaram mais, teve mais diálogo entre eles e foi uma ótima experiência fazer esses trabalhos em grupo. Um dos contos que eu mais gostei e que eu li mais de uma vez foi o “Flor, telefone, moça que foi uma das atividades mais agradáveis. Não tenho nada a reclamar, foram ótimas as aulas com o projeto.*

**G.S.S.C. – 13 anos**

**Comentário 6**

*O projeto de leitura me ajudou muito a melhorar minha leitura, graças a ele eu consegui melhorar (um pouco) a minha caligrafia e me enturmar mais com meus colegas de sala. Li vários contos muito interessantes e que te dão curiosidade para saber o final de todos os contos.*

**J.J.S.M. - 13 anos**

Tendo como base os recortes acima, podemos inferir que a proposta interventiva aplicada contribuiu para atrair o nosso aluno para o universo da leitura literária, assim como contribuiu para que desenvolvessem competências e saberes, como também para fortalecer a socialização entre eles, favorecendo a promoção do letramento literário dos discentes.

Por fim, agradecemos a turma pela colaboração e participação na realização desta proposta interventiva, que acreditamos ter sido produtiva e que tenha aberto caminhos que os levem a trilhar novas veredas em direção a outras experiências leitoras e, conseqüentemente, a promoção do letramento literário na vida educacional e social dos referidos educandos.

## 4. DESCRIÇÃO DAS FASES DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Neste capítulo do nosso trabalho, demonstraremos as etapas realizadas para que pudéssemos aplicar a referida proposta interventiva em sala de aula, assim como analisar os dados coletados por meio desta pesquisa.

### 4.1 Processo de coleta dos dados

A fim de que fosse viável iniciarmos a aplicação da nossa proposta interventiva nosso projeto foi submetido à análise ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCSD. A escola foi comunicada e sancionou seu consentimento através da CARTA DE ANUÊNCIA, como também os alunos e responsáveis assinaram O TERMO DE ASSENTIMENTO e o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. (ANEXOS 1, pág. 110).

### 4.2 Sondagem

No primeiro encontro realizamos um breve questionário, a fim de sondarmos de modo geral os conhecimentos literários e de leitura que a turma possuía até então. O questionário continha quatro questões nas quais os estudantes expunham seus conhecimentos, de forma sucinta, sobre os gêneros literários conhecidos e faziam referência a importância da leitura. (Apêndice B, p.107).

Desse momento de sondagem, destacaremos uma resposta referente a cada pergunta.

#### 1. Quais são os gêneros literários que você já conheceu até agora?

*Eu estudei fábulas, crônicas e contos fantásticos.*

**G.R.S.T**

#### 2. Dos gêneros literários já conhecidos de qual você mais gostou?

*Conto fantástico, porque é fora da realidade, é irreal.*

**3. Fale um pouco sobre cada um dos gêneros abaixo:**

a) **Fábula** – Normalmente os personagens das fábulas são animais. As fábulas tem lições dentro de seus contos, ou como mais conhecidas as morais. As morais servem para ensinar para as crianças certas lições, como por exemplo a lebre e a tartaruga, essa fábula ensina a não contar vitória antes da hora.

b) **Crônica** – As crônicas são geralmente publicadas em jornal, mas também é publicada na internet.

As crônicas são textos geralmente curtos e com linguagem simples e de fácil entendimento. Quem escreve crônica recebe o nome de cronista. as crônicas abordam temas do cotidiano.

c) **Contos fantásticos** – Os contos fantásticos, geralmente retrata em contos narra uma história repleta de elementos misteriosos e inexplicáveis. Havendo uma relação e combinação de realidade e fantasia. O espaço do relato fantástico é um lugar comum, real, mas que contem personagens e acontecimentos irreais.

**J.J.S. M****4. Fale sobre a importância da leitura.**

A leitura é muito importante para nós porque através da leitura que descobrimos novas palavras, quando nós estamos lendo ajente viajamos por todos os lugares que quiser. Usamos muito a imaginação quando estamos lendo através da leitura vamos longe sem sair do lugar. Conhecemos novos lugares, países, cultura, musicas, autores e escritores. Vamos ler mais e usar a nossa imaginação quando estivermos lendo.

**M.V.S**

Transcrevemos acima, a resposta de quatro alunos distintos, uma resposta para cada questão. Com base neste recorte da atividade realizada, podemos perceber que os alunos conhecem alguns gêneros literários, inclusive, mesmo que

superficialmente, o conto fantástico. E que mesmo não sendo leitores consideravelmente ativos, eles têm consciência de que a leitura é importante na construção do conhecimento.

Desse modo, nesta atividade de sondagem, pudemos ter uma noção inicial dos conhecimentos previamente adquiridos pelos nossos alunos no que se refere a literatura e a leitura.

#### **4.3 Análises dos resultados: os círculos de leitura como metodologia de letramento**

Neste item do trabalho demonstraremos e analisaremos os resultados obtidos por meio da presente proposta interventiva, assim como a assimilação dos conhecimentos adquiridos e desenvolvidos nas oficinas realizadas durante a execução desta pesquisa.

A análise realizada condiz a uma demonstração das aprendizagens dos nossos alunos referentes às leituras realizadas, o que os contos fizeram os alunos pensarem e sentirem, e que conexões conseguiram estabelecer com a realidade.

O *corpus* para a análise será composto principalmente pelas fichas de funções preenchidas durante a realização das oficinas seguindo a metodologia dos círculos de leitura, assim como também exporemos alguns contos produzidos pelos discentes, com o objetivo de demonstrar que o trabalho desenvolvido por meio da execução desta proposta interventiva possibilitou a atribuição de significado aos textos lidos, como também a socialização das leituras concretizadas, a apreensão da importância da leitura e a viagem ao universo da literatura fantástica, buscando promover o letramento literário no espaço escolar.

Procuraremos enfatizar os registros realizados pelos nossos alunos, como sendo fruto das interpretações das leituras realizadas e da ligação feita dos conhecimentos adquiridos previamente com os apreendidos durante a realização deste projeto.

Desse modo, ressaltaremos os aspectos próprios dos contos fantásticos, observados pelos alunos em suas interpretações e empregados em suas produções. Como também, as relações construídas entre as narrativas fantásticas lidas e a vida. Assim como, as estratégias de leitura por eles empregadas. Enfim, analisaremos

elementos da literariedade e da intertextualidade, percebidos e empregados por nossos alunos ao interpretarem os contos fantásticos trabalhos nesta proposta.

No item a seguir, buscaremos realizar a análise do *corpus* de modo objetivo, a fim de demonstrar um recorte de todo trabalho realizado.

#### 4.3.1 *Corpus* selecionado: análise de uma amostra das fichas de funções

Ao iniciarmos aplicação da proposta interventiva, sugerimos que a metodologia a ser desenvolvida nas oficinas de leitura, a fim de promover o letramento literário dos nossos alunos seria os círculos de leitura, e que ao realizar a leitura de cada conto fantástico, as fichas de funções seriam utilizadas para registrar as anotações referentes a cada leitura efetuada, e desse modo foi feito. Assim sendo, utilizamos uma amostra das referidas fichas, contendo os registros feitos pelos alunos para ser o *corpus* dessa análise.

Ao todo foram três oficinas e em cada uma delas foi analisado um conto fantástico. Para realizar a análise neste trabalho, selecionamos para cada conto trabalhado uma ficha correspondente a cada função do círculo de leitura que tínhamos em sala de aula: Conector, Questionador, Iluminador, Ilustrador, Perfilador e Sintetizador, totalizando seis funções. Desse modo, consideraremos seis fichas referentes a cada conto estudado. Os registros selecionados para aqui serem observados, são de alunos de diferentes grupos, assim como escolhemos, de uma oficina para outra, anotações de diferentes alunos para analisar uma mesma função do círculo de leitura.

Como embasamento teórico para a nossa análise, faremos uso de Ceserani (2006), Cosson (2014), Lovecraft (2007), Roas (2014), entre outros.

No quadro abaixo, indicamos o conto fantástico trabalhado, que corresponde ao mesmo número da oficina, e as iniciais dos alunos que tiveram suas fichas escolhidas para a análise, assim como suas respectivas funções.

| 1ª Oficina                                                 |        |              |
|------------------------------------------------------------|--------|--------------|
| Conto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade |        |              |
| 1                                                          | J.S.O  | Conector     |
| 2                                                          | M.V.S. | Questionador |

|   |          |              |
|---|----------|--------------|
| 3 | L.M.S.L. | Iluminador   |
| 4 | B.C.V.S. | Ilustrador   |
| 5 | M.F.S.   | Perfilador   |
| 6 | M.V.A.S. | Sintetizador |

Desse modo, na sequência, demonstraremos o que cada aluno selecionado escreveu em sua ficha de acordo com a sua função e com a interpretação que teve em relação ao texto lido. Reproduziremos as referidas fichas transcrevendo integralmente a escrita dos leitores.

#### Discente 1 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: J.S.O</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Função de conector- Nessa função você deverá estabelecer relações entre o trecho ou texto lido e a vida, ou com o momento. O que a história o remeteu? Você se identifica com algum personagem? Compare-o com você ou com alguém que você conhece.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p>“A atitude dessa moça ficar passeando no cemitério é uma atitude que eu já ouvi meus avós dizerem que tinham pessoas que gostavam dessa prática. E a atitude de ficar olhando os enterros é cultural, sendo comum na nossa cidade. Meus familiares mesmo tem esse costume. Para saber quem era, se era da família ou não. E também as histórias de roubarem alguma coisa de um defunto e ele ‘ressucita’ atrás do que lhe roubaram. Eu já vi muitas vezes em filmes e também os meus avós já me contaram histórias parecidas, como por exemplo: Era uma vez, um bêbado que estava sem dinheiro para comprar flores para sua namorada, porém ele estava passando em frente ao cemitério, então resolveu roubar flores de um defunto , então ele as deu para a sua namorada, no dia seguinte sua namorada apareceu morta com uma frase no corpo “vim pegá minhas flores”.”</p> |
| <p><b>Anotações após a leitura:</b></p> <p>“Gostei do texto, porque eu ‘meio que’ gosto de contos que sejam assustadores, parecidos com lendas urbanas, a única coisa que eu não gostei do texto foi por que a pessoa, ou</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

monstro, ou sei lá o que, não se identificou.”

Observando a ficha acima, podemos perceber que o aluno estabelece relação da narrativa com a sua realidade social ao escrever que “a atitude de ficar olhando os enterros é cultural, sendo comum na nossa cidade. Meus familiares mesmo tem esse costume. Para saber quem era, se era da família ou não.”, além de fazer referências a narrativas orais contadas por seus avós.

Logo, o referido aluno foi capaz de exercer a função por ele ocupada ao construir conexões entre a narrativa ~~fantástica~~ lida e as suas vivências, ativando a segunda estratégia de leitura a que alude Cosson (2014, p. 117), que é

a conexão, por meio da qual o leitor estabelece associações pessoais com o texto, tal como se lembrar de um episódio semelhante vivido ou narrado por alguém (conexão texto-leitor), fazer uma ligação com outro texto (conexão texto-texto) e relacionar o texto com situações sociais amplamente conhecidas (Conexão texto-mundo). (COSSON, 2014, p.117).

No caso do aluno referenciado, observamos que ele faz uso, principalmente, da conexão texto-leitor. E nas anotações posteriores externou seu gosto por narrativas a assustadoras, assim como escreveu que gostaria de saber quem era “a voz” que ligava para a moça pedindo a flor.

Este modo de leitura, no qual o leitor busca construir elos entre o texto e a sua vida é denominado por Cosson (2014), como contexto-leitor, como ele assim define,

O modo de leitura *contexto-leitor*, por sua vez, presentifica-se na leitura que busca traçar paralelos entre a obra e o leitor ou procura identificar pontos de comunhão entre a obra e a história de vida do leitor, privilegiando conexões entre o que se está lendo e o que se viveu. (...). Os dados do texto ganham concreticidade quando o leitor consegue identificar nos eventos relatados algo que viveu ou que conhece da experiência de sua família. (COSSON, 2014, p. 73).

Assim, podemos identificar o modo de leitura descrito por Cosson (2014) presente nos registros de leitura dos alunos que participaram desta proposta interventiva na função de conector.

## Discente 2 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: M.V.S.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Função de questionador- Nessa função você deverá elaborar perguntas referentes ao texto para os colegas.</b>                                                                                                                                                                                                |
| 1 - Quais são os acontecimentos que fazem deste conto um texto fantástico?<br>2 – Quais são os personagens principais do referido conto?<br>2 – O que aconteceu quando a moça pegou a flor no cemitério?<br>3 - Você mudaria o final do conto? Por quê?<br>5 - A moça gostava de passear no cemitério por quê? |
| <b>Anotações após a leitura:</b><br>“Eu gostei muito do conto, na minha opinião, eu mudaria só o final deixando a moça viva.”                                                                                                                                                                                  |

Ao exercer o papel de questionador, o aluno autor das questões que podemos ler na ficha acima, elaborou perguntas de um nível mais fácil, como as de número 2, 3 e 5, pois as respostas às referidas questões estão expostas no texto. E outras que podemos considerar que levam o leitor a refletir um pouco mais, como são as questões 1 e 4, visto que para serem respondidas, um suposto leitor do texto, no caso da questão 1, haveria que analisar os acontecimentos que poderiam ser considerados fantásticos, tendo que recorrer aos seus conhecimentos prévio, e no caso da 4, teria que elaborar uma justificativa para a sua resposta, logo teria que argumentar, e caso respondessem “sim”, apresentaria um novo final para o conto.

Assim sendo, o aluno autor das perguntas, conseguiu abranger níveis distintos de questionamentos e todos coerentes com a narrativa, logo demonstrou que apreendeu a sua função no círculo de leitura.

Nos seus comentários posteriores, o aluno expressou seu apreço pelo conto, com a ressalva de que mudaria o final deixando a moça viva.

## Discente 3 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: L.M.S.L.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Função de iluminador de passagens-</b> Nessa função você deverá selecionar uma passagem para explicar a turma, seja pela beleza, dificuldade de compreensão ou porque é essencial para o entendimento do texto.                                                                                                                                                                                     |
| <p>“- Aloooô...</p> <p>- Quede a flor que você tirou da minha sepultura?</p> <p>A voz era longínqua, pausada, surda. Mas a moça riu.</p> <p>- o quê?</p> <p>- Alô, quede a flor que você tirou da minha sepultura?”</p> <p>Essa parte é bem interessante porque ‘a moça que está morta’ liga para a mulher viva para pedir a flor de sua sepultura, isso, no caso, é um acontecimento fantástico.”</p> |
| <p><b>Anotações após a leitura:</b></p> <p>“Não gostei do muito final, pois a moça morre, mais todo o texto ‘tá’ bom e com acontecimentos fantásticos.”</p>                                                                                                                                                                                                                                            |

O discente que preencheu a ficha acima, exercendo a função de iluminador de passagem, optou por dar ênfase a um fragmento do texto, no caso um diálogo entre a moça que pegou a flor e a “voz”, por considerar ser um trecho que comprova a presença do fantástico na narrativa, como ele mesmo justifica “Essa parte é bem interessante porque ‘a moça que está morta’ liga para a mulher viva para pedir a flor de sua sepultura, isso, no caso, é um acontecimento fantástico.” A aluna fazer esta referência a passagem do texto, podemos inferir que ele recorreu aos conhecimentos adquiridos nas aulas desenvolvidas sobre o universo da literatura fantástica, visto que a aluna interpreta o fato da “voz”, que ele já considera como sendo uma moça morta, dialogar com uma pessoa viva, um fato próprio do texto fantástico, assim ele teria ativado seus conhecimentos prévios, pois de acordo com

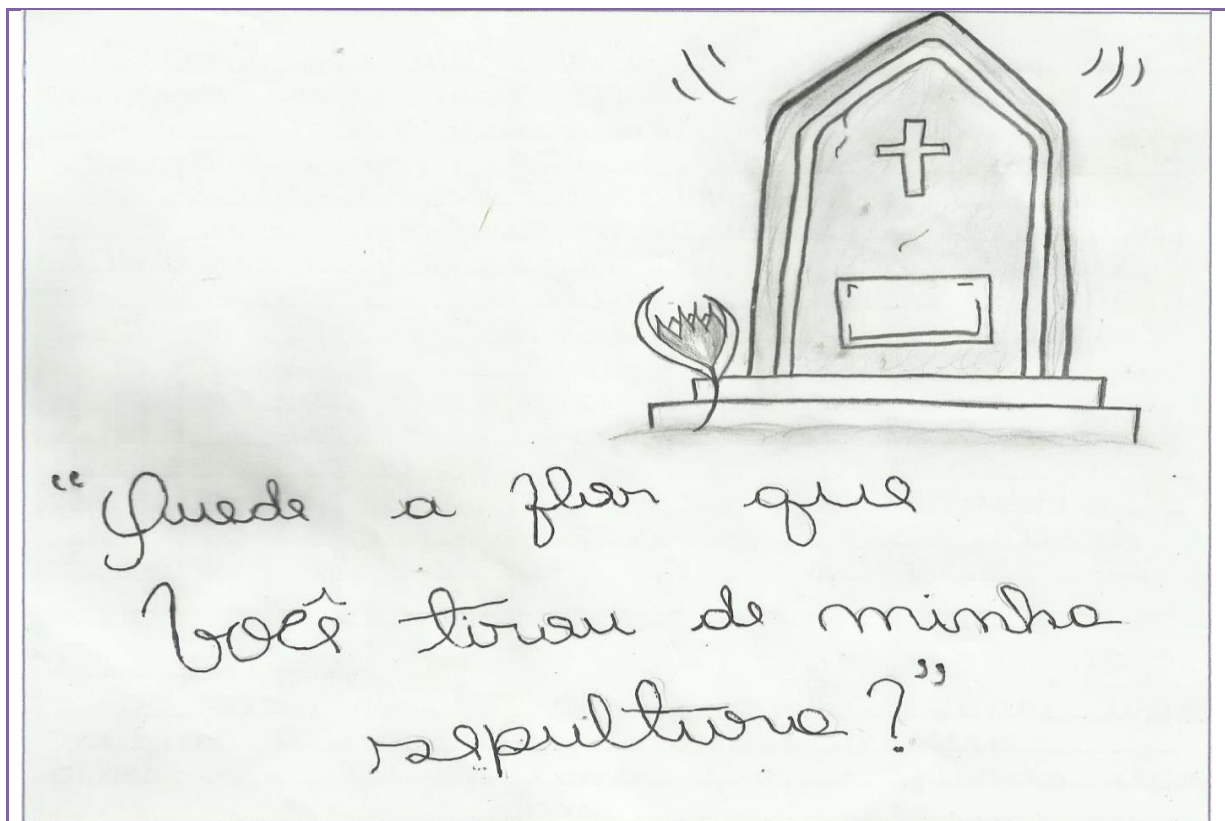
Ceserani (2006), tanto as almas do outro mundo, quanto a vida dos mortos, são temáticas recorrentes na literatura fantástica.

Inferimos que a leitora também recorreu às pistas fornecidas durante a narrativa acionando a terceira estratégia de leitura a que faz menção Cosson (2014, p. 117), “a inferência, que consiste em reunir pistas dadas pelo texto para chegar a uma conclusão ou interpretação sobre o que está se lendo”.

Assim, podemos perceber que a aluna, ao ler a narrativa fantástica infere, pelos indícios no conto, a possibilidade de a “voz” que liga constantemente seja uma pessoa que realmente esteja morta, sendo desse modo um acontecimento fantástico por apresentar transgressão do real, que segundo Roas (2014), “é, então, um efeito fundamental do fantástico”. Logo, podemos entender que a educanda pôs em práticas os conhecimentos adquiridos nas aulas introdutórias da proposta interventiva, além de ter apreendido a sua função no círculo de leitura.

#### **Discente 4 –**

| <b>Círculo de leitura - Ficha de função</b>                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: B.C.V.S.</b>                                                                          |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                               |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                               |
| <b>Função de Ilustrador - Nessa função você deverá ilustrar o texto lido de forma criativa.</b> |



**Anotações após socialização das leituras:**

“Achei muito legal. Porque é um conto que contém acontecimentos fantásticos.”

A aluna que exerceu a função de ilustrador solicitou por ficar nessa função por gostar de desenhar, e ela fez um desenho para representar cada conto trabalhado nas oficinas.

Podemos observar que, para ilustrar o conto estudado na oficina 1, a aluna deu ênfase ao local onde o conflito narrado no conto teria se originado: o cemitério, simbolizado pelo túmulo, que também pode remeter a “voz” ser de alguém morto ou a morte da protagonista do conto. Temos também o desenho da flor, geradora de todo o conflito do conto, como também a frase que é insistentemente repetida ao telefone pela “voz” para a moça: “Quede a flor que você tirou de minha sepultura?”.

Desse modo, entendemos que a aluna interpretou a narrativa lida, conseguindo representá-la por meio de imagens, atuando positivamente na função de Ilustrador do Círculo de leitura, logo, podemos inferir que a leitora exercitou a quarta estratégia de leitura referida por Cosson (2014, p. 117), “que, como bem diz o termo, passa pela construção de imagens mentais sobre o que está sendo abordado no texto”, materializando em forma de desenho a imagem por ela construída sobre a história fantástica lida,

## Discente 5 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: M.F.S.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Função de perfilador - Nessa função você deverá traçar o perfil das personagens mais importantes da narrativa.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <p>“Os personagens escolhidos ‘foi’ a moça e a voz</p> <p style="text-align: center;"><b>A moça:</b></p> <p>A moça ela era a personagem principal do texto era muito corajosa, mora perto de um cemitério que toda hora ficava passando os enterros.</p> <p>E às vezes ela chegava a entrar no cemitério e acompanhava o ‘préstito’ até o lugar do sepultamento.</p> <p style="text-align: center;"><b>A voz:</b></p> <p>A voz era longínqua, pausada e surda.</p> <p>Era também insistente e assustadora.</p> <p>Podemos deduzir que é uma voz do além.”</p> |
| <p><b>Anotações após socialização das leituras:</b></p> <p>“Eu achei o texto estranho e surpreendente, porque a moça ela ficava escutando vozes a toda hora, pois parecia um acontecimento sobrenatural e assustador.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

Podemos observar que o perfilador destacou como sendo as personagens mais importantes da narrativa: a voz e a moça. Caracterizando a moça como corajosa por morar perto de um cemitério e acompanhar todos os sepultamentos. Já a voz é caracterizada como sendo “longínqua, pausada e surda. Era também insistente e assustadora. Podemos deduzir que é uma voz do além.”

Percebemos que a aluna conseguiu identificar as personagens protagonistas da narrativa, caracterizá-las e inferir que a “voz” que fala com a moça não faz parte de uma realidade cotidiana, mas de uma realidade que transcende, do além, fazendo uso da inferência, enquanto estratégia de leitura. E, por isso, a aluna a considera assustadora.

Podemos identificar também outro tipo de leitura denominado por Cosson (2014, p. 76), como *texto-leitor*, que seria aquela “que acontece quando o investimento da leitura vai para a trama, as imagens sensoriais, os efeitos da obra sobre o leitor. Esse é o modo de ler, por excelência, daquele que busca ser emocionalmente tocado pelo que lê.”, visto que podemos perceber no relato da aluna o efeito da obra sobre ela, causando estranheza, assustando-a. E podemos perceber este modo de ler em leituras realizadas por outros alunos, também em outras funções do círculo de leitura, quando a obra envolve e surpreende o leitor.

De acordo com Ceserani (2006, p.71), “O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo”, assim podemos entender que a referida aluna foi envolvida pela atmosfera assustadora da narrativa fantástica, pois, em suas considerações posteriores, a referida aluna tece o seguinte comentário “Eu achei o texto estranho e surpreendente, porque a moça ela ficava escutando vozes a toda hora, pois parecia um acontecimento sobrenatural e assustador.”, logo a referida leitora foi envolvida pela surpresa e pelo medo que emana do conto fantástico.

## Discente 6 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: M.V.A.S.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Texto: “Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond de Andrade</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Oficina: 1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Função de sintetizador- Nessa função você deverá resumir texto.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <p>“A historia trata-se de uma menina que começou ir perto de um cemitério e que a morte esta sempre por perto, toda hora passa enterro, a menina jogou a flor no chão do cemitério, ‘aí’ quando a menina voltou para casa ela ficou bem quietinha, poucos minutos o telefone tocou ela atendeu, a voz fala - cadê a minha flor que você tirou de minha sepultura, ‘aí’ a menina fala: vem buscar, a voz responde: você bem sabe que eu não posso buscar minha flor, e a menina deixou de atender os telefone. Não falava mais nem para as amigas a “voz” não dava explicação. A menina perdia o ‘apetiti’ e a coragem. Andava pálida, nem ânimo para sair. “Você não acha inteiramente sem esperança? A moça morreu no fim de alguns meses</p> |

exausta. Mas sossego, para tudo há esperança: a voz nunca mais pediu”.”

**Anotações após a leitura:**

“Eu achei o texto muito assustador por que falava sobre uma menina que pega uma flor e a voz fica abusando a menina pedindo a flor.”

Por fim, do primeiro conto fantástico trabalhado em nossa proposta, vamos concluir análise da amostra com a função de sintetizador. Como podemos observar na ficha acima, a aluna responsável por resumir a narrativa lida buscou fazer uma síntese completa do texto, porém sentimos falta de algumas informações, tais como: que a moça mora perto do cemitério, onde a moça pegou a flor, que a voz ligava insistentemente no mesmo horário. E ela encerra o resumo com um fragmento do texto. Assim, acreditamos que a síntese poderia ser mais completa, mas percebemos que a aluna se esforçou para cumprir sua função no círculo de leitura.

Ao procurar sintetizar o conto fantástico trabalhado, a aluna praticou a quinta estratégia de leitura, “a sumarização, que é a seleção dos elementos mais importantes do texto.”, como descreve Cosson (2014, p. 118).

Em suas anotações posteriores, a aluna considerou o texto “muito assustador”, uma vez mais a narrativa fantástica desperta medo no leitor, que segundo Roas (2014, p. 151), “É um efeito compartilhado pela maioria das narrativas fantásticas, (...). Trata-se de uma impressão experimentada pelos personagens que também é transmitida - emocionalmente – ao leitor ou espectador,”. Desse modo, entendemos que o medo sentido pela protagonista do conto ao atender ao telefone foi passado para os leitores, a “voz” assustou e surpreendeu.

Concluindo a análise da amostra das fichas referentes à primeira oficina e consequentemente ao primeiro conto trabalhado por meio da metodologia dos círculos de leitura, inferimos que os alunos observados se dedicaram para exercerem a função para a qual foram designados, se permitiram serem envolvidos pela narrativa fantástica e consequentemente pelas emoções que ela provoca, fizeram uso dos seus conhecimentos prévios, assim como dos adquiridos nas aulas motivadoras e de modelagem do projeto. Assim sendo, deduzimos que a primeira oficina alcançou o intento de envolver os alunos no universo da literatura fantástica, como também proporcionou aos alunos a oportunidade de exercitarem e desenvolverem suas competências leitora, objetivando promover o letramento literário dos nossos educandos.

| 2ª Oficina                                        |          |              |
|---------------------------------------------------|----------|--------------|
| Conto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião |          |              |
| 1                                                 | M.C.S.S. | Conector     |
| 2                                                 | J.J.S.M. | Questionador |
| 3                                                 | G.S.S.C. | Iluminador   |
| 4                                                 | B.C.V.S. | Ilustrador   |
| 5                                                 | G.R.S.T. | Perfilador   |
| 6                                                 | N.E.C.   | Sintetizador |

A seguir, demonstraremos o que cada aluno selecionado escreveu em sua ficha de acordo com a sua função e com a interpretação que teve em relação ao texto lido. Reproduziremos as fichas transcrevendo integralmente a escrita dos leitores, como fizemos anteriormente em relação às anotações alusivas à primeira oficina.

#### Discente 1 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: M.C.S.S.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Oficina: 2</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Função de conector- Nessa função você deverá estabelecer relações entre o trecho ou texto lido e a vida, ou com o momento. O que a história o remeteu? Você se identifica com algum personagem? Compare-o com você ou com alguém que você conhece.</b>                                                                                                                                                                                                                                |
| <p>“No conto um homem escondia uma calvície adiantada, isso é bem comum, principalmente na terceira idade, mas às vezes vem adiantado, como diz no conto, eu conheço algumas pessoas que tem calvície, algumas das minhas amigas disseram que conhece pessoas com calvície e que tem até pessoas na família.</p> <p>O homem se muda para um prédio antigo em uma rua bem tranquila, as pessoas que moravam nessa rua ficaram revoltadas por conta do caminhão de mudanças que estava</p> |

fazendo barulho de madrugada, hoje em dia as pessoas se ‘extressam’ por absolutamente tudo. O fato do homem se mudar para um prédio antigo e além disso morar sozinho, pode ser por vários motivos, por uma perda que seria especial para ele...

**Anotações após a leitura:**

“O conto é bem legal, é fantástico, ‘mais’ de um jeito diferente que deixa mais interessante e que atraia pessoas para lerem o conto.”

Nesta primeira ficha referente à segunda oficina realizada e ao segundo conto estudado, selecionamos para análise os registros de outra aluna que exerceu a função de conectora, desse modo, as anotações da função de conector analisadas alusivas à primeira oficina e as que serão observadas agora foram feitas por diferentes discentes.

A referida aluna conectou dois fatos do texto com a realidade: a calvície de um dos personagens da narrativa e o incômodo sentido pelos vizinhos com a presença do referido personagem. E, por fim, supôs que “O fato do homem se mudar para um prédio antigo e, além disso, morar sozinho, pode ser por vários motivos, por uma perda que seria especial para ele...”

Logo, com base nas informações sintetizadas no parágrafo anterior, podemos inferir que a aluna buscou cumprir com a sua função no círculo de leitura vinculando alguns acontecimentos da narrativa com a vivência dela e de pessoas que ele conhece, inclusive há a possibilidade de a suposição feita no fim do seu registro, também ser fruto de algum fato vivenciado ou de que ouviu falar, de pessoas que se isolam ao sofrerem uma grande perda, logo percebemos o uso da conexão como estratégia de leitura (COSSON, 2014).

Obviamente, sentimos falta da aluna não ter realizado ligações de fatos mais expressivos do conto, como fez o aluno conector que utilizamos como *corpus* para análise da oficina e do texto anterior, que enfatizou em suas conexões entre a narrativa e a sua realidade um acontecimento cultural da sua comunidade e o acontecimento fantástico contido na narrativa. Contudo, consideramos que a aluna entendeu o seu papel no círculo de leitura e procurou realizá-lo.

## Discente 2 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: J.J.S.M.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião</b>                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Oficina: 2</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Função de questionador- Nessa função você deverá elaborar perguntas referentes ao texto para os colegas.</b>                                                                                                                                                                                                                |
| 1 – O que o homem do boné xadrez fazia às cinco horas da tarde?<br>2 – Como o homem do boné xadrez era?<br>3– O que acontecia com o homem do boné xadrez a cada dia que se passava?<br>4- Como o personagem Artur passa o dia?<br>5 – O que aconteceu com o homem do boné cinzento e com o personagem Artur no final do conto? |
| <b>Anotações após a leitura:</b><br>“O texto possui palavras sofisticadas, bom desenvolvimento e boa história. Além disso elementos e personagens fantásticos, como o homem do boné xadrez e o ‘clima’ do texto. Por isso ele é um texto fantástico.”                                                                          |

Nesta segunda análise de uma ficha da função de questionador, escolhemos as questões de outro aluno em relação à analisada atinente a oficina anterior.

Observamos que as cinco questões elaboradas pelo aluno apresentam o mesmo nível de dificuldade, pois todas poderão ser respondidas com informações extraídas do texto, diferentemente das questões elaboradas pela aluna que analisamos sua ficha na amostragem da oficina anterior, visto que continham perguntas em dois níveis: as que a resposta poderia ser extraída diretamente do texto, como é o caso das que estão sendo ora estudadas, e outras que exigiriam um pouco mais do leitor do texto levando-o a refletir mais e elaborar uma resposta, ou seja, de um nível mais difícil. Entretanto, ressaltamos que o referido aluno exerceu seu papel de questionador, pois suas perguntas, apesar de serem de um nível mais fácil, são coerentes e fazem referência a informações e acontecimentos relevantes da narrativa fantástica lida.

Em suas anotações posteriores a leitura, o aluno elogiou o texto e considerou como elementos fantásticos o personagem, “o homem do boné cinzento”, e o clima do texto. O que nos chamou, em especial, a atenção no comentário tecido pelo aluno, foi a referência ao “clima” do texto, que faz alusão ao mistério, que é próprio da história fantástica como afirma Lovecraft (2007, p. 17),

A história fantástica genuína tem algo mais que um assassinato secreto, ossos ensanguentados ou algum vulto coberto com um lençol arrastando correntes, conforme a regra. Uma atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas precisa estar presente; (...). (...). A atmosfera é a coisa mais importante, pois o critério final de autenticidade não é a harmonização de um enredo, mas a criação de uma determinada sensação. (LOVECRAFT, 2007, p. 17).

Assim, podemos inferir que a atmosfera inerente ao texto fantástico foi percebida e envolveu o aluno. Desse modo, a história alcançou um dos seus primordiais objetivos despertar sensações no leitor.

### Discente 3 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: G.S.S.C.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Oficina: 2</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Função de iluminador de passagens- Nessa função você deverá selecionar uma passagem para explicar a turma, seja pela beleza, dificuldade de compreensão ou porque é essencial para o entendimento do texto.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <p>“A passagem do texto que mais chama a atenção é que a cada dia o Anatólio aparecia cada vez mais magro e Artur no final acaba se transformando em uma pequena bolinha negra. O que também me chamou muito a atenção foi que “Menos da primeira vez. Em seguida, cuspiu. No fim, já ansiado, deixou escorrer uma baba incandescente pelo tórax abaixo e incendiou-se.”</p> <p>Este trecho é bem interessante pelo fato de não ser comum na realidade. Esta passagem faz lembrar também a fênix que se incendeia e é uma personagem mitológica.</p> <p>Assim, nesta passagem, podemos dizer que o fantástico do texto se destaca.”</p> |

**Anotações após a leitura:**

“O texto é ‘bem’ fantástico, ‘mais’, se tivesse algo mais sobrenatural seria mais legal.”

Para análise da função de ilustrador de passagem, também escolhemos a ficha de uma aluna distinta da aluna que teve os seus registros analisados exercendo a mesma função na oficina anterior.

Na ficha escolhida para análise, a aluna destacou dois momentos do texto que ela considerou como sendo os mais relevantes da narrativa fantástica lida, porém um dos momentos ela apenas o sintetizou com as palavras dela, já o segundo ela extraiu o fragmento do texto e comentou a respeito, logo consideramos este como sendo a parte escolhida para ilustrar o texto, que foi esta “Menos da primeira vez. Em seguida, cuspiu. No fim, já ansiado, deixou escorrer uma baba incandescente pelo tórax abaixo e incendiou-se.” A aluna faz alusão a esta parte como sendo o momento em que “o fantástico do texto se destaca”, por isso a considera importante, visto que retrata um fenômeno incomum à realidade.

A mencionada leitora também recorre aos seus conhecimentos prévios para comparar o personagem do conto com a personagem mitológica, a fênix, pondo em prática a primeira estratégia de leitura a que se refere Cosson (2014, p.117), que “é a ativação do conhecimento prévio que funciona como uma estratégia-base, pois é usada em todos os momentos de uma leitura e ajuda a realização de outras. Ativar o conhecimento prévio consiste em inserir o texto a ser lido em um contexto,”

Podemos perceber, com base no exposto acima, que a aluna compreendeu quando se dá em uma narrativa um acontecimento fantástico, como também foi capaz de estabelecer conexões entre o conto lido e conhecimento anteriormente adquirido para ampliar sua interpretação sobre o texto. Demonstrou, portanto, ter compreendido sua função no círculo de leitura e exerceu a referida função.

**Discente 4 –****Círculo de leitura - Ficha de função**

**Aluno: B.C.V.S.**

**Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião**

**Oficina: 2**

**Função de Ilustrador - Nessa função você deverá ilustrar o texto lido de forma criativa.**

**Anotações após socialização das leituras:**

“Eu gostei, porque dois personagens do conto desaparecem.”

Já a aluna responsável por ilustrar os contos trabalhados, em relação ao segundo conto fez um desenho que dialoga com a cena escolhida pela aluna que exerceu a função de iluminador de passagem, analisada anteriormente, que é o momento em que o personagem do conto se autoincendeia. Pois, podemos observar no desenho a presença do fogo e do personagem utilizando o boné.

Desse modo, entendemos que a aluna também retratou o momento do ápice do fantástico na narrativa, demonstrando ter compreendido os acontecimentos que permeiam uma história fantástica dando ênfase àquele que considerar o mais expressivo do conto, fazendo uso, desse modo, da visualização, enquanto estratégia de leitura, ao retratar a imagem construída mentalmente sobre a narrativa fantástica estudada. Portanto, a aluna foi criativa ao ilustrar o texto, realizando a sua função no círculo de leitura.

**Discente 5 –**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: G.R.S.T.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Oficina: 2</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Função de perfilador - Nessa função você deverá traçar o perfil das personagens mais importantes da narrativa.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>“O homem do boné cinzento:</b> ele era muito estranho, ele nunca saía de casa, todo dia de cinco horas da tarde ele aparecia no alpendre acompanhado pelo cachorro.</p> <p><b>Artur:</b> ele parecia ser exagerado, sensível, ele tinha muita energia, parecia um pouco nervoso.</p> <p><b>O irmão de Artur (Roderico):</b> parecia bem assustado com o que acontece com o seu vizinho e ele estava com muito medo.</p> <p>O irmão de Artur no começo achava tudo que ele falava uma besteira, ‘mais’ depois quando ele viu o que ‘tava’ acontecendo ele levou a sério.”</p> |
| <p><b>Anotações após socialização das leituras:</b></p> <p>“Eu achei interessante, principalmente no final que o homem “morreu” de um jeito fantástico, super legal o final.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

Dando continuidade às análises, observaremos a ficha acima de uma aluna que exerceu a função de perfilador na segunda oficina realizada na aplicação desta proposta interventiva. Percebemos que a aluna destacou e caracterizou os três principais personagens da narrativa, conforme solicita a função por ela exercida no círculo de leitura.

Ao se referir ao homem do boné cinzento a aluna escreve que “ele era muito estranho”, além de se referir ao fato de não sair de casa, apenas ir ao alpendre todo dia no mesmo horário. Sobre o personagem Artur, além de outras características ela o descreve como sendo “sensível” e “nervoso”. Já em relação ao personagem Roderico, ela o caracteriza como estando “assustado” e “com muito medo”.

Observando os adjetivos e as expressões utilizados pela aluna, a fim de exercer a sua função no círculo de leitura de perfilador, percebemos que ela fez uso de vocábulos inerentes ao universo da história fantástica. Assim sendo, inferimos que a referida aluna foi capaz de realizar o papel na metodologia de estudo do texto empregada neste trabalho, e conseguiu realizar uma interpretação que caracterizasse de forma coerente e clara os personagens do texto.

Outro ponto importante que gostaríamos de destacar na ficha ora analisada, foi o comentário escrito pela aluna onde ela diz que: “Eu achei interessante, principalmente no final que o homem “morreu” de um jeito fantástico, super legal o final.” Podemos observar que a aluna coloca o verbo morrer entre aspas, “morreu”, dando a entender que na verdade ela não sabe se o fenômeno realmente resultou em uma morte. Assim, inferimos que a interpretação da aluna está conjecturando outras possibilidades para o fenômeno fantástico que finalizou a presença do personagem na narrativa. Logo, entendemos que a aluna foi envolvida pela atmosfera fantástica do conto, exercendo o seu papel de leitora ativa.

## Discente 6 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: N.E.C.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Texto: “O homem do boné cinzento” – Murilo Rubião</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Oficina: 2</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Função de sintetizador- Nessa função você deverá resumir texto.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <p>“O homem se mudou para um antigo hotel e nessa rua do hotel era bem sossegada e depois que esse homem se mudou para o hotel a rua ficou menos tranquila, porque de madrugada ele despejava caixa do caminhão e fazia muito barulho e ‘os povo’ não gostava.</p> <p>O homem não saía de casa, às vezes saía de tarde para varanda da sua casa e quando saía Arthur via e ficava só prestando atenção, mas o homem saía e voltava rápido para dentro de casa.</p> <p>Arthur ‘tava’ ficando preocupado porque cada dia que passava Anatólio emagrecia, mas, da preocupação que Arthur ‘tava’ ficando com Anatólio, Arthur também ‘tava’ emagrecendo e Anatólio está muito doente, que ‘tava’ vomitando, ele foi emagrecendo e quando emagreceu de uma vez ele desapareceu e Arthur virou uma bolinha negra.”</p> |
| <b>Anotações após a leitura:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <p>“Foi muito legal porque falava de um homem que não aparecia direto só vivia dentro de um casarão.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

Lendo a ficha da aluna que exerceu o papel de sintetizador na segunda oficina realizada, percebemos que ela conseguiu colocar em poucas linhas a narrativa fantástica trabalhada, desempenhando, desse modo a sua função no

círculo de leitura, utilizando a sumarização como estratégia de leitura (Cosson, 2014).

Inferimos também, pela escrita da aluna, que o local onde o personagem Anatólio morava chamou atenção, visto que ela fez algumas referências a este ambiente deixando claro que quando o personagem saía era por pouco tempo, retornando para dentro do casarão rapidamente e em suas anotações posteriores a aluna torna a fazer referência ao casarão, “Foi muito legal porque falava de um homem que não aparecia direto só vivia dentro de um casarão.”, dando ênfase ao local misterioso contido na narrativa.

Por fim, ao término da análise das fichas que serviram de amostra do trabalho desenvolvido na segunda oficina, podemos inferir que os alunos exerceram com suas funções no círculo de leitura, procurando superar suas possíveis dificuldades, assim como se mostraram capazes de interpretar o texto lido, destacar os acontecimentos fantásticos da narrativa, como também estabelecer conexões entre a história fantástica lida e os conhecimentos já adquiridos.

Logo, percebemos os nossos alunos envolvidos no universo da literatura fantástica, no mundo da leitura literária, conseguindo perceber os elementos próprios da narrativa e consequentemente desenvolvendo a prática da escrita ao realizar sínteses, elaborar seus comentários referentes ao texto e os pessoais.

| <b>3ª Oficina</b>                                            |          |              |
|--------------------------------------------------------------|----------|--------------|
| <b>Conto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b> |          |              |
| <b>1</b>                                                     | J.S.O.   | Conector     |
| <b>2</b>                                                     | J.J.S.M. | Questionador |
| <b>3</b>                                                     | G.S.S.C. | Iluminador   |
| <b>4</b>                                                     | B.C.V.S. | Ilustrador   |
| <b>5</b>                                                     | G.R.S.T. | Perfilador   |
| <b>6</b>                                                     | N.E.C.   | Sintetizador |

A seguir, demonstraremos o que cada aluno selecionado escreveu em sua ficha de acordo com a sua função e a interpretação que teve em relação ao texto lido. E do mesmo modo como fizemos anteriormente em relação às fichas

concernentes a primeira e a segunda oficina, os referidos apontamentos foram transcritos obedecendo fielmente à escrita dos leitores.

### Discente 1 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: J.S.O.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Função de conector- Nessa função você deverá estabelecer relações entre o trecho ou texto lido e a vida, ou com o momento. O que a história o remeteu? Você se identifica com algum personagem? Compare-o com você ou com alguém que você conhece.</b>                                                                                                                                                                                                                   |
| <p>“Os fatos narrados no conto têm muito a ver com a realidade, pois toda família reunida tem sempre aquela tia que quer tirar foto da família toda, pelo menos na minha família tem. Além disso, já ouvi relato de que câmeras captam coisas que o olho humano não conseguem captar. Já vi alguns documentários comprovando que isso realmente é verdade, tem até um grupo de pessoas que trabalham com a captura de fantasmas por meio de instrumentos tecnológicos.”</p> |
| <p><b>Anotações após a leitura:</b></p> <p>“Eu achei o conto legal, pois ele fala sobre coisas assustadoras igual a uma lenda urbana, mas poderia ter outro final. Pelo menos era pra ter revelado o nome do moço que aparecia ao lado de Zeca na fotografia.”</p>                                                                                                                                                                                                          |

A ficha a ser ora analisada foi preenchida pelo mesmo aluno que analisamos a ficha de conector referente à primeira oficina. E assim como percebemos nos seus escritos relacionados ao conto da oficina um, entendemos que referente à sua função de conector na oficina três, o aluno conseguiu estabelecer conexões entre a história fantástica lida e seus conhecimentos prévios, a sua vivência, recorrendo uma vez mais a conexão como estratégia de leitura. Pois, primeiramente ele faz menção em sua escrita à personagem da tia, que no conto gosta de tirar foto de todo mundo, o aluno diz que em “toda família reunida tem sempre aquela tia que quer tirar foto da família toda, pelo menos na minha família tem.”

Em seguida, o aluno faz alusão ao fenômeno da sombra que aparece nas fotos ao lado do primo Zeca, dizendo “já ouvi relato de que câmeras captam coisas que o olho humano não conseguem captar. Já vi alguns documentários comprovando que isso realmente é verdade, tem até um grupo de pessoas que trabalham com a captura de fantasmas por meio de instrumentos tecnológicos.”, utilizando, desta feita, como estratégia de leitura a ativação do conhecimentos prévio.

Assim, entendemos que na primeira referência o aluno estabelece ligação entre a narrativa fantástica e a sua vivência familiar. E no segundo caso o aluno faz conexão entre o conto e seus conhecimentos prévios.

Em seu comentário posterior a leitura, o aluno diz: “Eu achei o conto legal, pois ele fala sobre coisas assustadoras igual a uma lenda urbana, mas poderia ter outro final. Pelo menos era pra ter revelado o nome do moço que aparecia ao lado de Zeca na fotografia.” Observamos neste comentário o gosto do aluno por narrativas de terror, como as conhecidas “Lendas Urbanas”, assim como a curiosidade do leitor aguçada pelo mistério contido na narrativa de não revelar quem ou o quê seria a sombra que aparecia nas fotos ao lado do personagem, que ele se refere na escrita como “moço”.

Desse modo, o educando foi capaz de desempenhar a função de conector no círculo de leitura na terceira oficina, como na primeira, sendo o leitor ativo e capaz de construir elos entre o universo fantástico da literatura, os conhecimentos previamente adquiridos e a sua realidade.

## Discente 2 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: J.J.S.M.</b>                                                                                          |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                                    |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                               |
| <b>Função de questionador- Nessa função você deverá elaborar perguntas referentes ao texto para os colegas.</b> |
| 1 – O que era visto nas fotos do primo Zeca?                                                                    |
| 2 – Quais medidas o primo Zeca e a Luana procuraram para resolver esse problema?                                |

3 – O que aconteceu com o ‘contorno’ a cada foto tirada do primo Zeca?

4 – O que Luana começou a sentir a cada foto tirada?

5 – O que aconteceu com o primo Zeca ao tirar sua última foto?

**Anotações após a leitura:**

“Eu achei o texto interessante porque é um texto com acontecimentos fantásticos, porém o final foi bem óbvio, pois já dava para suspeitar durante a leitura que o texto teria o final que teve.”

Observando as questões que foram elaboradas, contidas na ficha acima, para o estudo do terceiro conto fantástico, na terceira oficina, entendemos que o aluno buscou dar ênfase por meio delas aos acontecimentos fantásticos ocorridos na narrativa lida, assim como a quarta pergunta leva o leitor a perceber as emoções sentidas pela personagem “Luana” em relação à experiência fantástica por ela vivenciada na história.

Assim, embora as questões tenham praticamente o mesmo nível de dificuldade e suas respostas possam ser encontradas nas linhas da narrativa, percebemos que o aluno procurou destacar os acontecimentos e as emoções que contribuem para que a narrativa seja considerada fantástica.

Em suas anotações o aluno expressou sua opinião sobre o conto trabalhado dizendo: “Eu achei o texto interessante porque é um texto com acontecimentos fantásticos, porém o final foi bem óbvio, pois já dava para suspeitar durante a leitura que o texto teria o final que teve.” O aluno se diz decepcionado com o final da narrativa, pois o mesmo fez uso de suas competências leitoras para com base nas pistas presentes na narrativa deduzir o final do conto, fazendo uso da inferência, enquanto estratégia de leitura. Porém sabendo que se tratava de um conto fantástico, onde o mistério é uma característica presente, geralmente, tornando o fim do texto surpreendente, e não o foi, logo, o aluno se decepcionou. Este fato nos chamou a atenção, porque percebemos aqui um leitor ativo, que tece as pistas do texto e conjectura possíveis acontecimentos na narrativa.

## Discente 3 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: G.S.S.C.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Função de iluminador de passagens-</b> Nessa função você deverá selecionar uma passagem para explicar a turma, seja pela beleza, dificuldade de compreensão ou porque é essencial para o entendimento do texto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <p>“A passagem do texto que mais chama atenção é partir do momento em que o primo de Laura (Zeca), começa a tirar as fotos, uma sombra estranha começa a aparecer e Zeca vai ficando cada vez mais fraco a cada foto tirada.</p> <p>Uma parte bem chamativa foi neste trecho: “Luana – Zeca! Chamei, aos berros. Silêncio total. Como se o inevitável tivesse se cumprido. Entre soluços me arrastei de volta até onde meu primo estava. Mas ele não estava mais lá”.</p> <p>Esta passagem me chamou a atenção pelo fato de ser assustadora e de ser “impossível” de acontecer na realidade.</p> |
| <p><b>Anotações após a leitura:</b></p> <p>“O texto é muito bom, ele é ‘bem’ fantástico com ‘coisas’ sobrenaturais. E ‘coisas’ sobrenaturais sempre dá mais gosto de ler. Por que são fatos que “não podem” acontecer na realidade.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

Analisando as anotações acima, percebemos que a aluna responsável por destacar uma passagem relevante do texto, enquanto iluminadora, iniciou seu registro destacando que o instante a partir do qual o texto começa a chamar a atenção “é partir do momento em que o primo de Laura (Zeca), começa a tirar as fotos, uma sombra estranha começa a aparecer e Zeca vai ficando cada vez mais fraco a cada foto tirada”. Mas, como passagem relevante, ela destaca o seguinte fragmento do texto: “Luana – Zeca! Chamei, aos berros. Silêncio total. Como se o inevitável tivesse se cumprido. Entre soluços me arrastei de volta até onde meu primo estava. Mas ele não estava mais lá”. E ela justifica a escolha por considerar a passagem “assustadora e de ser “impossível” de acontecer na realidade”.

Inferimos que a aluna compreende a relevância do trecho para a culminância do fantástico na narrativa, assim como provoca medo na leitora e a faz conjecturar a

possibilidade de que o acontecimento fantástico descrito no texto possa ocorrer na realidade cotidiana, uma vez que a aluna coloca o vocábulo “impossível”, entre aspas. Observamos então uma leitora envolvida pela atmosfera fantástica da literatura.

#### Discente 4 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: B.C.V.S.</b>                                                                           |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                     |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                |
| <b>Função de Ilustrador - Nessa função você deverá ilustrar o texto lido de forma criativa.</b>  |
|               |
| <b>Anotações após socialização das leituras:</b><br>“Eu gostei, porque tem ‘senas’ fantásticas.” |

Podemos observar no desenho sobre o terceiro conto, feito pela aluna na função de ilustrador, a atmosfera fantástica sobre a qual fala Lovecraft (2007), e o medo a que faz referência Roas (2014), inerente à narrativa fantástica. Pois,

entendemos que o desenho retrata de modo simples e assustador, a narrativa fantástica de autoria de Laura Bergallo. A sombra encostada e com o braço sobre os ombros do personagem Zeca instiga a nossa imaginação e aguça sensações alusivas a narrativa lida.

Percebemos que aluna desempenhou seu papel enquanto ilustrador, e por meio do seu desenho foi capaz de transmitir as emoções que a história fantástica trabalhada pode despertar em quem a lê, ativando a visualização como estratégia de leitura.

## Discente 5 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: G.R.S.T.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Função de perfilador - Nessa função você deverá traçar o perfil das personagens mais importantes da narrativa.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <p><b>“Carol:</b> ela era sempre palhaça e engraçadíssima e gostava muito de fazer careta nas fotos.</p> <p><b>Zeca:</b> Zeca tinha emagrecido, de repente seus lábios estavam quase transparentes de tão lívidos. Suas olheiras tinham afundado mais. No final, Zeca estava parecendo um pouco mais que um fantasma. No final, ninguém nunca mais soube do primo Zeca.</p> <p><b>Luana:</b> ela começou a ver ‘tipo’ uma pessoa nas fotos do Zeca e ela ficou com muito medo com o que ‘tava’ acontecendo com as fotos do Zeca.”</p> |
| <p><b>Anotações após socialização das leituras:</b></p> <p>“O conto é muito interessante, eu gostei na parte que há uma sombra que aparecia em todas as fotos de Zeca, um elemento sobrenatural, comum em textos do gênero fantástico.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

Podemos observar nos registros feitos na ficha acima, pela aluna na função de perfilador, que a leitora destacou uma personagem que não deve ser considerada importante na narrativa, Carol, visto que a mesma é uma personagem secundária, que, suponhamos, tenha chamado a atenção da aluna por abranger características próprias de adolescentes, mas que não precisa ser considerada como relevante. Porém, ao destacar Zeca e Luana como sendo personagens importantes no conto e

o modo como os caracteriza, faz com que percebamos que aluna conseguiu identificar personagens realmente relevantes para o desenvolvimento da narrativa.

Em suas anotações, a leitora demonstra ter gostado da história fantástica lida, destaca que as aparições da sombra nas fotografias do personagem Zeca era o que ela mais gostava por ser “um elemento sobrenatural, comum em textos do gênero fantástico.” Inferimos, com base na escrita da aluna, seu envolvimento com a narrativa fantástica e, conseqüentemente com o universo da leitura literária.

## Discente 6 –

| Círculo de leitura - Ficha de função                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aluno: N.E.C.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Texto: “Uma pose para a posteridade” – Laura Bergallo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Oficina: 3</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Função de sintetizador- Nessa função você deverá resumir texto.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <p>“A sombra só queria ficar junto do Zeca, todas os fotos que o Zeca tirava a sombra ‘tava’ ao lado dele e cada vez que ele tirava a foto, ele ia emagrecendo, mas só sua prima Luana que percebia tudo isso que ‘tava’ acontecendo, mas sua para tirar a dúvida foi tirar ‘mas’ foto com o Zeca.</p> <p>E ao decorrer que ela ia tirando ‘mas’ fotos, ele desaparecia mais, mas ela tentou várias vezes parar, ele não deixava, ‘aí’ ela continuava tirando e cada vez mais ela se assusta, foi então quando ela desistiu de tirar foto do primo e decidiu ir embora, mais o elevador não chegava, foi então que ela ‘escultou’ o click da máquina e mesmo com medo decidiu voltar, no apartamento e seu primo já não estava mais lá, aí ela decidiu olhar nas câmeras e na última que ela olhou não aparecia seu primo e sim a sombra que ficava sempre perto dele, agora com o resto todo formado e sorrindo e nunca ‘mas’ ninguém soube nada do primo.”</p> |
| <p><b>Anotações após a leitura:</b></p> <p>“Muito legal. Porque cada vez que tirava foto do Zeca tinha uma sombra ao lado dele e o Zeca sumia cada vez que tirava foto.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

Nesta última ficha concernente à terceira oficina, assim como ao terceiro conto, observamos que a aluna, na função de sintetizadora, inicia a síntese do texto a partir do momento que a sombra aparece ao lado do personagem Zeca, deste ponto da narrativa em diante a leitora consegue resumir a história fantástica em poucas linhas. Desse modo, inferimos que mesmo cometendo um lapso de não sintetizar o início do texto, do ponto de onde se deu início o resumo até o final da narrativa, a aluna conseguir desempenhar seu papel no círculo de leitura, fazendo uso da sumarização, enquanto estratégia de leitura.

Sobre a história fantástica trabalhada a referida leitora o descreveu como sendo, “Muito legal. Porque cada vez que tirava foto do Zeca tinha uma sombra ao lado dele e o Zeca sumia cada vez que tirava foto.” E percebemos que o que chama a atenção da aluna para o conto é exatamente o fenômeno fantástico, confirmando positivamente a escolha do referido gênero para desenvolver esta proposta interventiva no ambiente escolar.

Assim, ao chegarmos ao término da análise das fichas selecionadas como amostra do trabalho desenvolvido nas três oficinas, por meio na metodologia orientada por Cosson (2014), os círculos de leitura, entendemos que os alunos envolvidos neste projeto apreenderam suas funções dentro do círculo de leitura, exercendo-as de forma adequada, como também ativaram as cinco estratégias de leitura ao interpretar e contextualizar as histórias fantásticas trabalhadas.

Logo, entendemos que a metodologia desenvolvida viabilizou a prática da leitura na realidade dos nossos alunos e auxiliou no desenvolvimento das competências leitoras destes, abrindo trilhas para a promoção do letramento literário dos educandos e contribuindo para a formação de leitores autônomos e inteligentes, como deve ser pensado e realizado o ensino da literatura, como afirma Rouxel (2013),

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supões que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra. (ROUXEL, 2013, p. 20).

Procuramos, portanto, utilizar os círculos de leitura como uma metodologia favorável ao desenvolvimento do aluno, enquanto sujeito capaz de ler, pensar e estabelecer conexões com a realidade, e também gostar de ler ao descobrir o universo da leitura literária. E esperamos ter contribuído significativamente para estes fins.

#### **4.3.2 Produções escritas como resultado das atividades de leitura**

O foco do nosso trabalho é a leitura, em especial, a leitura literária, visando a promoção do letramento literário, como temos esclarecido desde a introdução do nosso trabalho. Contudo, ao trabalhar a leitura do conto fantástico, achamos viável

que nossos alunos também produzissem alguns contos fantásticos, empregando assim os conhecimentos adquiridos durante o processo de desenvolvimento desta proposta interventiva e também os adquiridos previamente.

Consideramos as produções dos alunos, o produto final do nosso trabalho.

Como uma amostra, vamos expor neste subitem apenas dois dos contos fantásticos produzidos.

## Conto 1

### *A boneca no cemitério*

*Não acreditarás no que vais ler. No dia 19 de abril morre uma linda menina de um acidente de moto, foi horrível. E a mãe da menina coloca no túmulo da filha a coleção de boneca da Barbie que a menina amava.*

*Anos depois fizeram um campo em frente ao cemitério e Amélia estava brincando com suas amigas quando a bola passou para dentro do cemitério e Amélia foi a única que teve coragem de pegar a bola. Quando Amélia chega no cemitério vê a bola em cima de uma coleção de bonecas. Amélia pega a bola e sai do cemitério pensando em pegar uma boneca, mas Amélia não pega e continua a brincar com suas amigas.*

*Quando Amélia foi dormir só ficava pensando naquelas bonecas lindas e rapidamente Amélia levanta da cama, pega seu casaco, liga a lanterna e vai no cemitério buscar a boneca.*

*Quando chega no cemitério vê um gato só o esqueleto coberto com uma gosma verde. Amélia não tem medo, vai no túmulo, pega a boneca e sai tranquilamente.*

*Amélia volta pra casa e vai dormir com a boneca e de meia-noite alguém abre a porta do quarto de Amélia. Amélia corda e vai ver o que foi aquilo e quando olha pra porta do quarto vê escrito: “Me devolve a boneca que você pegou ou você me dará a sua vida”. E a parede do quarto de Amélia ficava preta e vermelha, e deu um vento muito forte e derrubou a boneca. E Amélia fala:*

*-Eu não devolvo. E começou a rir. – Pega a boneca e volta a dormir sem medo.*

*No dia seguinte, a meia-noite, alguém frio toca em Amélia. Quando ela acorda vê na frente dela uma menina magra e loirinha. Amélia começou a ficar com medo. A menina diz para Amélia:*

*- Devolve a minha boneca!*

*Enquanto a menina falava tudo ficava escuro e ventava muito. Amélia não devolve a boneca e a menina diz:*

*-Você vai morrer!*

*E de repente some. Amélia ficou com muito medo, começou a rezar.*

*Meses depois, Amélia começou a ficar doente e começou a ficar sem comer, sem dormir, sem sair de casa, foi ficando esquelética e acabou morrendo. E a menina loira foi ao túmulo de Amélia e falou:*

*-Eu falei que você ia morrer e saiu rindo.*

**M.V.S – 14 anos**

Podemos observar, na produção da aluna, que ela abordou elementos capazes de suscitar o medo no leitor e fez uso de personagens próprios da literatura fantástica: a alma do outro mundo, assim como a figura do gato e da boneca comuns em narrativas fantásticas e de terror. Assim como, o ambiente do cemitério também presente em histórias fantásticas.

Inferimos também que a aluna recorreu aos seus conhecimentos prévios e adquiridos durante a realização da proposta interventiva, e utilizou como referências contos fantásticos lidos nas oficinas.

Logo, o conto foi produzido coerentemente e embasado nas características inerentes às narrativas fantásticas.

## **Conto 2**

### *As luzes*

*Em uma cidade grande morava uma menina bem simpática e alegre. Se chamava Cecília era uma adolescente tinha vários amigos principalmente amigas. Sua melhor amiga era Sabrina elas nunca se desgrudavam só viviam juntas. Certo dia na escola as duas terminaram super tarde quando elas desceram no corredor de baixo para ir no banheiro. Foram e quando estavam voltando havia uma grande*

*mancha preta na saída do banheiro. Se assustaram e saíram do banheiro rapidamente apressadas e em seguida cada uma foi para sua casa.*

*No outro dia Cecila indo para a escola de carro foi pensando no que viu. Na aula ela falou com Sabrina para voltar lá e investigar o que era aquilo. Elas novamente foram lá Cecília falou:*

*-Sabrina!!!*

*- Oi*

*-Você viu aquilo!*

*- O que? O que foi?*

*- Ali atrás do banheiro tem duas luzes vermelhas em forma de olhos. Vê lá...!*

*- Cecília. Você só deve está enlouquecendo? Eu não vi coisa alguma...*

*Cecília puxou sua amiga e foram embora*

*Cecília em casa mexendo no celular pesquisando alguma coisa relacionado ao que viu. Encontrou uma lenda em que todo fim de aula as pessoas veem algo que não acreditam, que em alguns anos atrás lá era um hospício que uma vez uma enfermeira matou um paciente de raiva, com uma agulha que perfurou a veia do coração.*

*Um dia ela viu Sabrina falando coisas horríveis dela e durante o horário escolar não falou com Cecília, quando Cecília estava indo no banheiro sozinha Sabrina veio por trás e a empurrou da escola Cecília caiu e viu aquelas luzes novamente e escutou certos gritos de Sabrina com medo foi correndo para pedir ajuda a alguém. Chegando lá nem sinal dela ela e as luzes sumiram.*

**G.S.S.C. – 13 anos**

Podemos perceber que assim como ocorreu no primeiro conto, no segundo também ocorrem acontecimentos próprios de uma narrativa fantástica, a atmosfera de medo e de suspense também se faz presente, e no segundo conto o final de uma das personagens é um mistério, um término característico de uma narrativa fantástica.

Portanto, podemos entender, pelos dois contos aqui apresentados, que as alunas apreenderam as características de uma narrativa fantástica, sabendo empregar-las nas suas produções.

#### 4.3.3 Alguns relatos de alunos participantes da proposta interventiva

No último encontro da proposta realizado, aplicamos um questionário (Apêndice C, p. 108) contendo seis perguntas sobre o projeto desenvolvido e por fim, solicitamos que os alunos elaborassem um texto curto expondo suas opiniões sobre o trabalho desenvolvido com contos fantásticos.

Vamos expor neste subitem um recorte contendo uma resposta para cada pergunta realizada, sendo que as respostas serão de alunos distintos.

##### 1. Você gostou de ler contos fantásticos? Por quê?

*Sim, porque é um assunto novo e bem legal, que descontraí com a imaginação, que foge um pouco da realidade com coisas fantásticas.*

**W. M. S**

##### 2. Se alguém perguntasse a você “Quais as características do conto fantástico”, o que você responderia?

*Suas características próprias são coisas surreais, coisas imaginárias que não existem no mundo real. É acontecimentos surreais, exemplo: um homem que encolhe, fantasmas usando celulares, etc.*

**J. S. O.**

##### 3. Dos contos lidos, de qual(is) você gostou mais? Por quê?

*O homem do boné cinzento porque ele tem uma boa narrativa, história interessante e os elementos fantásticos foram bem utilizados como o fato do velho aparecer mais magro a cada dia que passa.*

**J. J. S. M.**

##### 4. Cite do que você mais gostou no projeto de leitura e do que você menos gostou.

*Gostei de tudo. O projeto foi maravilhoso.*

L. M. S. L.

**5. De 0 a 10, que nota você dá para o projeto de leitura com contos fantásticos? Justifique a nota.**

*8. Por que eu achei legal ver todo mundo se divertindo e comentando sobre o filme e os textos.*

J. S. O.

**6. O projeto de leitura trouxe algo positivo para você enquanto estudante/ser humano? Ajudou na leitura? Justifique a resposta.**

*Sim. Sim. Os contos fantásticos deixam a pessoa bem curiosa com o que vai acontecer e isso a gente vai ficando com mais e mais vontade de ler e nisso desenvolve a leitura.*

L. M. S. L.

Podemos perceber nos quatro textos expostos que os alunos se identificaram com o gênero textual trabalhado na proposta, assim como fizeram referência a contribuição do projeto não só aos aspectos educacionais: leitura, escrita e conhecer um pouco mais da literatura, mas se referiram também a aspectos sociais, como o melhoramento convívio e das relações em sala de aula, como fruto do trabalho com a metodologia dos círculos de leitura, que requer que os alunos socializem mais por ser uma metodologia trabalhada em grupo.

Observamos então, que a referida proposta interventiva permitiu aos alunos a oportunidade de apreciarem um novo gênero textual, ampliarem suas competências leitoras e criativas, desenvolverem o gosto pela leitura e de melhorarem suas relações no ambiente da sala de aula. Desse modo, almejamos ter colaborado para a promoção do letramento literário na vida dos nossos alunos, contribuindo para a formação de novos leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando as considerações finais do nosso trabalho, buscaremos relembrar brevemente alguns pontos nele abordados, considerando o resultado da investigação teórica, assim como as impressões construídas durante a aplicação da proposta interventiva e a nossa experiência docente.

A formação de alunos leitores é uma problemática que perdura no contexto educacional, sendo, portanto, um desafio para o ambiente escolar. Desse modo, tem sido alvo de estudos e não devendo ser ignorado no espaço da sala de aula.

Formar alunos leitores é necessário, não só na esfera escolar, mas no contexto social, pois o ato de ler é necessário não apenas para estudar, mas para que o sujeito seja capaz de exercer o seu papel enquanto sujeito social de forma crítica e autônoma.

Assim sendo, se faz necessário buscar meios que possibilitem aos nossos alunos a oportunidade de poderem exercer a sua cidadania de forma plena, ao serem capazes de atribuírem sentido e ressignificarem o que leem. Com este objetivo, o texto literário pode ser um aliado no desenvolvimento das competências leitora, na formação do leitor crítico, autônomo e criativo, visto que a leitura literária pode proporcionar ao aluno a reflexão sobre diversas temáticas, o contato com os mais diferentes níveis de leitura, se deparar com as mais variadas situações, como também conhecer inúmeros gêneros.

Sabendo o potencial que a literatura tem no que se refere à formação de leitores, vale ressaltarmos a importância que há no modo como a literatura é apresentada no ambiente escolar, a fim de promover a construção de leitores. Logo, não se trata apenas de utilizar a literatura no espaço da sala de aula com a finalidade de contribuir com a formação de leitores, mas de forma que o texto literário seja trabalhado no ambiente educacional com este fim.

Seguido o raciocínio apresentado no parágrafo anterior, escolhemos desenvolver a nossa proposta interventiva fazendo uso do gênero textual conto fantástico, por meio da metodologia do círculo de leitura, e as anotações que resultaram do processo de leitura foram registradas em fichas de funções. O desenvolvimento do trabalho foi organizado em oficinas de motivação, de modelagem, de estudo do *corpus* literário selecionado e de reescrita das produções literárias elaboradas pelos alunos, buscando aproximar mais os discentes do

universo da literatura e instigar a vontade de ler por meio do contato com os contos fantásticos.

Nesse contexto, como finalidade, tínhamos: propiciar aos nossos alunos do ensino fundamental a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura e o desenvolvimento de suas competências leitora, buscando promover o letramento literário.

E, com base nas observações que realizamos e nos relatos feitos pelos alunos, acreditamos ter alcançado o intento do nosso trabalho, visto que percebemos os discentes envolvidos nas atividades realizadas durante a execução da proposta interventiva, lendo os contos e compartilhando uns com os outros suas experiências enquanto leitores, submergidos nas narrativas fantásticas. Além dos alunos exercitarem suas habilidades de escrita e de criação literária ao construírem suas narrativas fantásticas, que mesmo não sendo o objetivo principal do nosso trabalho, mas a escrita literária foi um dos resultados positivos do trabalho com a leitura literária.

Portanto, acreditamos que este trabalho possa contribuir para o surgimento de novas práticas de leitura literária no ambiente escolar, estimular a criação de novas metodologias voltadas para o desenvolvimento das competências leitoras, como também favorecer o surgimento de novas pesquisas acadêmicas realizadas a fim de promover o letramento literário nos espaços educacionais. Além de possibilitar ao profissional da educação, que tiver acesso a este trabalho, a oportunidade de repensar suas práticas enquanto formador de alunos leitores e de sujeitos sociais, que necessitam desenvolver suas habilidades de leitura, sua autonomia e seu senso crítico.

Desse modo, uma realidade educacional que precisa ser mudada nos impulsionou a realizar este trabalho interventivo, a fim de incentivar a leitura e a viagem no universo literário, assim, visando contribuir para a promoção do letramento literário, contribuindo, desse modo, para a construção de leitores capazes de ressignificarem o que leem. E acreditamos ter alcançado nosso fim, contribuindo, mesmo que de modo singelo, porém não deixando de ser significativo, para a formação de novos leitores literários, como também proporcionando a outros educadores a oportunidade de adotarem novas metodologias capazes de favorecerem a prática da leitura e a promoção do letramento literário não só no

ambiente escolar, mas nas demais áreas educacionais que este trabalho for consultado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. In: Revista Prosa, verso e arte. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/flor-telefone-moca-carlos-drummond-de-andrade/>> Acesso em: 20 fev.2018.

BARBOSA, Socorro F. P. (org.) *Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores*. João Pessoa: UFPB, 2011.

BERGALLO, Laura. *Cibermistérios e outros horrores*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

BESSIÈRE, Irène. *O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha*. Revista FronteiraZ. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei N° 11.114 de 16 de Maio de 2005*. Brasília: Câmara dos Deputados, coordenação de publicações, 2005.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/ Secretaria da Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAETANO, Santa Inês Pavitano. *O ensino de literatura: deficiências e alternativas para mudar paradigmas*. In: FLÔRES, Onici (org.). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. – Canoas: ULBRA, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. 1988.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. – São Paulo: Contexto, 2013.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Londrina: UFPR, 2006.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. – São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. – São Paulo: Contexto, 2006.

DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola Propostas didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita [orgs.]. *Literatura na escola*. – São Paulo, SP: Parábola, 2013.

ENGEL, Guido Irineu. *Pesquisa-ação*. Educar. n. 16. Curitiba: UFPR, 2000.

FLÔRES, Onici; ROLLA, Angela. *O que é ensinar língua portuguesa para falantes nativos, e o que esse ensino implica*. In: FLÔRES, Onici (org.). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. – Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

JÚNIOR, R. Magalhães. *A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica e seus mestres*. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2006.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. In: *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Iluminuras, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura para todos*. São Paulo: USP, 2006.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: Aproximações teóricas*. São Paulo: Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

RUBIÃO, Murilo. *Contos reunidos*. São Paulo: Ática, 1998.

Rouxel, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita [orgs.]. *Leitura de Literatura na Escola* – São Paulo: Parábola, 2013.

SALES, Laurênia Souto. *O leitor, a leitura: um caminho para a história do ensino da leitura*. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes. *Práticas de leitura e escrita na escola: construindo e reconstruindo sentidos* – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SANTOS, Luciane Alves. *A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS - Vol. 02 N. 02. Porto Alegre: 2006.

SEGABINAZI, Daniela Maria. *Literatura nas aulas de Língua Portuguesa? Onde está o texto literário no ensino fundamental e médio?* In: FRANCELINO, Pedro Farias; SEGABINAZI, Daniela Maria (org.). *Língua, literatura e ensino: concepções, diálogos e convergências*. João Pessoa: UFPB, 2015.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *Escolarização da leitura literária: o jogo infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. – 7ª ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VAX, Louis. *A arte e a literatura fantásticas*. Lisboa: Arcádia, 1974.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. 2001. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>. Acesso em: 24 fev. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa*. In, BORDINI, Maria da Glória et al (Org.). *Crítica do tempo presente*. Porto Alegre: Nova Prova: Iel, 2005.

## APÊNDICES









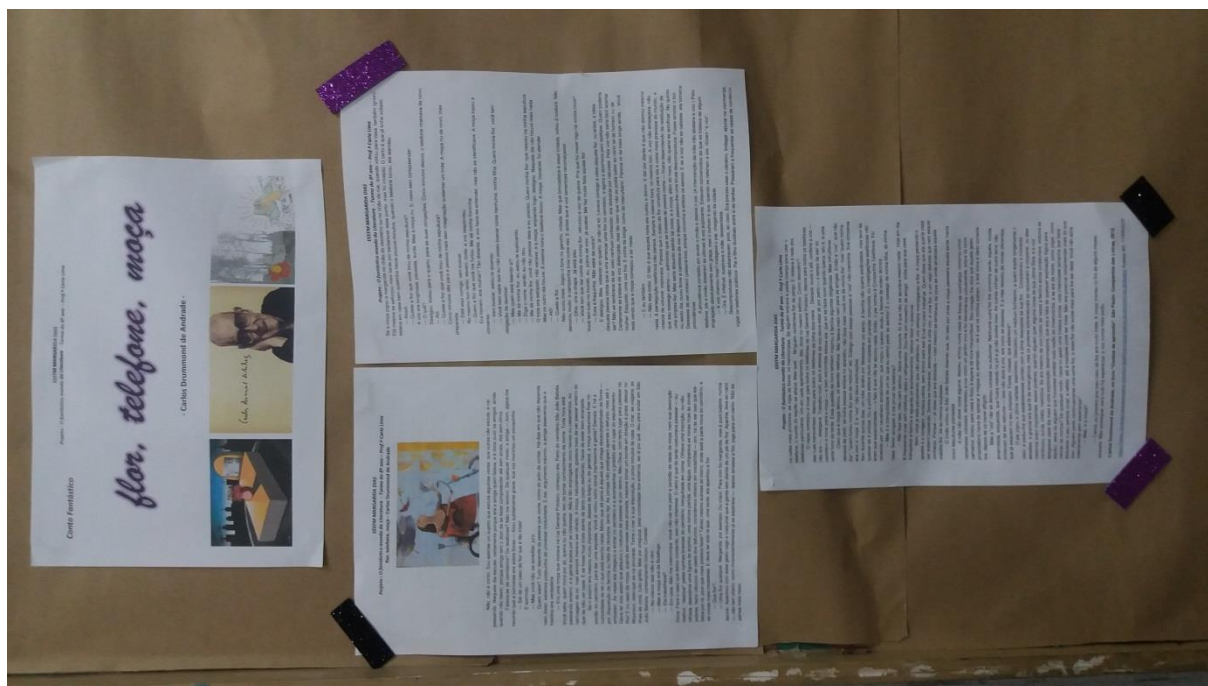
|                                  |
|----------------------------------|
|                                  |
|                                  |
|                                  |
|                                  |
|                                  |
|                                  |
| <b>Anotações após a leitura:</b> |

**APÊNDICE B – ATIVIDADE DE SONDAGEM****ATIVIDADE DE SONDAGEM**

1. Quais são os gêneros literários que você já conheceu até agora?
2. Dos gêneros literários já conhecidos de qual você mais gostou?
3. Fale um pouco sobre cada um dos gêneros abaixo em 5 linhas:
  - a) Fábula –
  - b) Crônica –
  - c) Contos fantásticos –
4. Fale sobre a importância da leitura.

**APÊNDICE C – ATIVIDADE FINAL****Atividade referente ao projeto de leitura**

1. Você gostou de ler contos fantásticos? Por quê?
2. Se alguém perguntasse a você “Quais as características do conto fantástico”, o que você responderia?
3. Dos contos lidos, de qual(is) você gostou mais? Por quê?
4. Cite do que você mais gostou no projeto de leitura e do que você menos gostou.
5. De 0 a 10, que nota você dá para o projeto de leitura com contos fantásticos? Justifique a nota.
6. O projeto de leitura trouxe algo positivo para você enquanto estudante/ ser humano? Ajudou na leitura? Justifique a resposta.







## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – Documentos oficiais****CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA**

Declaramos para os devidos fins que o projeto de pesquisa intitulado **Leitura literária nos anos finais do ensino fundamental: uma experiência com contos fantásticos** a ser desenvolvido, sob orientação da Professora **Carla de Oliveira Lima Lopes**, com a participação dos (as) Alunos (as) do 8º ano dos Anos Finais Ensino Fundamental poderá ser realizado nessa Instituição de Ensino. O objetivo geral do estudo é utilizar o conto fantástico como um instrumento motivador para promover o desenvolvimento do letramento literário com a finalidade de possibilitar aos alunos uma nova concepção sobre a prática de leitura, como sendo um exercício prazeroso e ao mesmo tempo intelectual, visto que possibilita adquirir novas visões de mundo, formar novas opiniões, além de possibilitar o aprimoramento da escrita e da forma de se expressar, e, conseqüentemente, formar leitores proficientes para a vida, em sala de aula, a partir da leitura de contos fantásticos, promovendo o letramento literário, enquanto prática social que é.

Pedro Régis, 09 de Maio de 2018

  
Erika Maria Galvão  
Gestora Escolar  
Gestora(a) da Instituição.

E.E.E.F.M. MARGARIDA DIAS  
Av. Senador Ruy Carneiro 193

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Orientação para Alunos maiores de 18 anos)

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Leitura literária nos anos finais do ensino fundamental: uma experiência com contos fantásticos”** da aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFETRAS da mestrandia **Carla de oliveira Lima Lopes**, sob orientação da profa. Dra. Luciane Alves Santos, cujo objetivo geral é apresentar o universo literário para os nossos alunos, a fim de para propiciar a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura, e assim, desenvolverem sua competências leitora promovendo o letramento literário, enquanto prática social que é. Para que alcancemos nosso fim, faremos uso de contos oriundos do gênero fantástico, com a finalidade de possibilitar aos alunos uma nova concepção sobre a prática de leitura, como sendo um exercício prazeroso e ao mesmo tempo intelectual, visto que possibilita adquirir novas visões de mundo, formar novas opiniões, e, conseqüentemente, formar leitores proficientes para a vida e, assim, contribuir para melhorar o processo de leitura feito pelos (as) alunos (as) do 8º ano dos Anos Finais Ensino Fundamental em uma escola pública estadual da cidade de Pedro Régis – PB. Temos como objetivos específicos: possibilitar a formação de leitores, em sala de aula, a partir da leitura de contos fantásticos; promover o letramento literário; conhecer a literatura fantástica e seus principais autores.

Solicitamos a sua colaboração para participar das aulas que ministraremos, produzindo textos e submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa, solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Destacamos, contudo, que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, podendo ocorrer desconforto psicológico e a pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

---

Assinatura da Pesquisadora Responsável

**Contato da Pesquisadora Responsável:**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES. Telefone: (83) 988208639

Endereço (Setor de Trabalho): EEEFM MARGARIDA DIAS, Av. Senador Ruy Carneiro; Centro - Pedro Régis – PB.

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB.

(83) 3216-7791 – E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

Obs.: O sujeito da pesquisa e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(Orientação para alunos (as))**

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Leitura literária nos anos finais do ensino fundamental: uma experiência com contos fantásticos”**, da aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFETRAS da mestrandia CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES, sob orientação da profa. Dra. Luciane Alves Santos, cujo objetivo geral é apresentar o universo literário para os alunos (as) do 8º ano dos Anos Finais Ensino Fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Pedro Régis – PB, a fim de proporcionar a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura, e assim, desenvolverem suas competências leitora promovendo o letramento literário, enquanto prática social que é. Temos como objetivos específicos: possibilitar a formação de leitores, em sala de aula, a partir da leitura de contos fantásticos; promover o letramento literário, aprimorando as competências leitoras; conhecer a literatura fantástica e seus principais autores.

A investigação terá caráter intervencionista e descritiva sendo encaminhada da seguinte maneira: Observação realizada pela pesquisadora durante a aplicação das atividades em sala; Apresentação dos contos fantásticos; Círculos de leitura para estudos dos contos a serem trabalhados.

Os riscos envolvidos no presente projeto são os mesmos que podem acontecer em qualquer processo de ensino-aprendizagem: a desistência ou a irregularidade dos alunos no decorrer das aulas; a indisciplina; a impossibilidade de progresso nos conteúdos previstos; entre outros, tendo em vista a não obrigatoriedade da participação dos (as) aluno (as) na pesquisa. No entanto, ressaltar-se que a professora-pesquisadora mantém um bom relacionamento com os (as) alunos (as) como um todo e com as suas respectivas famílias. Quanto ao contexto no qual o processo ocorrerá é conhecido, o que minimiza os riscos.

Aos sujeitos da pesquisa, os benefícios da investigação são: 1- A possibilidade de desenvolver a leitura literária, e conseqüentemente aprimorar as habilidades interpretativas e comunicativas para ser capaz de interagir socialmente em contextos diversificados; 2- A prática da reflexão sobre o universo literário e o uso da linguagem literária e poética; 3- A possível superação das dificuldades de leitura, compreensão e interpretação sobre o gênero trabalhado; 4- O estímulo à prática da leitura e à aprendizagem.

No decorrer da pesquisa você terá os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Os textos que servirão de apoio para a nossa intervenção, entre outros que se fizerem necessários, serão questionário e atividades orais dos (as) alunos (as). A intervenção será fundamentada na metodologia dos círculos de leitura (COSSON, 2014), assim como nos seguintes pesquisadores: Bessière (2012), Caetano (2001), Candido (1988), Colomer (2007), Cosson (2006 / 2014), Lovecraft (2007), Roas

(2014), Santos (2006), Segabinazi (2015), Todorov (2009), Zilberman (2005), entre outros.

O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem, serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Nos casos de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora, Professora Carla de Oliveira Lima Lopes, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é EEEFM Margarida Dias, Av. Senador Ruy Carneiro, Centro; Pedro Régis – PB. e-mail: [wanderleymat@ymail.com](mailto:wanderleymat@ymail.com) (083) 988208639.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, me retirar do estudo sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Pedro Régis/PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB (83) 3216-7791 – e-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(Orientação para Pais ou Responsáveis)**

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

O seu (sua) filho (a)-dependente está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “**Leitura literária nos anos finais do ensino fundamental: uma experiência com contos fantásticos**”, da aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFETRAS da mestrandia CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES, sob orientação do profa. Dra. Luciane Alves Santos cujo objetivo geral é cujo objetivo geral é apresentar o universo literário para os alunos (as) do 8º ano dos Anos Finais Ensino Fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Pedro Régis – PB, a fim de para propiciar a oportunidade de desenvolverem o gosto pela prática da leitura, e assim, desenvolverem sua competências leitora promovendo o letramento literário, enquanto prática social que é. Temos como objetivos específicos: possibilitar a formação de leitores, em sala de aula, a partir da leitura de contos fantásticos; promover o letramento literário, aprimorando as competências leitoras; apresentar a literatura fantástica e seus principais autores.

Solicitamos a colaboração do seu (sua) filho (a)-dependente para **participar das aulas que ministraremos, produzindo debates e atividades submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa**, solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que a participação do seu (sua) filho (a)-dependente no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Destacamos, contudo, que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, podendo ocorrer desconforto psicológico e a pesquisadora estará adisposição do mesmo para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para que meu (minha) filho (a)-dependente participe da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Responsável pelo Participante

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

**Contato da Pesquisadora Responsável:**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES. Telefone: (83) 988208639.

Endereço (Setor de Trabalho): EEEFM Margarida Dias, Av. Senador Ruy Carneiro, Centro; Pedro Régis – PB.

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Obs.: O sujeito da pesquisa e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

|                                                                                                                            |                                                                                                                                      |                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <br><b>Portal Coordenação<br/>Stricto</b> | <b>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA</b><br><b>SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS</b><br>EMITIDO EM 27/03/2018 11:23 | <br><b>SIGAA</b> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o aluno **CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES** foi aprovado(a) na QUALIFICAÇÃO de DISSERTAÇÃO em LETRAS/PROFLETRAS - Rio Tinto - MESTRADO PROFISSIONAL do Curso de MESTRADO, no dia 28 de Março de 2018 às 15:00, no(a) ccae mamanguape, UFPB, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor (a) LUCIANE ALVES SANTOS  
(Presidente)

Doutor (a) HERMANO DE FRANCA RODRIGUES  
(Interno)

Doutor (a) MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES  
(Interno)

Doutor (a) FABIANA FERREIRA DA COSTA  
(Externo ao Programa)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se:

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA  
EXPERIÊNCIA COM CONTOS FANTÁSTICOS**

*Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças  
sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o  
definido na Resolução 072/2004-CONSEPE.*

João Pessoa, 27 de Março de 2018.

  
**Laurenia Souto Sales**  
Coordenadora do PROFLETRAS/UFPB  
Matricula SIAPE 3334167

LAURENIA SOUTO SALES  
COORDENADOR(A) PROGRAMA EM LETRAS EM REDE NACIONAL

SIGAA | STI - Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB / Cooperação UFRN - Copyright © 2006-2018 |



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP  
**FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |  |                                                                                            |                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|
| 1. Projeto de Pesquisa:<br>LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA COM CONTOS FANTÁSTICOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                                                                            |                            |
| 2. Número de Participantes da Pesquisa: 15                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                                                                            |                            |
| 3. Área Temática:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  |                                                                                            |                            |
| 4. Área do Conhecimento:<br>Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |  |                                                                                            |                            |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |  |                                                                                            |                            |
| 5. Nome:<br>CARLA DE OLIVEIRA LIMA LOPES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  |                                                                                            |                            |
| 6. CPF:<br>059.645.174-12                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |  | 7. Endereço (Rua, n.º):<br>Vanildo Leandro de Oliveira Centro 113 JACARAU PARAIBA 58278000 |                            |
| 8. Nacionalidade:<br>BRASILEIRO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |  | 9. Telefone:<br>83988208639                                                                | 10. Outro Telefone:        |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |  | 11. Email:<br>wanderley.mat@gmail.com                                                      |                            |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> |  |                                                                                            |                            |
| Data: 10 / 05 / 2018                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  | <br>Assinatura                                                                             |                            |
| <b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |                                                                                            |                            |
| 12. Nome:<br>Universidade Federal da Paraíba                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |  | 13. CNPJ:<br>24.098.477/0001-10                                                            | 14. Unidade/Órgão:<br>CCAE |
| 15. Telefone:<br>(83) 1316-7791                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |  | 16. Outro Telefone:<br>(83) 3292-9470                                                      |                            |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>                                                                                                                                                                                                                                                              |  |                                                                                            |                            |
| Responsável: Maria Angéluce Soares Perônico Barbotin                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  | CPF: 023.489.414-81                                                                        |                            |
| Cargo/Função: Diretora do CCAE/UFPB                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |  |                                                                                            |                            |
| Data: 14 / maio / 2018                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |  | <br>Assinatura                                                                             |                            |
| <b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |                                                                                            |                            |
| Não se aplica.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |  | Profª Maria Angéluce S. P. Barbotin<br>Diretora do CCAE/UFPB<br>SIAPE: 2517224             |                            |

## ANEXO 2 – Textos utilizados nas oficinas de motivação

### Texto 1

#### **O homem que entrou pelo cano**

Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira.

Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante.

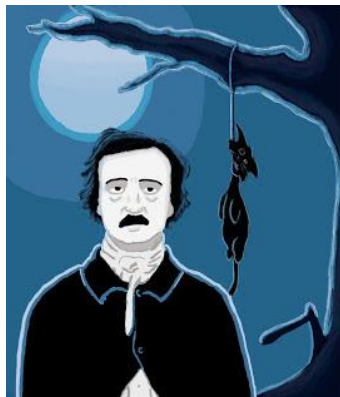
No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava. Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: “Mamãe, tem um homem dentro da pia”.

Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Cadeiras Proibidas. São Paulo: Global, 1988, p. 89.

Disponível em:

>[https://www.google.com.br/search?q=o+homem+que+entrou+pelo+cano&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjisfCklo7hAhUOGLkGHQ0JDMkQ\\_AUIECgD&biw=1360&bih=657#imgsrc=SX-UHaYpq07RBM](https://www.google.com.br/search?q=o+homem+que+entrou+pelo+cano&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjisfCklo7hAhUOGLkGHQ0JDMkQ_AUIECgD&biw=1360&bih=657#imgsrc=SX-UHaYpq07RBM)> Acesso em: 15. Jun. 2018

**Texto 2****"O Gato Preto", de Edgar Allan Poe**

Não espero nem peço que acreditem nesta narrativa ao mesmo tempo estranha e desprezível que estou a ponto de escrever. Seria realmente doido se esperasse, neste caso em que até mesmo meus sentidos rejeitaram a própria evidência. Todavia, não sou louco e certamente não sonhei o que vou narrar. Mas amanhã morrerei e quero hoje aliviar minha alma. Meu propósito imediato é o de colocar diante do mundo, simplesmente, sucintamente e sem comentários, uma série de eventos nada mais do que domésticos. Através de suas consequências, esses acontecimentos me terrificaram, torturaram e destruíram. Entretanto, não tentarei explicá-los nem justificá-los. Para mim significaram apenas Horror, para muitos parecerão menos terríveis do que góticos ou grotescos. Mais tarde, talvez, algum intelecto surgirá para reduzir minhas fantasmagorias a lugares-comuns – alguma inteligência mais calma, mais lógica, muito menos excitável que a minha; e esta perceberá, nas circunstâncias que descrevo com espanto, nada mais que uma sucessão ordinária de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância observaram minha docilidade e a humanidade de meu caráter. A ternura de meu coração era de fato tão conspícua que me tornava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava especialmente de animais e, assim, meus pais permitiam que eu criasse um grande número de mascotes. Passava a maior parte de meu tempo com eles e meus momentos mais felizes transcorriam quando os alimentava ou acariciava. Esta peculiaridade de caráter cresceu comigo e, ao tornar-me homem, prossegui derivando dela uma de minhas principais fontes de prazer. Todos aqueles que estabeleceram uma relação de afeto com um cão inteligente e fiel dificilmente precisarão que eu me dê ao trabalho de explicar a natureza da intensidade da gratificação que deriva de tal relacionamento. Existe alguma coisa no amor altruísta e pronto ao sacrifício de um animal que vai diretamente ao coração daquele que teve ocasiões frequentes de testar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade dos homens.

Casei-me cedo e tive a felicidade de encontrar em minha esposa uma disposição que não era muito diferente da minha. Observando como gostava de animais domésticos, ela não perdeu oportunidade para me trazer representantes das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixinhos dourados, um belo cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal notavelmente grande e belo, completamente preto e dotado de uma sagacidade realmente admirável. Ao falar de sua inteligência, minha esposa, cujo coração não era afetado pela mínima superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos eram bruxas

disfarçadas. Não que ela jamais mencionasse esse assunto seriamente – e se falo nele é simplesmente porque me recordei agora do fato.

Pluto – esse era o nome do gato – era minha mascote favorita e era com ele que passava mais tempo. Era só eu que o alimentava e o animal me acompanhava em qualquer parte da casa em que eu fosse. De fato, era difícil impedi-lo de sair à rua comigo e acompanhar-me.

Nossa amizade perdurou desta forma por diversos anos, durante os quais meu temperamento geral e meu caráter – devido à interferência da Intemperança criada pelo Demônio – tinham (meu rosto se cobre de rubor ao confessá-lo) sofrido uma mudança radical para pior. A cada dia que se passava eu ficava mais mal-humorado, mais irritável, menos interessado nos sentimentos alheios. Permitia-me usar linguagem grosseira com minha própria esposa. Após um certo período de tempo, cheguei a torná-la alvo de violência pessoal. Naturalmente, minhas mascotes sentiram a diferença em minha disposição. Não apenas as negligenciava, como chegava a tratá-las mal. Mas com relação a Pluto, entretanto, eu ainda conservava suficiente consideração para conter-me antes de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em judiar dos coelhos, do macaco e até mesmo do cão quando, por acidente ou até mesmo por afeição, eles se atravessavam em meu caminho. Porém minha doença cresceu cada vez mais – pois que doença é pior que o vício do alcoolismo? – e, finalmente, até Pluto, que estava agora ficando velho e, em consequência, um tanto impertinente, até Pluto começou a experimentar os efeitos de meu mau humor.

Uma noite, ao chegar em casa bastante embriagado, depois de um de meus passeios sem destino através da cidade, imaginei que o gato estava evitando minha presença. Agarrei-o à força; e então, assustado por minha violência, ele infligiu uma pequena ferida em minha mão com os dentinhos. A fúria de um demônio possuiu-me instantaneamente. Nem sequer conseguia reconhecer a mim mesmo. Minha alma original parecia ter fugido imediatamente de meu corpo; e uma malevolência mais do que satânica, alimentada pelo gim, assumiu o controle de cada fibra de meu corpo. Tirei um canivete do bolso de meu colete, abri a lâmina, agarrei a pobre besta pela garganta e deliberadamente arranquei da órbita um de seus olhos. Encho-me de rubor e meu corpo todo estremece enquanto registro esta abominável atrocidade.

Quando a manhã me trouxe de volta à razão – depois que o sono tinha apagado a maior parte do fogo de minha orgia alcoólica –, experimentei um sentimento misto de horror e de remorso pelo crime que havia cometido. Mas este sentimento foi no máximo débil e elusivo e a alma permaneceu intocada. Novamente mergulhei em meus excessos e logo afoguei na bebida toda lembrança de minha má ação.

Enquanto isso, o gato lentamente se recuperou. A órbita vazia do olho perdido apresentava, naturalmente, uma aparência assustadora, mas ele não parecia estar sofrendo mais nenhuma dor. Andava pela casa, como de costume, mas, como se poderia esperar, fugia de mim em extremo terror cada vez que chegava perto dele. Ainda me restava uma certa parte de meu ânimo anterior e a princípio lamentei que agora me detestasse tanto uma criatura que já me havia amado. Mas este sentimento logo deu lugar à irritação. E então fui acometido, como se fosse para minha queda final e irrevogável, pelo espírito da Perversidade. A própria filosofia não estudou este espírito. E todavia, assim como tenho certeza de possuir uma alma vivente, é minha convicção que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades primárias e indivisíveis, um dos sentimentos que dão origem e orientam o caráter do Homem. Quem já não se flagrou uma centena de vezes a cometer uma ação vil ou meramente tola por nenhuma razão

exceto sentir que não devia? Não temos todos nós uma inclinação perpétua e contrária a nosso melhor julgamento para violar as Leis, simplesmente porque compreendemos que são obrigatórias? Pois foi este espírito de Perversidade, digo eu, que veio a causar minha queda final. Foi este anseio insondável da alma, que anela por prejudicar a si mesma, por oferecer violência à sua própria natureza, por praticar o mal pelo amor ao mal e nada mais, que me impulsionou a prosseguir e finalmente consumir a injúria que tinha infligido sobre a pequena besta inofensiva. Uma manhã, a sangue-frio, passei-lhe um laço ao redor da garganta e o pendurei no galho de uma árvore – enforquei-o com lágrimas nos olhos, sentindo ao mesmo tempo o remorso mais amargo em meu coração –, assassinei o pobre gato porque sabia que ele me tinha amado e porque eu entendia muito bem que ele não me tinha dado razão alguma de queixa – matei-o porque sabia que ao fazê-lo estava cometendo um pecado – um pecado mortal que iria manchar minha alma imortal ao ponto de colocá-la – se isso fosse possível – fora do alcance até mesmo da infinita misericórdia do Deus Mais Misericordioso e Mais Terrível.

Na noite seguinte ao dia em que pratiquei esta ação cruel, fui despertado do sono por gritos de “Fogo!”. As cortinas de meu leito estavam em chamas. A casa inteira estava ardendo. Foi com grande dificuldade que minha esposa, uma criada e eu mesmo escapamos da conflagração. A destruição foi completa. Todos os meus bens materiais foram consumidos e a partir desse momento entreguei-me ao desespero.

Estou acima da fraqueza de tentar estabelecer uma sequência de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. Mas estou detalhando um encadeamento de fatos – e não desejo deixar imperfeito um só dos elos da corrente. No dia que se seguiu ao incêndio, visitei as ruínas. Todas as paredes tinham desabado, à exceção de uma única. Esta exceção foi a de um aposento interno, uma parede não muito grossa, que se erguia mais ou menos na metade da casa, justamente aquela contra a qual descansava a cabeceira de minha cama. O próprio reboco tinha ali, em grande parte, resistido à ação do fogo – segundo julguei, porque era feito de argamassa nova, talvez ainda um pouco úmida. Em torno desta parede estava reunida uma grande multidão; e muitas pessoas pareciam estar examinando um trecho especial dela, com minuciosa atenção. As palavras “estranho”, “singular” e outras semelhantes excitaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se estivesse gravado em bas relief [1] sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava desenhada com uma precisão realmente maravilhosa. Havia uma corda esboçada ao redor do pescoço do animal.

Da primeira vez que contemplei esta aparição – porque dificilmente poderia chamá-la de algo menos assombroso –, meu espanto e meu terror foram extremos. Mas, finalmente, o raciocínio e a reflexão vieram em meu amparo. O gato, segundo recordava, tinha sido enforcado em um jardim adjacente à casa. Logo que fora dado o alarme de incêndio, este jardim ficou imediatamente cheio de basbaques, um dos quais provavelmente tinha cortado a corda que prendia à árvore o gato e jogado o animal dentro de meu quarto através de uma janela aberta. Talvez até mesmo a intenção fosse boa, quem sabe queriam acordar-me do sono e lançassem o animal janela adentro para esse fim. A queda das outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade na própria substância do reboco recém-aplicado; o cal contido nele, misturado à amônia proveniente da carcaça, com o calor das chamas, tinha então realizado o retrato que contemplava agora.

Embora eu satisfizesse minha razão assim rapidamente, se bem que não tivesse podido acalmar totalmente minha consciência e tentasse desse modo descartar o fato assombroso que acabei de descrever, isso não impediu que produzisse forte

impressão sobre minha imaginação. Durante meses não conseguia livrar minha visão interna do fantasma do gato; e, durante esse período, retornou a meu espírito uma espécie de sentimento que se assemelhava a remorso, mas não era exatamente isso. Cheguei ao ponto de lamentar a perda do animal e a procurar, nos ambientes ordinários que agora habitualmente frequentava, outra mascote da mesma espécie, cuja aparência fosse semelhante e pudesse ocupar o vazio deixado pela primeira.

Uma noite eu estava sentado, entorpecido de tanto beber, em um botequim da pior espécie, quando minha atenção foi subitamente atraída para um objeto preto que repousava sobre a tampa de uma das imensas bordalesas de gim ou de rum que constituíam o principal mobiliário da peça. Há vários minutos eu já contemplava fixamente a tampa desse barril, e o que agora me causava surpresa era o fato de que não houvesse percebido antes o objeto que se encontrava sobre ele. Aproximei-me a passos vacilantes, estendi a mão e toquei-o. Era um gato preto – um animal muito grande –, tão grande quanto Pluto e extremamente parecido com ele em todos os detalhes, salvo um: Pluto não tinha um pelo branco sequer em qualquer porção de seu corpo; mas este gato tinha uma mancha branca bastante grande, embora de formato indefinido, cobrindo-lhe quase inteiramente o peito.

Assim que o toquei, o animal ergueu-se imediatamente, ronronou bem alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu encantado com minha atenção. Tinha encontrado a própria criatura que vinha procurando. Imediatamente fui falar com o taverneiro e ofereci-me para comprar o bichano, mas ele disse que o animal não lhe pertencia – que nunca o tinha visto antes e que não fazia a menor ideia de onde tinha vindo ou a quem pudesse pertencer.

Continuei com minhas carícias, e, quando me dispus a ir para casa, o animal demonstrou estar disposto a me acompanhar. Permiti-lhe que o fizesse; de fato, durante o caminho, ocasionalmente parava, curvava-me e fazia-lhe carícias. Quando chegamos à casa em que agora eu morava, ele familiarizou-se de imediato, adquirindo em seguida as boas graças de minha esposa.

Quanto a mim, para meu desapontamento, logo descobri que não gostava do animal. Isto era justamente o reverso do que havia antecipado; porém – não sei como nem por que – o evidente prazer que o gato achava em minha companhia me aborrecia e enojava. Lenta e progressivamente, estes sentimentos de desgosto e aborrecimento se transformaram em rancor e ódio. Evitava a criatura, sempre que podia; uma certa sensação de vergonha e a lembrança de meu antigo feito de crueldade evitaram que eu o machucasse fisicamente. Durante algumas semanas, eu não bati nele nem o maltratei violentamente; mas gradualmente – muito gradualmente – comecei a encará-lo com uma repugnância indescritível e a fugir silenciosamente de sua presença odienta, como se estivesse tentando escapar do sopro sufocante de um pântano ou do hálito pestilento de uma praga.

Sem a menor dúvida, o que originou meu rancor pelo animal foi a descoberta, logo na manhã seguinte à noite em que o trouxe para casa, de que ele, exatamente como Pluto, também tivera um dos olhos arrancado. Esta circunstância, entretanto, só levou minha esposa a gostar ainda mais dele, a qual, conforme relatei anteriormente, possuía em alto grau aquela humanidade de sentimentos que em épocas passadas fora também um de meus traços característicos e a fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

À medida que aumentava minha aversão pelo gato, seu amor por mim parecia crescer na mesma proporção. Seguiu meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer o leitor compreender. Onde quer que me assentasse, vinha enroscar-se

embaixo de minha cadeira ou saltar sobre meus joelhos, cobrindo-me de carinhos nojentos. Se eu me erguesse para caminhar, ele se intrometia entre meus pés e quase me fazia cair; ou, então, cravava suas unhas longas e afiadas em minhas roupas e procurava, desta forma, trepar até chegar a meu peito. Nessas ocasiões, embora eu ansiasse por rebentá-lo à pancada, ainda me sentia incapaz de fazê-lo, em parte pela recordação de meu crime anterior, mas especialmente – confessarei de imediato – porque tinha absoluto pavor daquele animal.

Este pavor não era exatamente um temor da possibilidade de algum dano físico, todavia não sou capaz de defini-lo de outra forma. Estou quase envergonhado de admitir – sim, mesmo nesta cela de condenado tenho quase vergonha de admitir – que o terror e horror que o animal me inspirava tinham sido muito aumentados por uma das mais ilusórias quimeras que teria sido possível conceber. Minha esposa me tinha chamado a atenção, mais de uma vez, para o caráter da mancha de pelo branco que já mencionei e que constituía a única diferença aparente entre o estranho animal e aquele que eu tinha morto. O leitor há de lembrar que esta marca, embora grande, era originalmente muito indefinida; porém, muito lentamente, de uma forma quase imperceptível, uma forma que por muito tempo minha Razão lutou para considerar como meramente fantasiosa, acabou por assumir um contorno rigorosamente distinto. Era agora a representação de um objeto tal que a simples ideia de mencioná-lo me faz tremer. Era por isso, acima de tudo, que eu detestava e temia tanto aquele monstro e teria me livrado dele, se ao menos eu ousasse. Essa imagem, escrevo agora, era a imagem de uma coisa horrível, uma coisa apavorante... a imagem de uma FORÇA! Ah, melancólico e terrível instrumento de Horror e de Crime – de Agonia e de Morte!

E agora eis que me encontrava realmente desgraçado, um miserável além da desgraça e da miséria da natureza humana. E era um animal sem alma, cujo companheiro eu tinha destruído com desprezo, era um animal sem alma que originava em mim – eu, que era um homem, criado à imagem do Deus Altíssimo – tanta angústia intolerável! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite eu era mais abençoado pelo Repouso! Durante o dia a criatura não me deixava por um único momento; e, de noite, eu me acordava de hora em hora, despertado de sonhos cheios de um pavor indescritível, para encontrar a respiração quente daquela coisa soprando diretamente sobre meu rosto e seu enorme peso – um pesadelo encarnado do qual eu não poderia jamais me acordar, oprimindo e esmagando eternamente o meu coração!

Sob a pressão de tormentos assim, os débeis traços que restavam de minha boa natureza sucumbiram totalmente. Os maus pensamentos se tornaram meus amigos íntimos, meus únicos amigos, logo os pensamentos mais ímpios e mais maléficos. O mau humor de minha disposição habitual transformou-se em um rancor indefinido voltado para todas as coisas e para toda a humanidade; e os acessos de fúria súbitos, frequentes e incontroláveis aos quais eu agora me abandonava cegamente e sem o menor remorso eram descarregados – ai de mim! – precisamente sobre minha esposa, a sofredora mais paciente e mais constante, que nunca emitia sequer uma palavra de queixa ou de revolta contra mim.

Um dia ela me acompanhou, com a intenção de executar alguma tarefa doméstica, ao porão do velho edifício em que nossa pobreza atual nos obrigava a morar. O gato me seguiu pelos degraus íngremes e, quando me fez tropeçar e quase me levou a cair escada abaixo, deixou-me exasperado a ponto de enlouquecer. Erguendo um machado, esquecido em minha cólera do medo infantil que até então havia impedido que levantasse um dedo contra ele, dirigi um golpe ao animal que, sem a menor

dúvida, teria sido fatal se tivesse acertado onde eu queria. Porém a machadada foi impedida pela mão de minha esposa a segurar-me o braço. Esta interferência me lançou em uma raiva mais do que demoníaca: arranquei o braço de seu aperto e, com um único golpe, enterrei o machado na cabeça dela. Ela caiu morta no mesmo lugar, sem soltar um único gemido.

Tendo cometido este assassinato pavoroso, imediatamente, sem remorsos e da maneira mais deliberada possível, voltei-me para a tarefa de esconder o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, tanto de dia como de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Uma série de projetos passou por minha cabeça. Durante algum tempo, pensei em cortar o corpo em minúsculos fragmentos que depois destruiria no fogo. Depois pensei em cavar-lhe uma cova no chão do porão. Também me passou pela cabeça jogar o cadáver no poço que ficava no pátio; ou colocá-lo dentro de uma caixa, como se fosse uma mercadoria, aplicando todos os cuidados que em geral se dedica à preparação de tais volumes e contratando um carregador para retirá-lo da casa. Finalmente, imaginei o que me pareceu ser um expediente melhor que qualquer um desses. Resolvi emparedá-lo em um dos cantos do porão – conforme dizem que os monges da Idade Média costumavam fazer com suas vítimas.

O porão estava perfeitamente adaptado para esse propósito. Suas paredes tinham sido muito mal- construídas e há pouco tempo tinham sido novamente rebocadas com uma argamassa grosseira, que a umidade do ambiente não deixara endurecer. Além disso, em uma das paredes havia uma projeção, causada por uma falsa chaminé ou lareira que tinha sido preenchida com tijolos na intenção de assemelhá-la ao restante das paredes do porão. Não tinha dúvidas de que poderia facilmente retirar os tijolos neste ponto, enfiar o cadáver e depois restaurar a parede inteira ao estado anterior, de tal modo que olhar algum poderia detectar qualquer coisa suspeita.

Não me enganava neste ponto. Com um pé de cabra retirei facilmente os tijolos e, depois de depositar o corpo cuidadosamente contra a parede interna, ergui-o de modo a deixá-lo em pé, apoiado contra a parede. Com pouca dificuldade recoloquei os tijolos e deixei a estrutura precisamente da maneira em que se achava antes. Tendo trazido cal, areia e uma porção de pelos de animais retirados de couros, como era costume na época, preparei, com todas as precauções possíveis, uma argamassa que não podia ser diferente da que recobria o restante da parede e com esta reboquei muito cuidadosamente os tijolos que havia recolocado. Ao terminar, sentia-me satisfeito com a perfeição do trabalho. A parede não apresentava o menor sinal de que tinha sido modificada. Recolhi a caliça do chão com o cuidado mais minucioso. Olhei ao meu redor triunfantemente e congratulei-me: “Pelo menos desta vez não trabalhei em vão”.

Minha próxima tarefa era a de procurar a besta que tinha sido a causa de tamanha desgraça, porque tinha, finalmente, a firme resolução de matá-la. Se nesse momento tivesse podido encontrá-la, seu destino estaria selado, mas aparentemente o animal ardiloso tinha pressentido alguma coisa ou se amedrontado com a violência de minha raiva anterior, evitando apresentar-se diante de mim enquanto durasse minha má disposição. É impossível descrever ou imaginar a sensação de alívio profunda e abençoada que a ausência da detestada criatura causou em meu peito. Melhor ainda, o gato não apareceu nessa noite – e assim, ao menos por uma noite, desde que o desgraçado se introduzira em minha casa, dormi profunda e tranquilamente; sim, dormi o sono dos justos, mesmo que tivesse agora o peso de um assassinato em minha alma!

Passaram-se o segundo e o terceiro dias e meu atormentador não regressou. Novamente eu respirava como um homem livre. O monstro tinha fugido aterrorizado e deixado para sempre minha companhia! Nunca mais iria vê-lo! Minha felicidade era suprema! O remorso ocasionado por minha ação tão negra e perversa praticamente não me perturbava. Algumas perguntas haviam sido feitas, mas fora fácil responder. Até mesmo havia sido feita uma busca pela polícia, mas naturalmente não haviam descoberto nada. Pensei que minha felicidade futura estava assegurada.

Mas no quarto dia depois do assassinato, uma patrulha da polícia retornou, muito inesperadamente, entrou em minha casa e recomeçou a fazer uma investigação rigorosa do prédio. Achava-me seguro, todavia, devido à impenetrabilidade do lugar em que escondera o cadáver, e assim não me senti nem um pouco constrangido pela busca. Os policiais ordenaram-me que os acompanhasse enquanto procuravam. Não deixaram nem canto nem escaninho sem explorar. Finalmente, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Não senti estremecer nem um só de meus músculos. Meu coração batia calmamente como o de alguém perfeitamente inocente. Caminhei de ponta a ponta do porão. Cruzei os braços e fiquei andando de um lado para outro. A polícia finalmente satisfez-se e estava a ponto de partir, desta vez em definitivo. A alegria em meu coração era grande demais para ser contida. Ansiava para dizer ao menos uma palavra de triunfo e queria garantir-me duplamente de que eles me julgavam inocente.

– Cavalheiros – disse finalmente, enquanto o grupo subia as escadas –, estou encantado por ter desfeito todas as suas suspeitas. Desejo a todos uma boa saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, cavalheiros esta casa, esta casa é muito bem-construída. (Tomado de um violento desejo de aparentar a maior naturalidade, falava sem prestar muita atenção no que dizia.) Posso até dizer que é uma casa excelentemente bem-construída. Estas paredes – já estão de partida, cavalheiros? –, estas paredes são muito sólidas.

E foi neste ponto que, tomado por um estúpido frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala que tinha na mão justamente sobre aquela porção da parede atrás da qual jazia o cadáver da esposa que tinha apertado tantas vezes contra o peito.

Possa Deus escudar-me e proteger-me das presas do Pai dos Demônios! Tão logo a reverberação dos golpes que havia dado desapareceu no silêncio, foi respondida por uma voz de dentro do túmulo! – respondida por um grito, a princípio abafado e entrecortado, como os soluços de uma criança, mas rapidamente se avolumando em um grito longo, alto e contínuo, totalmente anormal e desumano – um uivo –, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, tal como só poderia ter subido das profundezas do inferno, um berro emitido conjuntamente pelas gargantas de centenas de condenados à danação eterna, torturados em sua agonia, e pelos demônios que exultam em sua condenação.

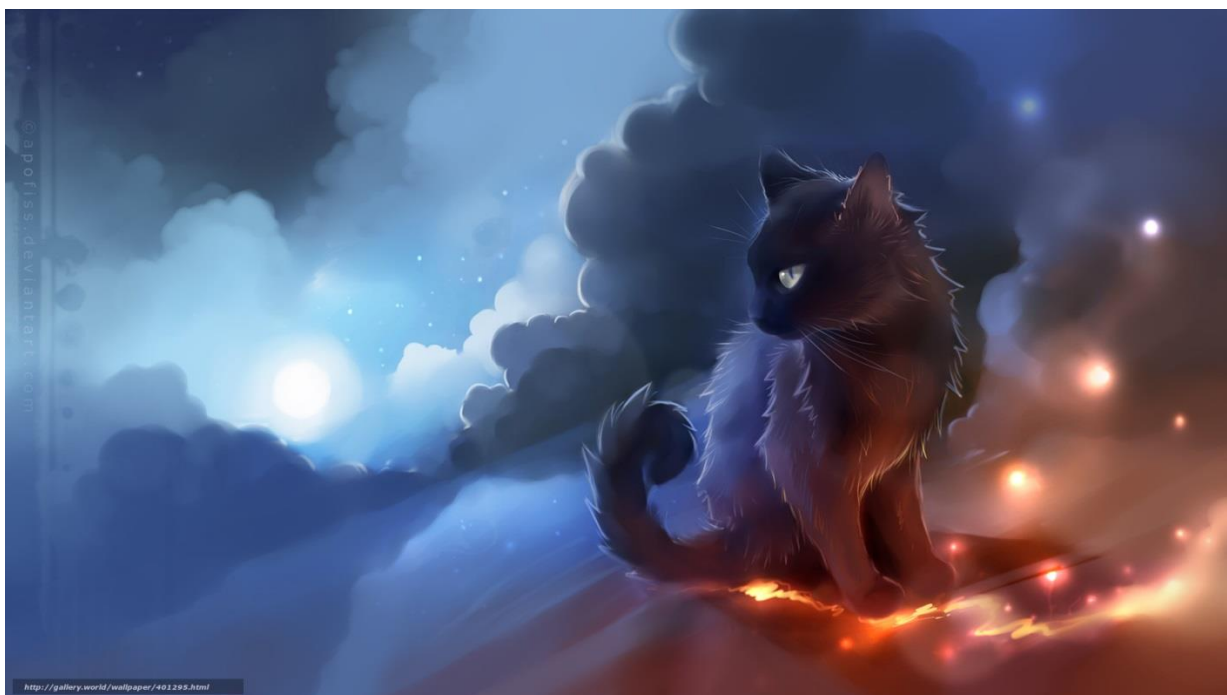
É tolice tentar descrever meus pensamentos. Sentindo-me desmaiar, cambaleei até a parede oposta. Por um instante, o grupo de policiais que subia as escadas permaneceu imóvel, em um misto de espanto e profundo terror. No momento seguinte, uma dúzia de braços robustos esforçava-se por esboroar a parede. Ela caiu inteira. O cadáver, já bastante decomposto e coberto de sangue coagulado, estava ereto perante os olhos dos espectadores, na mesma posição em que eu o deixara. Mas sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e uma chispa de fogo no único olho, sentava-se a besta horrenda cujos ardis me tinham levado ao

assassinato e cuja voz denunciadora agora me levaria ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro do túmulo!

[1]. Baixo-relevo. Em francês no original. (N.T.)

Disponível em:><http://cafeliterari-o.blogspot.com/2015/10/leia-o-conto-o-gato-preto-de-edgar-allan-poe.html>< Acesso em: 15. Jun. 2018

### ANEXO 3 – Imagens utilizadas nas oficinas



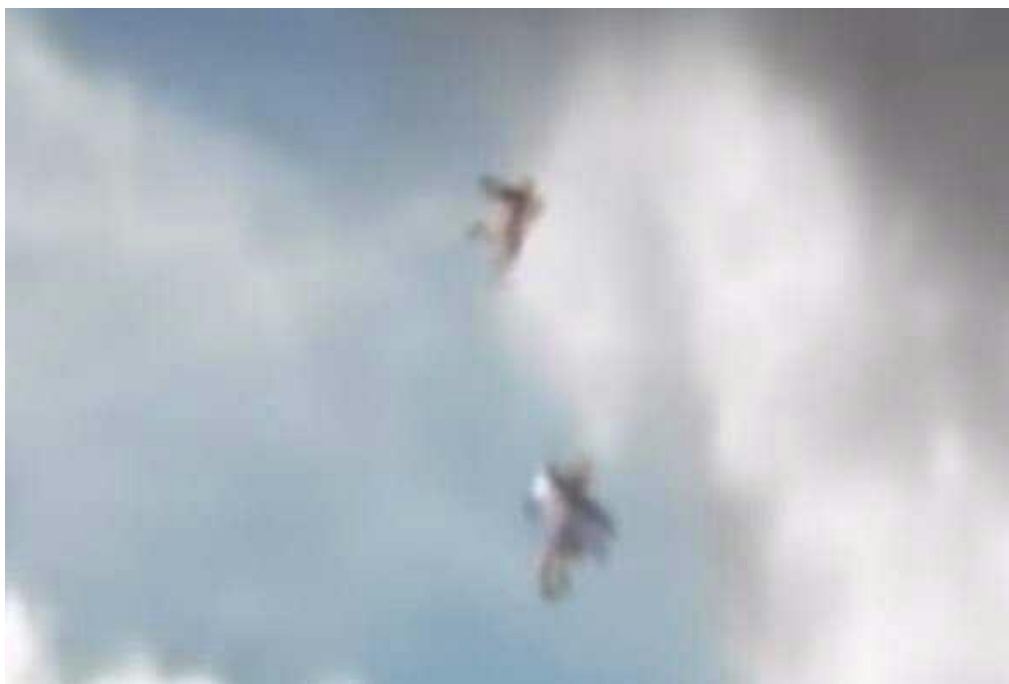
Disponível em:

<[https://www.google.com/search?q=imagem+gato+preto&rlz=1C1PRFI\\_enBR783BR783&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi8k9itp4\\_hAhX2E7kGHTKkA08Q\\_AUIDigB&biw=1024&bih=657#imgdii=6lgv-xxbEdHJKM:&imgsrc=W1SqiOG7937mGM](https://www.google.com/search?q=imagem+gato+preto&rlz=1C1PRFI_enBR783BR783&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi8k9itp4_hAhX2E7kGHTKkA08Q_AUIDigB&biw=1024&bih=657#imgdii=6lgv-xxbEdHJKM:&imgsrc=W1SqiOG7937mGM): > Acesso em: 17. Ago. 2018



Disponível em:

<[https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI\\_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbn=isch&sa=1&ei=YnSRXILYFau45OUPk5uemAE&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+seres+seres&oq=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+seres+seres&gs\\_l=img.3...1012359.1032116..1032311...1.0..1.274.8296.2-35.....2....1..qws-wiz-img.....0..0i67j0j35i39j0i7i30j0i8i7i30j0i8i30.1ySCqV3zraM#imgsrc=hwinD1RHx4-yzM](https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbn=isch&sa=1&ei=YnSRXILYFau45OUPk5uemAE&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+seres+seres&oq=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+seres+seres&gs_l=img.3...1012359.1032116..1032311...1.0..1.274.8296.2-35.....2....1..qws-wiz-img.....0..0i67j0j35i39j0i7i30j0i8i7i30j0i8i30.1ySCqV3zraM#imgsrc=hwinD1RHx4-yzM):> Acesso em: 17. Ago. 2018



Disponível em:

[https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI\\_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=a3iRXOr8KtbW5OUP6LWl4Ao&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+anjos&oq=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+anjos&gs\\_l=img.3..0.137502.139121..140278...0.0..0.300.1666.2-5j1.....1....1..gws-wiz-img.6VF8g84ELkU#imgsrc=eLOV1gW23wc21M](https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=a3iRXOr8KtbW5OUP6LWl4Ao&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+anjos&oq=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+anjos&gs_l=img.3..0.137502.139121..140278...0.0..0.300.1666.2-5j1.....1....1..gws-wiz-img.6VF8g84ELkU#imgsrc=eLOV1gW23wc21M): Acesso em: 17. Ago. 2018



Disponível em:

[https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI\\_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=TnmRXPasH-XK5gLQlZGIDQ&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+fantasmas&og=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+fantasmas&gs\\_l=img.3...3682.3682..4091...0.0..0.240.240.2-1.....1....1..gws-wiz-img.NidpWqnXPhE#imgsrc=0ND8ALuWvs0oiM](https://www.google.com/search?rlz=1C1PRFI_enBR783BR783&biw=1024&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=TnmRXPasH-XK5gLQlZGIDQ&q=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+fantasmas&og=imagens+de+apari%C3%A7%C3%B5es+de+fantasmas&gs_l=img.3...3682.3682..4091...0.0..0.240.240.2-1.....1....1..gws-wiz-img.NidpWqnXPhE#imgsrc=0ND8ALuWvs0oiM): Acesso em: 17. Ago. 2018

**ANEXO 4 - Corpus literário****Flor, telefone, moça – Carlos Drummond de Andrade**

Por

**Revista Prosa Verso e Arte**

Não, não é conto. Sou apenas um sujeito que escuta algumas vezes, que outras não escuta, e vai passando. Naquele dia escutei, certamente porque era a amiga quem falava, e é doce ouvir os amigos, ainda quando não falem, porque amigo tem o dom de se fazer compreender até sem sinais. Até sem olhos.

Falava-se de cemitérios? De telefones? Não me lembro. De qualquer modo, a amiga — bom, agora me recordo que a conversa era sobre flores — ficou subitamente grave, sua voz murchou um pouquinho.

— Sei de um caso de flor que é tão triste!

E sorrindo:

— Mas você não vai acreditar, juro.

Quem sabe? Tudo depende da pessoa que conta, como do jeito de contar. Há dias em que não depende nem disso: estamos possuídos de universal credulidade. E daí, argumento máximo, a amiga asseverou que a história era verdadeira.

— Era uma moça que morava na rua General Polidoro, começou ela. Perto do cemitério São João Batista. Você sabe, quem mora por ali, queira ou não queira, tem de tomar conhecimento da morte. Toda hora está passando enterro, e a gente acaba por se interessar. Não é tão empolgante como navios ou casamentos, ou carruagem de rei, mas sempre merece ser olhado. A moça, naturalmente, gostava mais de ver passar enterro do que de não ver nada. E se fosse ficar triste diante de tanto corpo desfilando, havia de estar bem arranjada.

Se o enterro era mesmo muito importante, desses de bispo ou de general, a moça costumava ficar no portão do cemitério, para dar uma espiada. Você já notou como coroa impressiona a gente? Demais. E há a curiosidade de ler o que está escrito nelas. Morto que dá pena é aquele que chega desacompanhado de flores — por disposição de família ou falta de recursos, tanto faz. As coroas não prestigiam apenas o defunto, mas até o embalam. Às vezes ela chegava a entrar no cemitério e a acompanhar o préstito até o lugar do sepultamento. Deve ter sido assim que adquiriu o costume de passear lá por dentro. Meu Deus, com tanto lugar para passear no Rio! E no caso da moça, quando estivesse mais amolada, bastava tomar um bonde em direção à praia, descer no Mourisco, debruçar-se na amurada. Tinha o mar à sua disposição, a cinco minutos de casa. O mar, as viagens, as ilhas de coral, tudo grátis. Mas por preguiça, pela curiosidade dos enterros, sei lá por quê, deu para andar em São João Batista, contemplando túmulo. Coitada!

— No interior isso não é raro...

— Mas a moça era de Botafogo.

— Ela trabalhava?

— Em casa. Não me interrompa. Você não vai me pedir a certidão de idade da moça, nem sua descrição física. Para o caso que estou contando, isso não interessa. O certo é que de tarde costumava passear — ou melhor, “deslizar” pelas ruínas brancas do cemitério, mergulhada em cisma. Olhava uma inscrição, ou não olhava, descobria uma figura de anjinho, uma coluna partida, uma águia, comparava as covas ricas às covas pobres, fazia cálculos de idade dos defuntos, considerava retratos em medalhões — sim, há de ser isso que ela fazia por lá, pois que mais poderia fazer? Talvez mesmo subisse ao morro, onde está a parte nova do cemitério, e as covas mais modestas. E deve ter sido lá que, uma tarde, ela apanhou a flor.

— Que flor?

— Uma flor qualquer. Margarida, por exemplo. Ou cravo. Para mim foi margarida, mas é puro palpite, nunca apurei. Apanhou com esse gesto vago e maquinal que a gente tem diante de um pé de flor. Apanha, leva ao nariz — não tem cheiro, como inconscientemente já se esperava —, depois amassa a flor, joga para um canto. Não se pensa mais nisso.

Se a moça jogou a margarida no chão do cemitério ou no chão da rua, quando voltou para casa, também ignoro. Ela mesma se esforçou mais tarde por esclarecer esse ponto, mas foi incapaz. O certo é que já tinha voltado, estava em casa bem quietinha havia poucos minutos, quando o telefone tocou, ela atendeu.

— Alôô...

— Quede a flor que você tirou de minha sepultura?

A voz era longínqua, pausada, surda. Mas a moça riu. E, meio sem compreender:

— O quê?

Desligou. Voltou para o quarto, para as suas obrigações. Cinco minutos depois, o telefone chamava de novo.

— Alô.

— Quede a flor que você tirou de minha sepultura? Cinco minutos dão para a pessoa mais sem imaginação sustentar um trote. A moça riu de novo, mas preparada.

— Está aqui comigo, vem buscar.

No mesmo tom lento, severo, triste, a voz respondeu:

— Quero a flor que você me furtou. Me dá minha florzinha.

Era homem, era mulher? Tão distante, a voz fazia-se entender, mas não se identificava. A moça topou a conversa:

— Vem buscar, estou te dizendo.

— Você bem sabe que eu não posso buscar coisa nenhuma, minha filha. Quero minha flor, você tem obrigação de devolver.

— Mas quem está falando aí?

— Me dá minha flor, eu estou te suplicando.

— Diga o nome, senão eu não dou.

— Me dá minha flor, você não precisa dela e eu preciso. Quero minha flor, que nasceu na minha sepultura.

O trote era estúpido, não variava, e a moça, enjoando logo, desligou. Naquele dia não houve mais nada.

Mas no outro dia houve. À mesma hora o telefone tocou. A moça, inocente, foi atender.

— Alô!

— Quede a flor...

Não ouviu mais. Jogou o fone no gancho, irritada. Mas que brincadeira é essa! Irritada, voltou à costura. Não demorou muito, a campainha tinha outra vez. E antes que a voz lamentosa recomeçasse:

— Olhe, vire a chapa. Já está pau.

— Você tem que dar conta de minha flor, retrucou a voz de queixa. Pra que foi mexer logo na minha cova? Você tem tudo no mundo, eu, pobre de mim, já acabei. Me faz muita falta aquela flor.

— Esta é fraquinha. Não sabe de outra?

E desligou. Mas, voltando ao quarto, já não ia só. Levava consigo a ideia daquela flor, ou antes, a ideia daquela pessoa idiota que a vira arrancar uma flor no cemitério, e agora a aborrecia pelo telefone. Quem poderia ser? Não se lembrava de ter visto nenhum conhecido, era distraída por natureza. Pela voz não seria fácil acertar. Certamente se tratava de voz disfarçada, mas tão bem que não se podia saber ao certo se de homem ou de mulher. Esquisito, uma voz fria. E vinha de longe, como de interurbano. Parecia vir de mais longe ainda... Você está vendo que a moça começou a ter medo.

— E eu também.

— Não seja bobo. O fato é que aquela noite ela custou a dormir. E daí por diante é que não dormiu mesmo nada. A perseguição telefônica não parava. Sempre à mesma hora, no mesmo tom. A voz não ameaçava, não crescia de volume: implorava. Parecia que o diabo da flor constituía para ela a coisa mais preciosa do mundo, e que seu sossego eterno — admitindo que se tratasse de pessoa morta — ficara dependendo da restituição de uma simples flor. Mas seria absurdo admitir tal coisa, e a moça, além do mais, não queria se amofinar. No quinto ou sexto dia, ouviu firme a cantilena da voz e depois passou-lhe uma bruta descompostura. Fosse amolar o boi. Deixasse de ser imbecil (palavra boa, porque convinha a ambos os sexos). E se a voz não se calasse, ela tomaria providências.

A providência consistiu em avisar o irmão e depois o pai. (A intervenção da mãe não abalara a voz.) Pelo telefone, pai e irmão disseram as últimas à voz suplicante. Estavam convencidos de que se tratava de algum engraçado absolutamente sem graça, mas o curioso é que, quando se referiam a ele, diziam “a voz”.

— A voz chamou hoje? indagava o pai, chegando da cidade.

— Ora. É infalível, suspirava a mãe, desalentada. Descomposturas não adiantavam, pois, ao caso. Era preciso usar o cérebro. Indagar, apurar na vizinhança, vigiar os telefones públicos. Pai e filho dividiram entre si as tarefas. Passaram a frequentar as casas de comércio, os cafés mais próximos, as lojas de flores, os marmoristas. Se alguém entrava e pedia licença para usar o telefone, o ouvido do espião se afiava. Mas qual. Ninguém reclamava flor de jazigo. E restava a rede dos telefones particulares. Um em cada apartamento, dez, doze no mesmo edifício. Como descobrir? O rapaz começou a tocar para todos os telefones da rua General Polidoro, depois para todos os telefones das ruas transversais, depois para todos os telefones da linha dois-meia... Discava, ouvia o alô, conferia a voz — não era —, desligava. Trabalho inútil, pois a pessoa da voz devia estar ali por perto — o tempo de sair do cemitério e tocar para a moça — e bem escondida estava ela, que só se fazia ouvir quando queria, isto é, a uma certa hora da tarde. Essa questão de hora também inspirou à família algumas diligências. Mas infrutíferas.

Claro que a moça deixou de atender telefone. Não falava mais nem para as amigas. Então a “voz”, que não deixava de pedir, se outra pessoa estava no aparelho, não dizia mais “você me dá minha flor”, mas “quero minha flor”, “quem furtou minha flor tem de restituir” etc. Diálogo com essas pessoas a “voz” não mantinha. Sua conversa era com a moça. E a “voz” não dava explicações.

Isso durante quinze dias, um mês, acaba por desesperar um santo. A família não queria escândalos, mas teve de queixar-se à polícia. Ou a polícia estava muito ocupada em prender comunista, ou investigações telefônicas não eram sua especialidade — o fato é que não se apurou nada. Então, o pai correu à Companhia Telefônica. Foi recebido por um cavalheiro amabilíssimo, que coçou o queixo, aludiu a fatores de ordem técnica... — Mas é a tranquilidade de um lar que eu venho pedir ao senhor! É o sossego de minha filha, de minha casa. Serei obrigado a me privar de telefone?

— Não faça isso, meu caro senhor. Seria uma loucura. Aí é que não se apurava mesmo nada. Hoje em dia é impossível viver sem telefone, rádio e refrigerador. Dou-lhe um conselho de amigo. Volte para sua casa, tranquilize a família e aguarde os acontecimentos. Vamos fazer o possível. Bem, você já está percebendo que não adiantou. A voz sempre mendigando a flor. A moça perdendo o apetite e a coragem. Andava pálida, sem ânimo para sair à rua ou para trabalhar. Quem disse que ela queria mais ver enterro passando. Sentia-se miserável, escravizada a uma voz, a uma flor, a um vago defunto que nem sequer conhecia. Porque — já disse que era distraída — nem mesmo se lembrava da cova de onde arrancara aquela maldita flor. Se ao menos soubesse...

O irmão voltou do São João Batista dizendo que, do lado por onde a moça passara aquela tarde, havia cinco sepulturas plantadas.

A mãe não disse coisa alguma, desceu, entrou numa casa de flores da vizinhança, comprou cinco ramalhetes colossais, atravessou a rua como um jardim vivo e foi derramá-los votivamente, sobre os cinco carneiros. Voltou para casa e ficou à espera da hora insuportável. Seu coração lhe dizia que aquele gesto propiciatório havia de aplacar a mágoa do enterrado — se é que os mortos sofrem, e aos vivos é dado consolá-los, depois de os haver afligido. Mas a “voz” não se deixou consolar ou subornar. Nenhuma outra flor lhe convinha senão aquela, miúda, amarrotada, esquecida, que ficara rolando no pó e já não existia mais. As outras vinham de outra terra, não brotavam de seu estrume — isso não dizia a voz, era como se dissesse. E a mãe desistiu de novas oferendas, que já estavam no seu propósito. Flores, missas, que adiantava?

O pai jogou a última cartada: espiritismo. Descobriu um médium fortíssimo, a quem expôs longamente o caso, e pediu-lhe que estabelecesse contato com a alma despojada de sua flor. Compareceu a inúmeras sessões, e grande era sua fé de emergência, mas os poderes sobrenaturais se recusaram a cooperar, ou eles mesmos eram impotentes, esses poderes, quando alguém quer alguma coisa de sua última fibra, e a voz continuou, surda, infeliz, metódica. Se era mesmo de vivo (como às vezes a família ainda conjecturava, embora se apegasse cada dia mais a uma explicação desanimadora, que era a falta de qualquer explicação lógica para aquilo), seria de alguém que houvesse perdido toda noção de misericórdia; e se era de morto, como julgar, como vencer os mortos? De qualquer modo, havia no apelo uma tristeza úmida, uma infelicidade tamanha que fazia esquecer o seu sentido cruel, e refletir: até a maldade pode ser triste. Não era possível compreender mais do que isso. Alguém pede continuamente uma certa flor, e essa flor não existe mais para lhe ser dada. Você não acha inteiramente sem esperança? — Mas, e a moça?

— Carlos, eu preveni que meu caso de flor era muito triste. A moça morreu no fim de alguns meses, exausta. Mas sossegue, para tudo há esperança: a voz nunca mais pediu.

Carlos Drummond de Andrade, no livro “Contos de aprendiz”. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

### Uma pose para a posteridade (Laura Bergallo)

— Olha o passarinhooo! — apelou a tia Milu, tentando acalmar a bagunça infernal.  
— Junta um pouco mais a Irene e o Caio... Maísa, abaixa aí na frente do Zeca...

Não adiantou. Estava todo mundo agitado demais, rindo e falando ao mesmo tempo, como em todas as festas da nossa família. Tia Milu posicionou de novo minha câmera digital de última geração, com 64 megapixels e zoom ótico de 8x, e bateu mais uma foto, a quinta ou sexta seguida, do mesmo grupo e na mesma pose. Mais uma vez o flash azulado iluminou, por uma fração de segundo, os rostos alegres e os sorrisos cheios de dentes dos adolescentes da família. Ela pensou que seria uma sorte se pelo menos uma daquelas fotografias saísse decente.

— Luana, dá uma olhada aí se por acaso alguma ficou boa. Tia Milu me estendeu a câmera, meio suplicante, mas eu estava muito mais interessada na conversa das primas sobre o último filme do Robert Pattinson.

Peguei a câmera e guardei na bolsa.

Em casa eu vejo isso, tia Milu. Mas é claro que devem ter saído todas ótimas.

Já estava ficando tarde, e dentro de pouco tempo todo mundo iria embora da festa. Que, aliás, tinha sido muito maneira. Mais um aniversário do vô Geraldo, com direito a jantar delicioso preparado pela vó Corina, mega bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro e todos os primos reunidos para colocar os papos em dia.

Acabei esquecendo a câmera na bolsa por quase uma semana. Ocupada estudando para as (terríveis) provas do último bimestre, só me lembrei de passar as fotos para o computador no sábado seguinte, depois que o Caio me pediu pelo MSN que as enviasse para o e-mail dele".

Então pluguei a câmera no notebook e comecei a copiar as imagens para o meu álbum virtual. E logo a primeira estava hilária: a Carol, sempre palhaça, tinha feito uma careta engraçadíssima, enquanto colocava um par de chifrinhos no Vítor, que sorria inocentemente sob o flash. Embora houvesse algumas meio tremidas e outras fora de foco, dava para aproveitar muita coisa daquelas fotos. O vovô aparecia em várias, sempre sorridente; os tios e as tias se amontoavam em outras tantas, se apertando para caber no quadro, mas a maioria das fotos era mesmo dos primos e primas, em grupos pequenos ou todos juntos, numa zona de fazer gosto.

Continuei copiando uma por uma, até que uma coisa meio estranha de repente chamou a minha atenção. Numa foto em que estavam a tia Rosália e os dois filhos, a Patrícia e o Zeca (o mais velho de todos os primos, maior gato, arquiteto formado e quase noivo), havia uma sombra meio enevoadada entre o Zeca e a irmã. Era uma coisa indefinível, sem uma cor determinada, nem um contorno evidente. Como se fosse uma nuvem esbranquiçada, uma fumaça leve, sei lá, uma coisa que eu nunca tinha visto antes em foto nenhuma.

Aí resolvi que era um defeito do arquivo ou da câmera, e pronto! Continuei olhando as outras imagens, pensando em escolher algumas para postar no meu blog.

Mas não fui longe. Umas quatro ou cinco fotos depois... lá estava novamente o Zeca... e lá estava a sombra! Confesso que, dessa vez, me deu um arrepio na espinha. Engolindo em seco, comecei a revisar as imagens novamente desde o início. E (coisa incrível!) onde estava o Zeca, lá estava a sombra. Mas só nas fotos do Zeca. Em nenhuma outra. Em nenhuma das milhares de outras. A sombra só estava naquelas em que o Zeca aparecia.

O mais curioso é que não havia nada nos pequenos Vídeos que a gente tinha feito com a mesma câmera. Nas imagens em movimento, lá estavam os tios, os

avós, os primos e a bagunça, lá estava o Zeca, e não havia sombra alguma. Era uma coisa esquisita que só aparecia mesmo nas fotos.

E com um detalhe intrigante: seus contornos iam sutilmente se definindo, a medida que uma foto sucedia a outra. O que nas primeiras imagens era simples nuvem etérea ia muito aos poucos tomando alguma forma; foto a foto, a fumaça ia se tornando lentamente mais densa... até que, nas últimas imagens feitas naquela noite, já dava para distinguir, com certo esforço, uma silhueta aparentemente humana. Mais ainda: na última fotografia da noite, aquela que a tia Milu tinha tirado do grupo de primos, a silhueta estava claramente de pé ao lado do Zeca... com uma das mãos em seu ombro!

Ou seja: a sombra estava posando para a foto! Comecei a ficar nervosa. E resolvi ligar para o primo Zeca.

Deve ter uma explicação, é óbvio – murmurou Zeca, depois de ter olhado as fotos, dado zoom e ampliado os detalhes.

– Embora eu não tenha ideia de qual seja.

Ele bem que tentava disfarçar, mas vi que tinha se impressionado bastante. Ficava chato admitir que estava com medo de uma fotografia e coisa e tal, ainda mais sendo homem e bem mais velho que eu. Mas notei que ele estava pálido e comentei isso na hora.

– Na verdade não ando me sentindo muito bem tentou justificar. Um cansaço, uma falta de disposição. Há uma semana que estou assim. Mas deve ser estresse por causa do meu mestrado, que tem me sugado todas as energias. Respirou fundo e voltou ao assunto:

–Vamos levar as imagens num fotógrafo amigo meu – propôs. – Ele vai poder explicar esse fenômeno.

E não perdemos mais tempo. Meia hora depois, estávamos no estúdio do Alvarenga, repórter fotográfico experiente que trabalhava com câmeras digitais. Ele copiou as fotos do pen drive que a gente tinha levado e começou a importá-las: para diversos programas. Durante um bom tempo, examinou os arquivos de todos os jeitos possíveis, imprimiu as fotos mais impressionantes, franziu a testa e coçou a cabeça. Até que finalmente confessou:

— Não tenho como explicar isso. Mas não pode ser problema dos arquivos, nem da câmera. Só posso dizer que... essa coisa devia realmente estar lá.

Zeca ficou mais branco ainda. E o Alvarenga continuou: — Se eu fosse você, levava essas imagens para um padre, um pai de santo, um médium... ou quem sabe um entendido em alienígenas?

Tive vontade de rir, embora estivesse trêmula. Entendido em alienígenas? Onde iríamos arrumar uma coisa dessas? De qualquer jeito, antes de seguirmos os (meio bizarros, na minha opinião) conselhos do fotógrafo Alvarenga, resolvemos fazer mais alguns procedimentos experimentais por nossa própria conta.

— Preciso que você tire algumas fotos minhas -pediu o Zeca, tentando dissimular a apreensão estampada nos olhos um tanto cansados. -Vou arranjar urnas outras câmeras, mas por enquanto não vamos contar nada disso para mais ninguém, combinado?

Guardar esse segredo não estava me agradando nada. E se aquilo fosse alguma coisa realmente perigosa para o Zeca? Sem contar o medo enorme que eu mesma estava sentindo, que me fazia ter vontade de sair dali correndo e contar tudo para todo mundo. Era muita responsabilidade, mas resolvi concordar por enquanto. Então, com outras três câmeras emprestadas, comecei a tirar outras fotos do primo.

Ele devia mesmo andar muito esgotado pelo mestrado. Porque, enquanto eu o enquadrava através do Visor da câmera, ia percebendo que seu rosto parecia estranhamente descorado e que ele tinha o olhar embaçado e triste, sublinhado por profundas olheiras. Mais estranho ainda: eu tinha a exata impressão de que tudo isso ia vagorosamente ficando pior à medida que eu batia as fotos. Ou seja, a cada foto tirada, o olhar dele se embaçava mais um pouco, suas olheiras ficavam mais cinzentas e a cor ia fugindo de seu rosto. Mas isso não era tudo. — Caraca... — Foi só o que ele conseguiu dizer, depois de se surpreender com as várias fotos que eu tinha acabado de tirar.

Olhei também. E vi que de fato era terrível, mas era mais do mesmo. Porque, em pé, toda aprumada ao lado dele, ela continuava lá: sempre a sombra, a silhueta misteriosa, cada vez mais nítida, embora ainda irreconhecível... sempre com a mão fluida pousada em seu ombro.

Foi quando começamos urna odisseia por igrejas, templos, terreiros e centros espíritas para tentar descobrir o que podia ser aquilo. Estava difícil achar o “entendido em alienígenas”, mas a gente não desistiu até que encontrou um militar apo. sentado que dizia entender do assunto. É São Jorge jurou o pai de santo, absolutamente convicto. — Seu anjo da guarda garantiu o padre para o Zeca. — Sem dúvida nenhuma, um espírito desencarnado explicou o médium espírita. Mas foi o pastor evangélico quem realmente me deixou aterrorizada: — Dá pra reconhecer de longe disse ele, fazendo um suspense teatral e revirando os olhos na direção do céu. Está na cara que é Satanás!

Satanás ou não, aquilo estava mesmo ficando apavorante. E o militar aposentado nos apavorou mais ainda: Quando eu pilotava aviões, vi muitos OVNI's voando por aí. Sei que os extraterrestres estão entre nós, e que muita gente já foi abduzida para ser cobaia de experiências horríveis. Esse aí da foto deve ser um deles. Foi então que notei que o Zeca estava ficando ainda mais pálido. Não sabia se era simplesmente por causa do medo, mas não dava para ignorar que sua pele embranquecia a olhos vistos. Achei que era hora de acabar com aquilo. — Não acha melhor a gente esquecer essa história? — Simplesmente não posso » suspirou ele, em tom soturno. Tenho que ir até o fim agora. E preciso que você me ajude.

Eu até estava disposta a ajudar. Afinal, o Zeca era um primo muito querido, daqueles primos mais velhos por quem a gente, desde criança, tem uma quedinha inconfessável. Mas eu tinha sérias dúvidas sobre a eficácia da ajuda que ele esperava de mim.

— O único jeito é tirar mais fotos, muitas fotos -decretou ele, de repente, parecendo meio exasperado. --Já reparou que a silhueta fica mais definida a cada foto que a gente tira? Se tiramos muitas outras, vai chegar o momento em que vamos conseguir ver o rosto do espectro. Tinha lógica, isso é verdade. Mas também tinha efeitos colaterais. Que eu não sabia como explicar para o Zeca... Como dizer para ele que eu notava que sua palidez e abatimento aumentavam a cada nova foto que era batida? Como dizer que ele parecia mais debilitado depois de cada novo flash? Como descrever o estranho mistério que fazia com que a sombra ganhasse vida na imagem à medida que ele definhava na vida real? Insisti para que esquecesse o assunto:

— Ainda acho melhor deixarmos isso para lá. Há coisas que não têm explicação e pronto.

— Se você não topar, posso encontrar quem topa. — falou, decidido, mas com voz sumida (até sua voz parecia fraca). — Só espero que minha priminha não me decepcione assim...

Até hoje me arrependo amargamente de não ter resistido mais naquele momento. De não ter protestado, caído fora, dito a ele que não topava. De não ter parado com aquilo enquanto ainda era tempo. De ter me metido até o pescoço naquela história horrível de horror.

— Está bem — aceitei de súbito, sem nem entender por quê. — Vamos tirar mais fotos então.

E seguimos direto para o pequeno apartamento dele. Lá, sozinhos, começamos a mais bizarra sessão de fotos que se pode imaginar. Zeca se sentou no sofá-cama, eu peguei uma das câmeras e bati a primeira fotografia.

Então passamos a imagem para o computador, a fim de vê-la numa tela maior. Como a gente já esperava, lá estava a sombra, sentada ao lado do primo, parecendo mais definida que nunca, com os contornos do rosto começando a se desenhar.

Olhei na hora para o Zeca. Parecia que ele tinha emagrecido de repente. Seus lábios estavam quase transparentes de tão lívidos. Suas olheiras tinham afundado mais. Novamente tentei parar:

— Já chega eu disse, com o coração batendo na garganta. — Isso não está te fazendo bem.

Mas ele implorou, num gemido:

— Não podemos parar agora... por favor, Luana. Já estamos quase conseguindo ver a cara dessa coisa. Só mais uma, vai."

Meu medo lutava contra minha curiosidade. Sem n pensar direito, peguei outra câmera, como se mudar de (: pudesse resolver alguma coisa (sempre fui dada a pensamentos mágicos)" E bati mais uma fotografia.

— Olha isso.". eeforgou-se ele para su surf r razão cada vez mais lenta e pesada.

A imagem da tela do computador mostrava agora um rosto quase humano, quase real, mas ainda impossível de distinguir. De qualquer modo, faltava muito pouco. Muito pouco para a sombra se desvendar.

Entusiasmada pelos progressos conseguidos, num impulso instintiva ajeitei novamente a câmera e me preparei para fazer outra foto. Mas meu dedo parou no ar, a meio caminho de pressionar o obturador, porque tomei um susto horrível quando encarei o Zeca.

Pouco mais que um fantasma. Era nisso que meu lindo primo mais velho havia se transformado. Estava magro como um esqueleto descarnado, sua pele era macilenta e fria, tinha os gestos arrastados e o olhar vazio. Ele agora não passava de uma sombra do que fora um dia. E a culpa era toda minha! Soltei um protesto esganiçado:

— Chega! Não vou continuar com essa loucura!

E fiquei pasma quando ele insistiu, reunindo as forças que ainda lhe restavam:

— Mais... uma... foto só. Prometo... que vai... ser a última.

— Nem pensar! — respondi gritando. Então... eu mesmo faço.

Fui tomada por um pânico indescritível. Larguei a câmera junto das outras sobre o sofá e sai correndo porta afora. Parei no hall do elevador e me encostei na parede, ofegante, enquanto apertava o botão freneticamente. O elevador estava no térreo, Pensei em fugir pelas escadas, mas minhas pernas tremiam tanto que seria

impossível descer 2 andares. Foi quando ouvi o barulho do clique da máquina. Será que o Zeca tinha tirado uma foto de si mesmo?

A porta do apartamento continuava aberta atrás de mim, mas eu não tinha coragem de entrar para ver nada. Um vento gelado e um uivo sobrenatural de repente escaparam lá de dentro, e foi aí que eu percebi, horrorizada, que o pior tinha mesmo acontecido.

—Zeca! — chamei aos berros.

Silêncio total. De repente, tudo parecia estranhamente sossegado, como se o inevitável tivesse, finalmente, se cumprido. Entre soluços, me arrastei de volta até onde meu primo estava.

Mas ele não estava mais lá.

Sobre o sofá vazio do-apartamento deserto, as três câmeras jaziam ligadas e quietas. Peguei uma por uma, para ver a última foto armazenada. Nada de novo na segunda também.

Mas a foto que encontrei na terceira câmera quase me fez desmaiar de espanto. a silhueta agora estava ali sozinha e revelada, nítida e óbvia, placidamente recostada no sofá-cama, com um sorriso amplo e tenebroso no rosto calmo.

Nunca mais ninguém soube do primo Zeca.

BERGALLO, Laura. *Cibermistérios e outros horrores*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

Alfredo, enternecido com a melancolia que machucava os meus olhos, passou de leve na minha face a sua áspera língua. Levantando-me, puxei-o pela corda e fomos descendo lentamente a setra.

Sim. Cansado eu vim, cansado eu volto.

## O HOMEM DO BONÉ CINZENTO

"Eu, Nabucodonosor, estava sossegado em minha casa, e florescente no meu palácio."

(*Daniel*, IV, 1)

O culpado foi o homem do boné cinzento.

Antes da sua vinda, a nossa rua era o trecho mais sossegado da cidade. Tinha um largo passeio, onde brincavam crianças. Travessas crianças. Enchiam de doce alarido as encovadas noites de inverno, cantando de mãos dadas ou correndo de uma árvore a outra.

A nossa intranquilidade começou na madrugada em que fomos despertados por desusado movimento de caninhões, a despejarem pesados caixotes no prédio do antigo hotel. Disseram-nos, posteriormente, tratar-se da mobília de um rico celibatário, que passaria a residir ali. Achei leviana a informação. Além de ser demasiado grande para uma só pessoa, a casa estava caindo aos pedaços. A quantidade de volumes, empilhados na espaçosa varanda do edifício, permitia suposições menos inverossímeis. Possivelmente a casa havia sido alugada para depósito de algum estabelecimento comercial.

Meu irmão Artur, sempre ao sabor de exagerada sensibilidade, contestava enérgico as minhas conclusões. Nervoso, afirmava que as casas começavam a tremer e apontava-me o céu, onde

se revolvavam o branco e o cinzento. (Pontos brancos, pontos cinzentos, quadradinhos perfeitos das duas cores, a substituíam-se rápidos, lépidos, saltitantes.)

Daquela vez, a mania de contradição me arrastara a um erro grosseiro, pois antes de decorrida uma semana chegava o novo vizinho. Cobria-lhe a cabeça um boné xadrez (cinzento e branco) e entre os dentes escuros trazia um cachimbo curvo. Os olhos fundos, a roupa sobrando no corpo esquelético e pequeno, puxava pela mão um ridículo cão perdigueiro. Ao invés da atitude zombeteira que assumi ante aquela figura grotesca, Artur ficou completamente transtornado:

— Esse homem trouxe os quadradinhos, mas não tardará a desaparecer.

...

Não foram poucos os que se impressionaram com o procedimento do solteirão. Os seus hábitos estranhos deixavam perplexos os moradores da rua. Nunca era visto saindo de casa e, diariamente, às cinco horas da tarde, com absoluta pontualidade, aparecia no alpendre, acompanhado pelo cachorro. Sem se separar do boné que, possivelmente, escondia uma calvície adiantada, tirava baforadas do cachimbo e se recolhia novamente. O tempo restante conservava-se invisível.

Artur passava o dia espreitando-o, animado por uma tola esperança de vê-lo surgir antes da hora predetermined. Não esmorecia, vendo burlados os seus propósitos. A sua excitação crescia à medida que se aproximava o momento de defrontar-se com o solitário inquilino do prédio vizinho. Quando os seus olhos o divisavam, abandonava-se a uma alegria despropositada:

— Olha, Roderico, ele está mais magro do que ontem! Eu me agastava e lhe dizia que não me aborrecesse, nem se ocupasse tanto com a vida dos outros.

Fazia-se de desentendido e, no dia seguinte, encontrava-o novamente no seu posto, a repetir-me que o homenzinho continuava definhando.

— Impossível — eu retrucava —, o diabo do magrela não tem mais como emagrecer!

— Pois está emagrecendo.

...

Ainda encontrava-me na cama, quando Artur entrou no meu quarto sacudindo os braços, gritando:

— Chama-se Anatólio!

Respondi irritado, retraindo a custo um palavrão: chamasse Nabucodonosor!

Repentinamente emudeceu. Da janela, surpreso e quieto, fez um gesto para que eu me aproximasse. Em frente ao antigo hotel acabara de parar um automóvel e dele desceu uma bonita moça. Ela mesma retirou a bagagem do carro. Com uma chave, que trazia na bolsa, abriu a porta da casa, sem que ninguém aparecesse para recebê-la.

Impelido pela curiosidade, meu irmão não me dava folga:

— Por que ela não apareceu antes? Ele não é solteiro?

— Ora, que importância tem uma jovem residir com um celibatário?

...

Por mais que me desdobrasse, procurando afastá-lo da obsessão, Artur arranjava outros motivos para inquietar-se.

Agora era a moça que se oculava, não dava sinal da sua permanência na casa. Ele, porém, se recusava a aceitar a hipótese de que ela tivesse ido embora e se negava discutir o problema comigo:

— Curioso, o homem se definha e é a mulher que desapa-  
rece!

Três meses mais tarde, de novo abriu-se a porta do casarão para dar passagem à moça. Sozinha, como viera, carregou as malas consigo.

— Por que segue a pé? Será que o miserável lhe negou dinheiro para o táxi?

Com a partida da jovem, Artur retornou ao primitivo interesse pelo magro Anatólio. E, rangendo os dentes, repetia:

— Continua enagrecendo.

Por outro lado, a confiança que antes eu depositava nos meus nervos decrescia, cedendo lugar a uma permanente ansiedade. Não tanto pelo magricela, que pouco me importava, mas por causa do mano, cujas preocupações cavavam-lhe a face, afundavam-lhe os olhos. Para lhe provar que nada havia de anormal no solteirão, passei a vigiar o nosso enigmático vizinho.

Surgia à hora marcada. O olhar vago, o boné enterrado na cabeça, às vezes mostrava um sorriso escarminho.

...

Eu não tirava os olhos do homem. Sua magreza me fascinava. Contudo, foi Artur que me chamou a atenção para um detalhe:

— Ele está ficando transparente.

Assustei-me. Através do corpo do homenzinho viam-se objetos que estavam no interior da casa: jarras de flores, livros, misturados com intestinos e rins. O coração parecia estar

dependurado na maçaneta da porta, cerrada somente de um dos lados.

Também Artur emagrecia e nem por isso fiquei aprensivo. Anatólio tornara-se a minha única preocupação. As suas carnes se desfaziam rapidamente, enquanto meu irmão bufava, pleno de gozo:

— Olhal! de tão magro, só tem perfil. Amanhã desaparecerá.

...

Às cinco horas da tarde do dia seguinte, o solteirão apareceu na varanda, arrastando-se com dificuldade. Nada mais tendo para emagrecer, seu crânio havia diminuído e o boné, folgado na cabeça, escurregara até os olhos. O vento fazia com que o corpo dobrasse sobre si mesmo. Tive um espasmo e lançou um jato de fogo, que varreu a rua. Artur, excitado, não perdia o lance, enquanto eu recuava atemorizado.

Por instantes, Anatólio se encolheu para, depois, tornar a vomitar. Menos que da primeira vez. Em seguida, cuspiu. No fim, já ansiado, deixou escorrer uma baba incandescente pelo tórax abaixo e incendiou-se. Restou a cabeça, coberta pelo boné. O cachimbo se apagava no chão.

— Não falei! — gritava Artur, exultante.

A sua voz foi ficando fina, longínqua. Olhando para o lugar onde ele se encontrava, vi que seu corpo diminuía espantosamente. Ficara reduzido a alguns centímetros e, numa vozinha quase imperceptível, murmurava:

— Não falei, não falei.

Peguei-o com as pontas dos dedos antes que desaparecesse completamente. Retive-o por instantes. Logo se transformou numa bolinha negra, a rolar na minha mão.

*Artur*